



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

MARLA DE RIBAMAR SILVA SILVEIRA

**NAS ENTRANHAS DO BUMBA MEU BOI:
Políticas e Estratégias para *Botar* o Boi de Leonardo na Rua**

São Luís
2014

MARLA DE RIBAMAR SILVA SILVEIRA

NAS ENTRANHAS DO BUMBA MEU BOI:

Políticas e Estratégias para *Botar o Boi de Leonardo na Rua*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Norton Figueiredo Corrêa

Silveira, Marla de Ribamar Silva

NAS ENTRANHAS DO *BUMBA MEU BOI*: Políticas e estratégias para *botar* o Boi de Leonardo na rua. / Marla de Ribamar Silva Silveira. – São Luís, 2014.

145f.

Impresso por computador (fotocópia)

Orientador: Prof.Dr. Norton Figueiredo Corrêa.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, 2014.

1. Bumba meu boi. 2. Tradição Cultural 3. Cultura Organizacional I. Título.

CDU: 394.2:061.232(812.1)(043.3)

MARLA DE RIBAMAR SILVA SILVEIRA

NAS ENTRANHAS DO BUMBA MEU BOI:

Políticas e Estratégias para Botar o Boi de Leonardo na Rua

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Norton Figueiredo Corrêa

Aprovada em: 29/01/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Norton Figueiredo Corrêa (Orientador)
Doutor em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Jarbas Couto e Lima
Doutor em Linguística
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Francisco José Araújo
Doutor em Sociologia
Universidade Estadual do Maranhão

Ao meu filho Ícaro, minha vida;

Ao meu esposo Ricarte, meu amor;

Ao Mestre Leonardo, com carinho

(em memória).

AGRADECIMENTOS

A Deus, poderoso e justo, por se fazer presente em todos os momentos de minha vida;

A São João e São Benedito, pelas bênçãos;

Ao Me. Ricarte Almeida Santos, pela rica contribuição, pelo incentivo, pela paciência, por tudo e muito mais;

Ao Prof. Dr. Norton Corrêa, pela orientação e atenção especial;

À minha mãe, Delzuita, por cuidar de mim e do meu filho;

À minha irmã, Jodelma; sobrinhas, Duda e Nanda e cunhado, Eduardo;

À Regina Avelar Santos, pela atenção muito especial durante todo o período da pesquisa e até depois;

A todas as pessoas que integram o *Boi* e o tambor de crioula de Leonardo;

Aos amig@s do PGCULT, em especial, os integrantes da equipe nº1: Rômulo, Alberto e Helyne.

Aos amigos queridos Flávio Freitas e Irinaldo Sobrinho (mi hermano el Barba Negra), pela amizade sincera que surgiu no curso dessa história;

Ao meu mestre Joãozinho Ribeiro, companheiro-camarada de muitas conspirações culturais;

Aos amigos Arlindo Carvalho e Artemio Raskólnikov, pela colaboração;

Aos professores Silvano Bezerra, Jarbas Couto, Marcia Manir e Reinaldo Portal.

Ao Prof. Dr. Francisco Araújo, pelas preciosas considerações;

Aos amigos de trabalho do Hospital Universitário-HUUFMA: Paulo Cruz, Vania Cantanhede, Glauce Gonçalves, Claudine Câmara, Denise Alves e Rafael Lima.

*“Boi para uso de quem,
Num turismo de encomenda,
Encobre o nada que tem
Com o mito que se desvenda”*

José Chagas, *Maré memória*, 1973.

RESUMO

O presente trabalho investigou as principais estratégias e políticas, internas e externas, articuladas e desenvolvidas pela *ama/dona* do *Bumba meu boi* da Liberdade - o *Boi* de Leonardo, para assegurar o legado deixado por seu pai, Leonardo, grande mestre e símbolo da tradição do *Boi* do Maranhão e eminência de grande prestígio do *sotaque* de *zabumba*. Legado que corresponde à sua postura de fidelidade e compromisso à promessa que tem como obrigação *botar o Boi na rua*. Para tentar identificar e interpretar as configurações que envolvem esse universo da cultura popular maranhense, partiu-se para um trabalho etnográfico ancorado nos pressupostos da Teoria Cultural de Geertz (2012), tendo como fio-condutor, entretanto, para levar à identificação e análise das estratégias e políticas desenvolvidas internamente e externamente no *Boi*, os princípios da Teoria de Marcel Mauss (2003) sobre as trocas sociais ou dádivas e nesse percurso identificando a cultura organizacional empreendida por Leonardo e atualizada por Regina, herdeira do *Boi*, aproximando a dinâmica de uma organização familiar cultural, tradicional, da lógica organizacional moderna ante às transformações sociais, política e econômicas contemporâneas..

PALAVRAS-CHAVE: *Bumba meu boi*. Tradição Cultural. Cultura Organizacional.

ABSTRACT

The present study investigated the main strategies and politics, internal and external, articulated and developed by mistress/owner of *Bumba meu boi* of *Liberdade* – *Boi* of Leonardo, to ensure the legacy left by its father, Leonardo , great teacher and symbol of traditional *Boi* of Maranhão and eminence of great prestige accent *zabumba*. Legacy that matches his attitude, loyalty and commitment to the promise that it is his duty to put the *Boi* on the street. To try to identify and interpret the settings that involve the universe of Maranhão popular culture, we broke into a grounded ethnographic work supported by the theoretical assumptions of the Cultural Theory of Geertz (2012), having as its guideline, however, to lead to the identification and analysis of the strategies and policies developed internally and externally in *Boi* , the principles of the Theory of Marcel Mauss (2003) on social exchanges or gifts, and identifying, on that path, the organizational culture undertaken by Leonardo and updated by Regina, heiress of the *Boi*, approaching dynamics of a traditional cultural family organization, of modern organizational logic compared to social, contemporary political and economic transformations.

KEYWORDS: *Bumba meu boi*. Cultural Tradition. Organizational Culture

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	09
1	REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1	O FIO-CONDUTOR DO TRABALHO	20
1.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE	23
1.3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA O <i>BUMBA MEU BOI</i>	26
2	A DINÂMICA DO <i>BUMBA MEU BOI</i> MARANHENSE	28
2.1	O AUTO	31
2.2	OS SOTAQUES	34
3	BOI DE LEONARDO: Fidelidade e tradição	39
3.1	A FAZENDA DO BOI DE LEONARDO	45
3.2	OS PREPARATIVOS PARA AS FESTAS	49
3.3	O <i>TAMBOR DE CRIOLA</i> DE LEONARDO	51
3.4	LEONARDO: Um <i>amo</i> completo.....	53
3.5	A <i>AMA</i> REGINA: Herdeira de sangue e documento	57
4	O BOI DA LIBERDADE: Cultura Organizacional e Tradição Cultural.	62
4.1	UMA ORGANIZAÇÃO COMPLEXA, CULTURAL E FAMILIAR	75
4.2	FILHA DE DOCUMENTO: O processo sucessório na organização	77
5	NAS ENTRANHAS DO <i>BUMBA MEU BOI</i>: Questões estratégicas para estabelecer políticas de produção e sobrevivência	82
5.1	POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS INTERNAS OU ENDÓGENAS	89
5.1.1	Regina: Uma <i>ama</i> de salto alto e pés no chão!	94
5.2	POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS EXTERNAS OU ENXÓGENAS	97
6	CONCLUSÃO	101
	REFERÊNCIAS	104
	ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

A cultura popular maranhense é altamente rica na diversidade de ritmos, danças, formas, saberes, sabores e coloridos. O *Bumba meu boi* ou simplesmente *Boi*, como será muitas vezes utilizado neste trabalho, é a mais recorrente e conhecida expressão cultural do Estado Maranhão.

O *Bumba meu boi* é uma manifestação cultural configurada em um auto-popular religioso que mistura influências diversas: indígenas, ocidentais e africanas, simbolizando as principais etnias formadoras do povo brasileiro, num relato popular e dramatizado das relações sociais patrão-subalternos – para celebrar a fé e a devoção a Santos do catolicismo, em especial, São João, Santo Antônio, São Pedro e São Marçal. Envolve em sua realização, artes visuais, como os belíssimos e ricos bordados nas indumentárias e no couro do *Boi*, feitos com paetês, canutilhos e contas de vidro ou miçangas, além de teatralidade, música e dança. Talvez, para não dar pretexto a perseguições e repressão de que sempre foi vítima, o *Boi*, embora seja uma manifestação religiosa, é denominado de “*brincadeira*”, por seus integrantes, que chamam a si mesmos de “*brincantes*”. Em respeito à sua natureza, ligada ao contexto religioso-popular, evitou-se utilizar estes termos, preferindo outros termos para denominar a manifestação cultural e os seus integrantes.

A personagem protagonista no *Bumba meu boi* maranhense é um boi, representado por uma armação de madeira coberta de pano, que imita o animal verdadeiro. Debaixo dele fica um dançarino, o *miolo*, que precisa ser muito hábil para cumprir os movimentos entendidos como corretos, pelos *amos* e público apreciador. As demais personagens são: *pai Francisco*, mãe *Catirina*, os *vaqueiros* ou, mais recentemente, *vaqueiras*, os *chapéus de fitas* (ou *rajados*), *índios* e *índias* (ou *tapuias*), os *cazumbas* (ou *cazumbás*), o *amo*, que vem ser o cantador e/ou dono do *bumba meu boi*, depende do *sotaque*¹ – a modalidades ou o estilo rítmicos que divide os diferentes grupos de *bumba meu boi*. Os principais tipos de *sotaques* são: de *zabumba* ou de *Guimarães*; de *matraca* ou da *ilha*; da *baixada* ou de *Pindaré*; *Costa-de-mão* ou de *Cururupu*; e *sotaque de orquestra*.

As apresentações em espaços, praças e/ou *arraiais* garantem grande visibilidade aos grupos de *Bois*, o que lhes garantem oportunidades para novos

¹Uma abordagem sobre os tipos de *sotaques* do *Bumba meu boi* do Maranhão é apresentada no capítulo seguinte.

contratos, para outras apresentações, geralmente em espaços privados, eventos comerciais, empresariais, festas comunitárias e até familiares. Todo esse processo festivo, celebrativo, já também operando sob a lógica do espetáculo, contribui para a formação de plateia, também garantindo novos admiradores, apreciadores e adeptos das diversas manifestações de *Bumba meu boi*. Por outro lado, na medida em que toda essa exposição gera o aumento ou a preservação do prestígio de uma manifestação tradicional, fortalecendo a legitimidade do grupo ou dos grupos, pode, igualmente, representar outros riscos a essa manifestação da cultura popular.

O ciclo da festa do *Bumba meu boi* no Maranhão compreende as várias etapas para a sua realização, que se encadeiam simbolicamente, como num ciclo lógico e significativo, que, nos diferentes *sotaques* segue, em geral, as mesmas etapas, mas não são todos, por isso, o ciclo ora apresentado tem como base os *Bois* de caráter mais tradicional, com destaque para os de *sotaque de zabumba*. Tudo começa com os ensaios internos (os *treinos*), em seguida vêm os externos, realizados na rua (o último é o denominado “*ensaio redondo*”); depois acontece o *batizado*, ritual que simboliza o início das *apresentações públicas*; e finaliza com a *morte do boi*.

Os *treinos* significam a etapa que antecede os ensaios na rua; têm como marco o sábado de Aleluia; É quando os *cantadores* ou *cabeceiras*, como são chamados no *Boi sotaque de zabumba*, se reúnem para mostrar as *toadas* do ano; Estas são escolhidas pelo *amo/dono* do *Boi* e as *torcedoras*, seguidoras do grupo, são, em maioria, idosas. Espécie de “velha guarda”. Essa fase acontece dentro da sede do *Boi*.

Os *ensaios de rua* reúnem os brincantes para tomarem ciência e aprenderem as *toadas* novas; Dura a noite toda, até o clarear do dia; É uma oportunidade, no caso de certos *Bois*, de o grupo arrecadar dinheiro com a venda de bebidas.

O *batizado* do *Boi* é uma cerimônia muito importante por ser carregada de significados místicos, na medida em que a figura do *boi (animal)* torna-se fundamental, é um rito das trocas de bênçãos entre o Santo e o *Boi (grupo)*²,

²No *Bumba meu boi* existe dois significados para o mesmo termo “boi”. Pode ser o grupo dessa manifestação da cultura popular, como pode ser o *brincante*, uma armação de madeira coberta com couro feito de pano e todo trabalhado no bordado de pedras e lantejoulas. Para diferenciá-los neste trabalho, um é escrito com a letra inicial maiúscula e o outro com minúscula, respectivamente..

pedindo e recebendo a proteção do Santo para todo o período das apresentações. Ou seja, em torno do *Boi* é envolvida toda uma simbologia nesse ato de batismo, nessa celebração. Acontece nos moldes do batizado católico, com padrinhos, vela, água benta, as vestes (o *couro* novo) e ladainha. Tudo acontece em frente ao altar presente nas casas. Além do sentido simbólico das trocas, das dádivas, das homenagens ao Santo *versus* bênçãos divinas, que compõem o contexto do sagrado, é o momento de apresentação do novo *couro*, que traz consigo a reafirmação de símbolos que conferem significados e expressão ao *Boi*, motivo de festa e muita bebida. A maioria dos grupos batiza o *Boi* no dia 23 de junho, véspera de São João.

As *apresentações públicas* são, de fato, as aparições do *Boi*, mostrando toda a sua expressividade e beleza, provocando satisfação, encantamentos e emoções nos brincantes, apreciadores e seguidores da manifestação. É quando, finalmente o *amo/dono* bota o *Boi* na rua.

A *morte do boi* é outro momento importante de celebração e rito. Marca o encerramento das *apresentações públicas* e o *ciclo* anual do *Boi*, findando com a realização de uma grande festa, em geral, com duração de uma semana; O marco dessa celebração é a dramatização da morte do *boi* e ressurreição do animal, simbolizando a crença católica e, ao mesmo tempo, renovando a esperança do começo de um novo ciclo no ano seguinte.

As proporções e complexidade das festividades do *Bumba meu boi* são enormes no que se referem à duração, extensão (pela cidade e pelo estado), à densidade de significados e de relações, mas, principalmente, à intensidade de emoções e sentimentos que envolvem os participantes.

Toda essa pulsação rítmica, sonora, o exuberante colorido sobre as formas cuidadosamente desenhadas, a alegria emanada dos *brincantes* e dos apreciadores, a arte dos bordados, são elementos que constituem lembranças que povoam prazerosamente as minhas memórias. Essa admiração começou a se desenvolver desde os tempos de criança, quando ainda morava no interior. Nasci numa cidade histórica do Maranhão, Viana e cresci numa cidade onde ocorre o maior encontro de grupos de *Bois* sotaque da *Baixada* ou de *Pindaré*³ no Maranhão, o município de

³Esse encontro é realizado até os tempos atuais, existindo há 36 anos e chega a reunir em média 30 grupos de boi de matraca num grande. No ano de 2013, a emissora Globo de comunicações, apresentou uma reportagem sobre esse encontro de *Bois* no programa *Profissão Reporter*.

Matinha⁴. Esse encantamento pelo *Bumba meu boi* vem desde a infância. Certamente, influência de uma avó *cafuzá*, mulher de personalidade forte, que sempre deixou bem claro em casa, que festa boa para ela era a do dia 26 de junho, aquela onde se reuniam os vários grupos de *Bois sotaque baixada*.

Depois, a família veio morar em São Luís, no bairro do João Paulo⁵, onde também acontece um grande encontro de grupos de *Bois* da cidade, mas de sotaque diferente, *matraca* ou *sotaque da ilha*. Dessa maneira, continuei vendo e acompanhando essa festa, que atrai novos grupos de *Bois* e de apreciadores a cada ano. São outras lembranças, ainda gravadas na memória.

Por tudo isso, acompanhar as apresentações de *Bumba meu boi* sempre significou penetrar num mundo mágico que permite uma entrega aos contagiantes ritmos, cores, danças e artes. De lá para cá, me tornei uma espécie de *brincante* apreciadora. Mais tarde, durante e depois de minha formação universitária⁶, comecei, profissionalmente, a produzir eventos culturais, o que sem dúvida contribuiu para a compreensão de que *botar um Boi* na rua é semelhante a organizar, por exemplo, um festival de música, principalmente pelo aspecto do planejamento organizacional e da produção para a realização.

À medida que o tempo foi passando e o senso crítico se desenvolvendo, comecei a me dar conta das diferenças entre os grupos de *Bois*, em seus vários *sotaques*, como também certas transformações que estes sofriam ao longo do tempo. Aos poucos, essas diferenciações foram se tornando cada vez mais perceptíveis aos olhos desta apreciadora do *Bumba meu boi*.

O convívio com esses grupos permitiu perceber, também, que, por exemplo, são grandes o interesse e os esforços, por parte dos donos desses grupos, para que seu *Boi* se faça presente nos circuitos oficiais da capital e, se possível, em outros estados do Brasil e até mesmo no exterior. Foi a partir destas observações iniciais que veio a decisão de focar os procedimentos que tomam para realizar suas aspirações.

A escolha recaiu no *Boi* de Leonardo, como é conhecido, *sotaque de zabumba* ou de *Guimarães*, um dos mais antigos e seguramente o mais destacado

⁴Municípios localizados na região dos lagos maranhenses.

⁵Na Rua da Cerâmica, onde vivi durante 29 anos e, pelo fato de minha mãe ali residir, frequento quase que diariamente o bairro.

⁶Graduação em Biblioteconomia; Especialização em Gestão da Cultura e, no momento, em busca da conclusão do Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade.

entre os desta categoria. Em muitos momentos apresentado neste trabalho também como *Boi* da Liberdade, por ser sediado nesse bairro, em São Luís.

A convivência com o *Bumba meu boi* possibilitou perceber que o trabalho desses grupos para a organização, produção e manutenção do *Boi* é muito complexo. As mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais nas últimas décadas fizeram com que os grupos dependessem muito dos poderes públicos. Os *amos/donos* dos *Bois* têm que praticar uma série de estratégias e políticas internas (no grupo) e externas, para garantir as apresentações de seus grupos. Um *amo/dono* tem que administrar muitos problemas internos, como conflitos entre os participantes, estabelecer quem vai ocupar certas funções, os pagamentos para as costureiras que fazem as roupas, para quem borda as indumentárias e o couro, a distribuição dos cachês junto aos brincantes, a compra dos materiais, as condições para os ensaios, para a locomoção do grupo, as comemorações do *batizado* e da *morte* do *boi* etc. Mas há ainda os problemas de fora, como as relações com funcionários dos poderes públicos, políticos, patrocinadores de seus *Bois* e o público, elemento extremamente importante nessas relações externas. Eles gastam muito tempo durante o ano para *botar o Boi* na rua, esse processo é muito mais acelerado na medida em que se aproxima da época junina, assim afirmam. Durante os festejos, há outras tantas tarefas, como pressionar os integrantes para cumprir os horários das apresentações, para que não haja faltosos, que não consumam muita bebida alcoólica, que não dispersem ou não se percam do grupo, substituir os que faltam e até interferir em relacionamentos amorosos entre integrantes e tantas outras tarefas. Todas essas questões também envolvem estratégias, políticas e relações de poder entre o *amo* e os participantes de seu grupo, estes entre si, e do *amo* com o poder público e com a sociedade. Como os *Bois* hoje, não se apresentam apenas na temporada junina, mas podem ser contratados para se apresentar em outras épocas e lugares como eventos acadêmicos, particulares, institucionais, ocasiões turísticas etc, o trabalho de administrar o *Boi* é praticamente constante.

Desse modo, um *amo* de *Boi* desenvolve um conjunto de atividades, as mais diversas, durante quase todo ano, em vista de garantir as apresentações de seu grupo. Isto quer dizer que a dinâmica do *Boi* é muito mais que o momento da apresentação. Esta envolve um processo que se desenrola continuamente durante o ano inteiro. Este processo de produção do *bumba meu boi*, implica toda uma

logística, todo um conjunto de ações, que aqui é denominado “**as Entranhas do Boi**”, envolvendo a maioria do integrante, mas principalmente o *amo/dono*. Em meio a todo esse processo, foram verificadas relações de tensionamento, disputas, exercício de poder, mediação, negociações, acordos e trocas. O que suscitou as inquietações e os esforços acadêmicos de investigação desta pesquisa. Tendo como objetivo identificar os aspectos mais relevantes das políticas e estratégias, internas e externas, realizadas por integrantes de um grupo de *Bumba meu boi*, *sotaque de zabumba*, para *botar o Boi na rua*, tomando como objeto o *Boi* de Leonardo ou *Boi* da Liberdade.

A escolha pelo *Boi* de Leonardo como objeto da pesquisa ocorreu por ser um grupo dos mais antigos, tradicionais e representativos entre os grupos de *Bumba meu boi* de São Luís, por ser o mais destacado entre os grupos da categoria *sotaque de zabumba* e por ser de fácil acesso, devido à sua localização na cidade, o que facilitou a incursão investigativa. Para tal, se utilizou as vias que a Antropologia simbólica permite percorrer para a realização de uma descrição densa desse complexo fenômeno, fomentando o desenvolvimento de uma análise sobre tal manifestação popular.

As ferramentas metodológicas foram: a abordagem Etnográfica, a partir da Teoria da Antropologia Simbólica (ou Teoria Geral de Interpretação Cultural) e o conceito semiótico de cultura de Clifford Geertz (2012), tendo como fio condutor a Teoria das Trocas Sociais de Mauss; O método qualitativo; As técnicas de observação participante, história de vida e entrevistas; Os procedimentos metodológicos foram: bibliografia prévia, o trabalho de campo, interpretação das observações, transcrições de entrevistas; e a escrita do texto, direcionada pelas impressões acerca do que foi observado no trabalho de campo, nas entrevistas, nas bibliografias analisadas e pelas sugestões do professor-orientador.

A Teoria da Antropologia Simbólica em Geertz permite enxergar a cultura por meio de uma abordagem simbólica, em que o ponto global é o auxílio dos etnógrafos no acesso ao universo conceptual em que vivem os sujeitos da ação simbólica de forma a possibilitar conversas com eles, permitindo-os penetrar nesse novo mundo. (GEERTZ, 2012). Entretanto, o fio-condutor da pesquisa, que leva à identificação e análise das estratégias e políticas desenvolvidas internamente e externamente para *botar o Boi* na rua são os pressupostos da Teoria de Marcel Mauss (2003) sobre as trocas sociais. O autor entende que a dádiva, que ocupa o

centro do processo de trocas, fundamenta todo o fenômeno da sociabilidade e comunicação humana. O ato de doar algo a alguém enseja que este alguém se sinta obrigado a devolver ao doador algo que compense o que recebeu. Daí a expressão “obrigado”, que acompanha o recebimento: significa que o doado se empenha em deixar claro, por educação, que deve ao outro. Caso o valor da dívida que o doador ofereceu seja maior do que a oferecida, em troca, pelo recebedor, quem fica desqualificado é este.

Daí que, no âmbito da investigação sobre o *Boi* de Leonardo, através da descrição desenvolvida, observando as complexas relações que se dão nos procedimentos para *botar o Boi na rua - as entranhas* do processo, perguntas fundamentais para a realização da pesquisa foram surgindo, tais como: Quem são as pessoas que organizam e produzem o *Boi* de Leonardo? Como se dão essas relações internamente, entre eles? Que outras funções desempenham além das já realizadas no ritual do *Boi*? E em relação à *ama*, Quais fatores mais relevantes lhe dão prestígio e legitimidade, interna e externamente? Como constrói e mantém sua liderança? Como se deram essas relações, internas e externas, depois que o *Boi* se inseriu no contexto da chamada indústria cultural? Que estratégias desenvolvem, a *ama* e o grupo, para obter recursos e ao mesmo tempo manter a tradição no âmbito do chamado mercado de bens simbólicos?

Essas questões foram fundamentais, pois permitiram evidenciar o caráter de total complexidade do tema no qual se insere essa manifestação da cultura popular maranhense. As circunstâncias (tempo do mestrado) obrigaram a estabelecer limites, nesse sentido, levaram a eleger os aspectos mais evidentes e importantes dessas inquietações.

Essa descrição densa é construída a partir das categorias de análise *cultura popular e tradição*, possibilitando regular conteúdos simbólicos que identificam o grupo e ordenam suas relações, internas e externas, guiando assim à interpretação do que foi observado, vivido e ouvido na convivência com os *brincantes*/produtores do *Boi da Liberdade*.

O trabalho de campo foi de 7 de abril de 2012 a 15 de setembro de 2013, tendo a duração de dezessete meses, ou, mais precisamente, um ano, sete meses e uma semana em vivências como: participações de reuniões ordinárias e extraordinárias (aberta/fechada); treinos; ensaios; batizados; apresentações públicas variadas; acompanhamento de noites inteiras de apresentações; preparativos para

os festejos da morte do *Boi*; acompanhamento de confecção, reformas e bordados de indumentárias; preparos de refeições; Viagem à Santa Maria dos Vieiras/Porto Rico do Maranhão, lugar de origem do mestre Leonardo e maioria dos integrantes do grupo.

Nesse sentido, o material da pesquisa é resultante do trabalho de campo, transcrições de entrevistas, anotações do caderno de campo oriundas da vivência, tanto presencial quanto virtual, de fundamental importância a relação virtual efetivada com alguns integrantes do *Boi* da Liberdade pela rede social *Facebook*, que, a meu ver, configura uma inovadora forma de fazer observação participante, uma vez que o interlocutor não se encontra frente a frente, sentindo-se mais a vontade para expressar suas opiniões.

A esse material incluem-se, ainda, documentos produzidos pela Associação Junina da Liberdade; instituições culturais e algumas das mais significativas produções científicas que se referem ao *Bumba meu boi* do Maranhão e demais manifestações da cultura popular no Estado e também matérias jornalísticas, tanto impressas quanto de rádio, televisão e outras mídias.

O ato de escrever, é a etapa mais crítica desse processo de apreensão do conhecimento antropológico, abrange a observação participante e a relativização do conhecimento. A construção da interpretação do texto, à luz da etnografia de Geertz, nega uma estruturação normativa da narrativa e prioriza a descrição, análise e interpretação de uma sociedade ou cultura por meio de uma visão holística de um tema. Segundo Clifford Geertz (1988):

O fato de se escrever na primeira pessoa do singular (...) não significa, necessariamente, que o texto deva ser intimista. Deve significar, simplesmente – e quanto a isso creio que todos os pesquisadores podem estar de acordo –, que o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: [*nós*]. (*apud* OLIVEIRA, 2000, p.30)

Dito isso, a estrutura da dissertação, além desta introdução, tem seis capítulos, neles incluso as considerações finais que a encerra. O primeiro capítulo – **REFERENCIAL TEÓRICO**, apresentando os principais autores, como eles dialogam e como ajudam a compreender o fenômeno analisado.

O segundo capítulo – **A DINÂMICA DO BUMBA MEU BOI**, apresento a existência de diferentes tipos de sotaques e informações sobre o auto, que é a

representação teatral da história que envolve a apresentação do *Boi*; Este capítulo é fundamentado teoricamente em autores das fontes primeiras dos estudos acerca do *Bumba meu boi*: Mario de Andrade, Luís da Câmara Cascudo e Regina Prado; e pesquisadores de maior visibilidade no cenário local historiográfico, folclórico contemporâneo, como: Maria Michol Carvalho, Américo Azevedo Neto, Carlos de Lima, Zelinda Lima e José de Ribamar Reis; Mas, sobretudo, a partir da própria investigação, constitutiva inclusive, da memória de apreciadora dessa manifestação cultural.

O terceiro capítulo – **O BOI DE LEONARDO: Fidelidade e tradição**, está dividido em cinco sub-capítulos, em que são apresentadas as principais características desse grupo e dos *amos* do *Boi*, identificando e analisando suas semelhanças e diferenças, comportamentais, de pensamento e de comando frente ao grupo. Em meio à realidade atual, a convivência entre antigos e modernos, a discussão acerca da continuidade da manifestação e do grupo.

O quarto capítulo – **O BOI DA LIBERDADE: Cultura Organizacional e Tradição Cultural**, traz uma abordagem sobre o aspecto organizacional do *Boi* de Leonardo, formado por pessoas unidas por objetivos coletivos, que, juntas, preservam uma cultura organizacional erigida por seu fundador. Apresenta dois sub-capítulos que enfocam o caráter complexo do *Boi* de Leonardo enquanto organização familiar e cultural e a questão do processo sucessório nessa organização.

O quinto capítulo – **NAS ENTRANHAS DO BUMBA MEU BOI: questões estratégicas para estabelecer políticas de produção e sobrevivência**, a partir das observações de campo e entrevista, são apresentadas as estratégias e políticas, internas e externas, utilizadas para *botar* o *Boi* de Leonardo na rua, sobretudo as ações e negociações internas que garantem as apresentações públicas. Estas, por sua vez, dão sentido e significação à manifestação, num processo complexo e contínuo que, conseqüentemente, implica na sua produção e exprimem tradicionalidade, legitimidade e continuidade no tempo.

O sexto capítulo – **CONCLUSÃO**, traz o fechamento do trabalho, compartilhando o entendimento obtido sobre a realização das festas do *Bumba meu boi* no Maranhão.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem teórica conta com dois aportes, ambos com base em autores da “escola” da Antropologia Simbólica. Para o conceito de cultura, Clifford Geertz; e de Marcel Mauss, as questões que envolvem as trocas simbólicas de dádivas entre os integrantes do *Boi* e destes com as instâncias externas a eles, incluindo a sagrada. Tais aportes objetivam a compreensão de vários aspectos do fenômeno, enquanto manifestação cultural, através da interpretação de expressões simbólicas emitidas por seus praticantes, preferencialmente. Tais dados permitiram elaborar, em termos teóricos, uma análise do *Boi* de Leonardo (criação, existência e continuidade). O enfoque considera, também, que o grupo se caracteriza por ser portador de uma cultura organizacional criada por Leonardo e atualizada por Regina, herdeira do *Boi*, aproximando a dinâmica de uma organização familiar cultural, tradicional, da lógica organizacional moderna, imprescindíveis ante às transformações sociais, política e econômicas contemporâneas.

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz tem suas teorias veiculadas na obra ***A interpretação das culturas*** (2012). Nela, reúne vários ensaios em que critica o uso desenfreado do conceito de cultura e o reduz a uma dimensão justa num conjunto de ensaios que tendem a argumentar explicita e analiticamente um conceito de cultura teoricamente mais limitado, especializado e poderoso, na intenção de fugir do pantanal conceptual e eclético de conceitos diversos e gerais, que considera uma verdadeira difusão teórica.

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise (...) como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (2012, p.4)

De acordo com Geertz (2012), o objetivo da análise cultural é a lógica informal da vida real, voltada com exatidão para os comportamentos nas ações sociais, pois é assim que as formas culturais se articulam. “Quaisquer que sejam, ou onde quer que estejam esses sistemas de símbolos „em seus próprios termos”, ganhamos acesso empírico a eles inspecionando os acontecimentos”. (2012, p.13). Tal inspeção, evidentemente, demanda o convívio, quanto maior e intenso, melhor, com o objeto pesquisado.

Para Geertz é errado pensar a cultura a partir do seu aspecto conceitual, uma vez que são formas de obscurecer o entendimento desta, o que se deve indagar é a sua importância, o valor que ela agrega ao ser transmitida, já que o comportamento humano deve ser visto como ação simbólica, consistindo em “estruturas de significado socialmente estabelecidas”. (2012, p.8-9).

A descrição densa dos estudos antropológicos é resultante, segundo Geertz (2012):

(...) De nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem (...) pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja, está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma. (...) Nada há de errado nisso e, de qualquer forma, é inevitável. (2012, p.7)

A função da Teoria Cultural é proporcionar um vocabulário para que sejam expressas as intenções do ato simbólico sobre o papel da cultura na vida humana, construindo um verdadeiro repertório de conceitos que se entrelaçam na análise etnográfica descrita densamente – isto é, com o significado do ato, para o pesquisado - a fim de tornar as ocorrências dos atos sociais cientificamente eloquentes. Dessa maneira, “o objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas” (2012, p.19). Para tanto, Geertz argumenta que ao remodelar-se a estrutura das relações sociais, reordenam-se as coordenadas do universo experimentado uma vez que a cultura está nas formas das sociedades. (2012, p.20).

Para o antropólogo, a descrição densa tem quatro características, a saber: é interpretativa; interpreta o fluxo do discurso social; fixa o dito no discurso social em formas pesquisáveis; e é microscópica, porque viabiliza a descrição densa, após a incursão nas particularidades do meio cultural pesquisado e de suas dimensões simbólicas.

Outra importante característica da teoria de Geertz (2012) sobre a cultura é que ela não é profética, deve ser usada para investigar a importância não aparente dos significantes e “no estudo da cultura, os significantes são atos simbólicos ou conjunto de atos simbólicos que têm como objetivo a análise do discurso social”. (2012, p.19).

Para tanto, a teoria cultural funciona da seguinte maneira, numa ciência interpretativa:

O arcabouço teórico em termos dos quais é feita uma interpretação deve ser capaz de continuar a render interpretações defensáveis à medida que surgem novos fenômenos sociais. Apesar de se iniciar qualquer esforço para uma descrição minuciosa, além do óbvio e do superficial, a partir de um estado de confusão geral a respeito do que (...) está acontecendo (...) ninguém começa (ou não deveria começar) intelectualmente vazio. As ideias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo; (...) elas são adotadas de outros estudos relacionados e, refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos. (2012, p.19)

1.1 O FIO-CONDUTOR DO TRABALHO

O fio-condutor do trabalho etnográfico, entretanto, que leva à identificação e análise das estratégias e políticas desenvolvidas interna e externamente para *botar o Boi de Leonardo na rua*, é baseado na concepção de cultura enquanto símbolo, expressiva no pensamento de Marcel Mauss e sua Teoria das trocas sociais ou das dádivas, em especial, na obra ***O ensaio sobre a dádiva*** (2003), ao abordar a questão da troca e da reciprocidade como fundamentos da vida em sociedade.

Mauss entende que a dádiva, ocupa o centro do processo de trocas, fundamentando todo o fenômeno da sociabilidade e comunicação humana. Envolvem bens simbólicos e/ou bens concretos, objetos de valor (sentido econômico). Esse autor percebe a associação entre as “coisas que passam” e a ideia de tradição, no sentido de que *as coisas criam vínculos espirituais*, o que, para ele, configura *tradição*. (2003, p.142).

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. (2003, p.212)

De acordo com Mauss (2003), o ato de doar algo a alguém enseja que este alguém se sinta obrigado a devolver ao doador algo que compense o que recebeu. Daí a expressão “obrigado”, que acompanha o recebimento: significa que o doado se empenha em deixar claro, por educação, que deve ao outro. Caso o valor da dádiva que o doador ofereceu seja maior do que a oferecida, em troca, pelo recebedor, quem fica desqualificado é este. O autor ainda mostra que alguém pode provocar a deflagração de um contexto de trocas e as obrigações respectivas em

relação a alguém através de lhe doar algo. Dessa forma, as dádivas não são unicamente concretas, objetos de valor, por exemplo, num sentido puramente econômico, podem envolver bens simbólicos, como expressões de sentimentos, tais como: manifestações de amizade, apreço, respeito, homenagens etc. (MAUSS, 2003)

Tais princípios são muito importantes para entender aspectos fundamentais da dimensão social, política e cultural do *Bumba meu boi* maranhense, sobretudo pelo fato de essa organização em grupo ser guiada pelo compromisso de homenagear os Santos da festa, objetivando receber graças e proteção por parte destes. Nesse sentido, a teoria social das trocas simbólicas de Marcel Mauss (2003), instrumentaliza e pré-estrutura o olhar e sofisticada a capacidade de observação.

Para o exercício da pesquisa etnográfica foi fundamental a leitura da obra **O trabalho do antropólogo** (2000), do filósofo paulistano e Doutor em Sociologia Roberto Cardoso de Oliveira. Nela, o autor apresenta um conjunto de ensaios escritos entre os anos 1992 e 1997, em que reflete sobre as três dimensões do trabalho do antropólogo: *olhar*; *ouvir*; e *escrever*, articuladas entre si. Desenvolve ainda, um pensamento de fronteira interdisciplinar de grande fecundidade para a abertura de novos horizontes, de novas visões, problematizando questões inerentes à maneira de apreender o conhecimento das Ciências Sociais.

Segundo Cardoso de Oliveira (2000), *olhar*; *ouvir*; e *escrever* configuram-se em etapas estratégicas e complementares para o exercício da pesquisa etnográfica, segundo as quais “são atos cognitivos, construtores de saber, carregados de responsabilidades intelectuais específicas e que formam uma unidade, devido à dinâmica de sua interação, que assumem sentidos particulares e epistemológicos” (OLIVEIRA, 2000, p.18).

Segundo esse autor, domesticar teoricamente o olhar é a primeira atividade a ser feita pelo etnógrafo, uma vez que o objeto já é alterado desde o momento em que o pesquisador se sente preparado para ir a campo, para a investigação empírica, a partir do instante em que o objeto foi visualizado mentalmente; Para tanto, é preciso se valer de outro recurso de obtenção dos dados, o ouvir. E para que isso aconteça com eficácia, é essencial saber ouvir; Já a última etapa, escrever, é a mais crítica nesse processo de apreensão do conhecimento antropológico, uma vez que abrange a observação participante e a relativização do conhecimento. (OLIVEIRA, 2000)

Para um olhar mais amplo sobre a organização do *Bumba meu boi* adotou-se a noção de **cultura popular** assimilada à de **folclore** de acordo com Renato Ortiz (2005), que “apesar da diversidade, (...) recupera invariavelmente a ideia de „tradição“, seja na forma de tradição-sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo da práxis” (ORTIZ, 2005, p.70). O conceito de folclore segue o pensamento de Roger Bastide (1959), segundo o qual inclui “todos os elementos culturais que constituem soluções usuais e costumeiramente admitidas e esperadas dos membros de uma sociedade, transmitidas de geração a geração por meios informais” (BASTIDE, 1959, p.47).

O folclore se objetiva por meio de elementos culturais de ordem variável: como um artefato, certa técnica de cura ou determinado processo de lidar com a madeira e a pedra. O que cai nos limites do folclore, em casos semelhantes, não é o artefato, a técnica ou o processo como tais. Mas, as emoções, os conhecimentos e as crenças que lhes são subjacentes. (BASTIDE, 1959, p.9)

Para entender a aproximação das manifestações da Cultura Popular Maranhense às estruturas de poder assim como a considerável dependência e, sobretudo, analisar a manutenção de um *Boi* tradicional, como é o de Leonardo, num contexto de modernidade, portanto, submetido a uma dinâmica política e econômica também de apelo mercadológico, recorreu-se aos conceitos de **Poder Simbólico** e de **Indústria Cultural** empregados por Bourdieu (2002) e por Adorno & Horkheimer (1985), respectivamente.

Num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte, (...) é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem. (BOURDIEU, 2002, p.8)

A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela forma a união dos domínios, separados há milênios da arte superior e da arte inferior. Com prejuízo de ambos. A arte superior se vê frustrada de sua seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior perde, através de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rude, que lhe era inerente. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985)

1.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

As categorias de análise empregadas são **tradição** e **cultura organizacional**.

A categoria de análise **tradição**, aqui, concebida como um conjunto de significados, símbolos e sentidos configurados a permanecer ao longo do tempo, porém não enclausurada em si mesma, mas exposta aos riscos empíricos de ordem social, cultural, econômica e política.

O conceito seguido é o de tradição inventada do historiador Eric Hobsbawn (2008):

Tradição inventada significa um conjunto de práticas (...) de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado. (HOBSBAWN, 2008, p.10)

Hobsbawn (2008) defende o conceito de *tradição* enquanto sistema de práticas tacitamente regulares e aceitas, rituais ou simbólicas, que pretensiosamente visam, por meios repetitivos, estabelecer valores e normas de comportamento, imbricando numa relação de continuidade com o passado. Assim, a tradição inventada é inserida num passado histórico, que não necessariamente precisa ser distante no tempo, remoto. Porém, esta tradição é resultante de circunstâncias novas que evidenciam uma continuidade artificial com o passado histórico na medida em que existem situações anteriores como referência, tendo como pano de fundo, as transformações e inovações do mundo moderno e a experiência de manter imutável e invariável a estrutura de alguns aspectos sociais.

Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores. (...) É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social. (HOBSBAWN, 2008, p.10)

A referida categoria de análise possibilitou a regulagem dos conteúdos simbólicos que identificam o grupo e ordenam suas relações, internas e externas, guiando a interpretação do que foi observado na convivência com os integrantes/produtores do *Boi* de Leonardo.

A segunda categoria de análise, **cultura organizacional**, fornecerá toda a base para adentrar a abordagem e compreensão da lógica da cultura dessa organização. Todo o veio de construção da gestão e condução do *Boi*, enquanto uma organização familiar, tradicional, seja por Leonardo, seja por Regina, sua herdeira, o que configura a cultura organizacional desse grupo, marcado pelo estabelecimento de relações de trocas, sejam simbólicas e/ou materiais.

Sob o enfoque sociológico, organização é “um sistema planejado de esforço cooperativo no qual cada participante tem um papel definido a desempenhar e deveres e tarefas a executar” (SIMON; SMITHBURG & THOMPSON *apud* WAHRLICH 1971, p.51). Nesse sentido, a teoria organizacional é mais descritiva do que prescritiva. Nos estudos das teorias organizacionais prevalece esse campo de entendimento conceitual. Nesse sentido, os estudos são a partir da visão das organizações como espaços sociais em que indivíduos e seus agentes atuam, estabelecendo relações de sociabilidade. (SROUR, 1998).

Este autor adota perspectivas diferenciadas sobre o conceito de organização. Para ele tanto pode ser encarada enquanto a noção de entidade social, que busca os mesmos objetivos e interesses, quanto também uma organização de processos administrativos.

Pode ser vista como uma entidade social em busca de interesses coletivos ou pode ser vista, como uma organização de processos administrativos. Ambos os conceitos são usados, atualmente, de forma a designar qualquer atividade coletiva que se realiza, seja para fins sociais ou para fins econômicos. (SROUR, 1998)

Srouer (1998) ainda admite que as organizações possam ser entendidas enquanto sistemas abertos, como campos de competição, que também são influenciados pelo ambiente exterior. Seus resultados são também frutos desse tensionamento, dessa mediação, pressão, mas que depende em muito do nível de credibilidade, da capacidade de adaptação e flexibilização que conseguirem ante todas essas variáveis.

São sistemas abertos e campos de forças que competem entre si, absorvendo energia do ambiente externo, processando insumos e gerando produtos, administrando pressões e apoios, dependendo da credibilidade

que vão construindo e exigindo enorme capacidade de adaptação e grande flexibilidade. (SROUR, 1998).

Já Parsons (1956 *apud* WAHRLICH 1971), importante teórico das organizações, numa abordagem mais densa, estabelece as organizações específicas como parte de um todo, ou seja, que uma organização constitui um sistema social com objetivos específicos, um subsistema dentro de um sistema maior. Daí que para ele, o importante é compreender o nível de relação que se dá entre uma organização e os outros subsistemas.

Aquilo que do ponto de vista da organização é a sua meta específica, constitui, do ponto de vista do sistema maior do qual representa parte diferenciada ou mesmo um subsistema, uma função especializada ou diferenciada. Esta relação constitui o vínculo básico entre uma organização e o sistema maior de que é parte e proporciona uma base para a classificação dos tipos de organização.(...)

Uma organização, pois, terá de ser analisada como um tipo especial de sistema social (...) As características da organização serão definidas pela espécie de situação em que precisa operar, e que consistirá nas relações que prevalecem entre ela e os outros subsistemas especializados, componentes do sistema maior do qual é parte. Este último, poderá ser considerado – para nossos fins - como sendo uma sociedade (PARSONS *apud* WAHRLICH 1971, p.125).

A linha estruturalista dos estudos organizacionais defende o entendimento de organismos abertos, fluidos e complexos; Espaços em que um conjunto de pessoas atua coletivamente tendo objetivos claros, em que as interações dos sujeitos são preponderantes para o entendimento social e cultural dos mesmos. Nessa abordagem, de acordo com Chanlat (1996), na ordem organizacional, existem dois subsistemas, o estrutural-material e o simbólico, que interagem entre si. O subsistema estrutural-material está relacionado aos meios de cunho material que garantem a produção de bens ou de serviços e as condições eco-geográficas. Já o subsistema simbólico, relaciona-se ao universo das representações individuais e coletiva que dão sentido às ações, às atividades e às relações internas, externas e de legitimidade. (CHANLAT, 1996)

De acordo com Chanlat (1996), alguns estudos no âmbito organizacional abordam o conceito de organização para identificar as transformações estruturais e de cunho ideológico a partir da modernização iniciada pelo capitalismo industrial e, conseqüentemente, pelas mudanças e transformações econômicas, políticas, sociais, culturais, comunicacionais e informacionais, por uma nova ordem social, que está em constante movimento, em que prevalece a obsessão por progresso,

urbanização e tecnologia. A partir de então, as pessoas das organizações tornaram-se recursos, objetos, o que, para os administradores e teóricos desse campo, representa o atual e real domínio pelas vias da racionalidade instrumental e de categorias econômicas estabelecidas rigidamente.

O entendimento estruturalista das organizações enquanto espaços abertos, fluidos e complexos é que influencia esta pesquisa.

O conceito de cultura organizacional adotado para fins deste estudo é o de Schein (1986), segundo o qual compreende:

Um conjunto de pressupostos básicos que um grupo criou, descobriu ou desenvolveu, aprendendo a lidar com seus problemas de adaptação externa e integração interna, os quais funcionam suficientemente bem, podendo, assim, ser ensinados aos novos membros como o modo correto de perceber, pensar e sentir, em relação àqueles problemas. (SCHEIN, 1986, p.47)

Importante bibliografia adotada para a contextualização organizacional foi ***O indivíduo na organização***: dimensões esquecidas. A obra reúne quatro volumes, composta por vários artigos de importantes estudiosos das organizações contemporâneas nacionais e estrangeiros.

A Cultura e respectivas sub-áreas, tem a sua própria cultura organizacional, específica. Para Teixeira Coelho no ***Dicionário crítico de política cultural*** (2004), “no conjunto, a cultura organizacional da cultura é específica e de difícil compreensão para a cultura organizacional da administração como um todo” (COELHO, 2004, p.116).

Tais implicações são importantes na análise das condições de produção das festividades do *Bumba meu boi*.

1.3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA CONTEXTUALIZAR O *BUMBA MEU BOI*

O conceito de *Bumba meu boi* do Maranhão adotado, talvez pela sua completude, é o do folclorista Azevedo Neto (1983):

O *bumba-meu-boi* é uma dança dramática com acentuadas características dos autos medievais: é simples, emocional, direta e de linguagem natural. Com um enredo universal e intemporal, tem caráter essencialmente alegórico e faz personagens reais contracenarem com símbolos, ideias ou lendas. A forma mais utilizada é a comédia satírica. Considerando, no

entanto, a estrutura dramática de algumas personagens, os incidentes cômicos que contém, a gravidade dos assuntos abordados e o desenlace quase sempre alegre (...) De conteúdo realista, apresenta, através de seus diálogos, situações verdadeiras, embora seja eminentemente fantasista e alegórica na elaboração de suas personagens. (AZEVEDO NETO, 1983, p.65)

Para contextualizar *Bumba meu boi*, recorri às fontes primeiras dos estudos acerca dessa manifestação cultural maranhense: Mario de Andrade, Câmara Cascudo e Regina Prado; também a pesquisadores de maior visibilidade no cenário contemporâneo regional, assim, têm-se: Carvalho (1995), em ***Matracas que desafiam o tempo***, preocupa-se com as questões dos elementos tradicionais e modernos do *Boi*. Nessa obra, produto da pesquisa de mestrado em Comunicação Social, aborda as principais questões envoltas na mística do *Bumba meu boi*; A obra ***Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão***, organizada por Nunes (2003), traz, no segundo capítulo, artigos de vários autores: como Carvalho; Marques; Lima; Cavalcanti; Moraes; Santos; Canjão; e Castro. Todos dedicados a temas referentes à espetacularização do *Boi*; Reis (2008), ***O ABC do Bumba-meu-boi do Maranhão***, reúne termos e respectivos conceitos usados na manifestação cultural abordada; Azevedo Neto, ***Bumba-meu-boi no Maranhão*** (1983) e ***Festa, fogos, fogueira e fé*** (2011). Nelas, o autor mostra muito conhecimento e vivência no *Boi*, mas se limita a aspectos descritivos da manifestação.

Dentre a bibliografia pesquisada, destaco ainda a importante coleção intitulada ***Memórias de Velhos - Depoimentos: Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense***. Trata-se de um conjunto de publicações, num total de sete volumes, realizado pelo Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, órgão do Governo do Estado do Maranhão. Consiste em um trabalho de registro bibliográfico contendo relatos de pessoas de destaque desse universo da cultura popular, de fundamental importância para a formação da identidade cultural maranhense.

2 A DINÂMICA DO *BUMBA MEU BOI* MARANHENSE

No Maranhão, São João é o Santo da fé que rege o *Bumba meu boi*. É uma tradição que se fundamenta na crença de fazer a festa, dançar, tocar, cantar. É a maneira mais convincente de agradar o Santo, como forma de retribuir uma graça alcançada. São João é um Santo da igreja Católica que, segundo as crenças populares, auxilia o homem a enfrentar os desafios mais difíceis.

Identifica-se nos grupos do Bumba um certo grau de respeito e amor pela figura do *boi*, mas não a ponto de transformá-lo num fetiche e nem de assumir uma atitude de idolatria. Na verdade, o que prevalece mesmo é a Imagem de São João, funcionando o *boi* como meio de chegar até Ele. (CARVALHO, 1995, p.40)

O dia de celebração desse Santo é dia 24 de junho. Nesse mesmo mês, no Maranhão, ainda são comemorados mais três outros Santos católicos: Santo Antônio, no dia 13; São Pedro, 29 e São Marçal⁷, 30. Isso fez com que as celebrações realizadas a esses Santos, em várias regiões do Brasil, resultassem nas festas juninas, cuja maior produção, valorização e expressividade cultural, ocorrem na região Nordeste.

Essa diversidade e pluralidade de expressões culturais populares manifestadas, com maior ênfase no período junino, revelam caráter multicultural do Brasil, bem como ajuda a compreender todo o processo da formação cultural e simbólica de seu povo. Toda uma enorme riqueza cultural, carregada de significados, sentidos e expressões que forjam e traduzem os mais diversos modos de vida e identidades do povo brasileiro.

Na noite que antecede o dia de São João, os grupos realizam o *batizado do boi*, marcando o início das apresentações do ano, o que significa, na simbologia desse contexto, uma espécie de ciclo vital do *Boi*.

Pela tradição, os grupos só iam para rua nessa data. Nos dias de hoje, os *Bois*, já inseridos e atendendo aos apelos da dinâmica mercadológica, para cumprir seus compromissos de apresentação nos diversos *arraiais*, públicos e privados, têm

⁷São Marçal é um santo de devoção popular. Em São Luís o dia de São Marçal é comemorado no dia 30 de junho. No bairro do João Paulo, é realizado um grande encontro de *Bois de sotaque de matraca* ou da *Ilha* há muitas décadas. A concentração ocorre na Praça do João Paulo, antiga Praça Ivar Saldanha. O governo Federal brasileiro instituiu a data, 30 de junho, feriado na capital do Maranhão, por meio da Lei nº 12.103 de 1º de dezembro de 2009, publicada no dia 02 de dezembro de 2009, no Diário Oficial da União.

que ir à rua bem antes. Tais modificações ocorrem uma vez que as festividades juninas, já integram o calendário turístico da cidade e do Estado, começam bem mais cedo nos espaços públicos, os mais visitados.

Antigamente, em São Luís, como manifestação cultural vinda do povo, o *Boi* era rejeitado, marginalizado, negado, foram muitos anos de preconceito contra ele. Até se legitimar e conquistar o gosto de todas as classes sociais, no Maranhão, muito tempo passou. Enquanto isso, novos agrupamentos iam sendo criados para dançar o *boi* em forma de pagamento de promessas a Santos.

Os vários autores que abordam esse tema atribuem à igreja católica, às elites maranhenses e à imprensa a responsabilidade por essa repressão ao folguedo. Os grupos eram proibidos de dançar no centro de São Luís, ficando restritos aos bairros de origem, especialmente o João Paulo. São comportamentos sociais e políticos influenciados pela herança escravocrata, do poder eurocêntrico, racista etc.

É importante ressaltar ainda que, essas instituições ajudaram, ainda que em parte, para essa construção da imagem marginalizada do *Bumba meu boi*, por causa das próprias circunstâncias criadas por alguns grupos de *Bois*, porque as rivalidades entre os grupos sempre existiram, inclusive nos grupos do interior do Estado. Eram brigas muitas vezes violentas, com agressões físicas com uso de pedras, pau, faca e até arma de fogo, conforme podemos notar em depoimentos de *brincantes* antigos, como Canuto Santos⁸ (1999, p.61):

Recordo que, em 1953, o *boi* da Vila Passos vinha de suas bandas, quando encontramos, no Monte Castelo (Areal), o *Boi* de Lauro (Ivar Saldanha), que ele herdou do Sr. Medônio. Foi um briga danada na Estação de Bonde. O grupo ainda estava sob o comando do velho Misico; eu estava presente enquanto brincante. É rivalidade! Estavam querendo brigar desde as três horas da manhã. Nós estávamos brincando na Madre Deus e eles chegaram e ficaram no início da rua. (...) Quando chegamos perto da Estação de Bonde, nos pegaram, aí foi bala, pau, faca. Virgem! Saiu gente ferida. Mas graças a Deus que nem do meu grupo e nem do dele mataram ninguém. Isso no interior dava muita confusão. (MARANHÃO, 1999, p.61).

No entanto, essas rivalidades faziam parte do contexto da *manifestação*, da tradição do *Bumba meu boi* maranhense. Diz-se que o motivo dessas brigas era pelo fato de que um grupo queria ser melhor que o outro. Essa é uma tradição que

⁸O Senhor Canuto Santos, mestre da cultura popular maranhense, último representante da 1ª geração de amos de *Bois sotaque* de Zabumba, faleceu recentemente, dia 05 de agosto de 2013. As citações, diretas e indiretas, referentes a ele neste trabalho tem como fonte os depoimentos do livro **Memória de Velhos**, Volume V (1999).

ainda é mantida, mas já melhorou bastante. Hoje é mais discreta, permeia outro universo, o das apresentações públicas. A rivalidade atual se evidencia mais fortemente na preocupação em *botar um Boi* mais bonito que os outros, isso se configura na preocupação com os requisitos beleza, luxo e sonoridade, isto é, apresentar indumentárias com mais brilho, mais cores, com maior quantidade de *brincantes*, cantar *toadas* novas e atuais, gravar CD e DVD todo ano, dentre outras formas que caracterizam essa tradicionalidade. E isso requer recursos financeiros, porque *botar um Boi* na rua, cada ano mais bonito, sai muito caro. O que, para os objetivos deste trabalho, confere importância vital, uma vez que se refere justamente às estratégias que garantem *botar o boi na rua*.

O certo é que até o começo dos anos 1960 os grupos de *Bois* eram terminantemente proibidos pela polícia de dançar no centro da capital, quando conseguiram a concessão de dançar em locais centrais. Mas só nos anos 1980 que começam a se apresentar em *arraiais*, ou seja, espaços públicos da cidade, e com isso veio junto o seu reconhecimento, passando gradativamente a símbolo de identidade cultural e os donos e/ou *amos* mais antigos – os que resistiram ao tempo, às dificuldades e ao preconceito, à condição de mestres da cultura popular maranhense.

Quando as apresentações de *Boi* eram restritas aos bairros, os custos de *botar um Boi* eram pequenos. Mas quando passaram a se apresentar nos *arraiais*, se transformando em lazer de massa, os custos aumentaram bastante. Os *amos/donos* passaram a recorrer, com frequência, ao poder público e à iniciativa privada para garantir a apresentação dos *Bois*. Essas mudanças fizeram com que o *amo*, além das tarefas de que já se encarregava, fosse obrigado a realizar políticas, internas e externas, e estratégias para *botar o Boi na rua*. O sucesso da manifestação, por certo, depende muito do *amo/dono*, mas também de seus integrantes e dessas estratégias e políticas que o grupo desenvolve. Essas questões, mas, principalmente, a disputa em garantir as apresentações, os pagamentos dos cachês, por *botar um Boi* cada ano mais luxuoso, por prestígio e, sobretudo, pela sobrevivência do grupo, provocaram muitas mudanças no universo dos *bumbas meu boi* mais antigos, além do surgimento de uma enorme quantidade de novos grupos.

Todo esse processo de exposição gera o aumento ou a preservação do prestígio que esse tipo de manifestação cultural carrega, contribuindo para o

fortalecendo da legitimidade do grupo ou dos grupos. As apresentações públicas acontecem em um clima festivo, que opera sob a lógica do espetáculo, o que contribui bastante para a formação de plateia, garantindo novos apreciadores. Assim, as apresentações de *Bumbas meu boi* nos espaços, praças e/ou *arraiais* garantem grande visibilidade às manifestações, o que lhes garante oportunidades para novos contratos para outras apresentações e reconhecimento do público e da sociedade.

Em 2012, o Ministério da Cultura (MinC) declarou o *Bumba meu boi* maranhense Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), patrimônio cultural imaterial é caracteristicamente transmitido por gerações e mantido em permanente recriação pelas comunidades e grupos em função de sua ampla interação com o meio em que vivem e com a sociedade. Por meio da **Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial** (2003), considera que:

Patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados e que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (UNESCO, 2006, p.3).

No artigo 216, a Constituição Federal do Brasil (1988) afirma que “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2010, p.59), nos quais se incluem as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver ao lado das obras de arte, arquitetura e demais bens tradicionalmente consagrados.

2.1 O AUTO

O *auto* é a representação cênica da história que envolve o *Bumba meu boi*. Bem disse “Zé Olhinho”⁹ em seu depoimento na obra maranhense *Memórias de*

⁹José de Jesus Figueiredo (1944-), foi *vaqueiro e amo* do *Boi* “Unidos de Santa Fé”, sotaque da Baixada ou de Pindaré. Foi sócio do grande mestre “Coxinho”.

Velho (1999, p.111), “o auto do *Bumba meu boi* é uma coisa muito fina. Para agente falar, tem que ter conhecimento profundo (...) por isso, até mesmo pelo jeito da brincadeira sinto que a verdadeira versão do Auto do *Bumba meu boi* está no Zabumba”.

Segundo Azevedo Neto (1997):

O *Bumba-meu-boi* é uma dança dramática com acentuadas características dos autos medievais: é simples, emocional, direta e de linguagem natural. Com um enredo universal e intemporal, tem caráter essencialmente alegórico e faz personagens reais contracenarem com símbolos, ideias ou lendas (...) De conteúdo realista, apresenta, através de seus diálogos, situações verdadeiras, embora seja eminentemente fantasista e alegórica na elaboração de suas personagens. (AZEVEDO NETO, 1997, p.65)

As principais personagens do auto do *Bumba meu boi* maranhense são: o *boi*, armação de madeira, coberto de pano bordado com lantejoulas, representando o animal; *Pai Francisco*, o ladrão do *boi*; *Catirina*, a esposa grávida; o *amo*, fazendeiro, dono do *boi*; os *vaqueiros* e o *pajé*, o *curandeiro* que ressuscitará o animal; O(a)s *Índios(a)s* ou *tapuio(a)s*, chamados para rastrear o *boi*. Em alguns *sotaques*, principalmente, no da *baixada* ou *sotaque* de *Pindaré*, há a figura do *Cazumbá* (ou *cazumba*). Essa personagem usa máscara ou careta, uma bata de veludo bordada e bem larga, por baixo, tem um pedaço de madeira ou um cesto de palha para deixar os quadris bem alargados. Sua principal função é distrair o público antes do auto, segundo Azevedo Neto (1997).

No *cordão*, como é denominada a roda formada pelos *brincantes*, as personagens do *auto* não integram o *cordão*, com exceção do(a)s *Índio(a)s*. Com eles, há o(a)s *caboclo(a)s de fita* ou *rajados*, o(a)s *caboclo(a)s de pena*, presentes no *sotaque de matraca* ou da *ilha*. Os *brincantes* do *cordão* usam indumentárias variadas, específicas de cada *sotaque* que demarcam as diferenças entre os grupos de *Bois existentes*.

A descrição do auto do *Bumba meu boi* se segue, é baseada em Azevedo Neto (1997) e Reis (2008). A dramatização do auto se inicia com o desejo de uma negra grávida tem em comer a língua do *boi* preferido do dono da fazenda, era *Catirina*. *Pai Francisco*, um escravo da fazenda, decide atender o desejo da esposa e rouba o *boi* e dar a língua para a *Catirina* comer. Assim que o dono sente a falta do *boi* manda os *vaqueiros* a procura. Com medo, *Pai Francisco* foge, mas é capturado e pede uma chance para ressuscitar o animal. O patrão concede. Ele

procura um *curandeiro*, que o ajuda e consegue ressuscitar o *boi*. O *amo* do escravo lhe dar o perdão, em agradecimento a São João, santo de sua devoção, oferece uma grande festa.

A dinâmica maior do *auto* é realizada em seu centro, onde fica o *boi*, em torno do qual ficam os integrantes do *cordão*. O *auto* é precedido de algumas toadas que anunciam o *Bumba meu boi* e encerrado com a toada do *Urrou*, para festejar o renascimento do *boi*.

O encadeamento das toadas acima mencionado refere-se à sequência crescente feita pelos cantadores no momento das apresentações (ou *dançadas*). A primeira toada cantada é denominada **guarnicê**, quando o grupo se prepara para iniciar a dança; segue com o **lá vai**, é o aviso aos espectadores que o *Boi* vai começar a dançar; em seguida canta-se **chegada**, quando é anunciada a presença do *boi* no cordão; a partir daí são cantadas **toadas de cordão**, que têm temas livres, podendo abordar assuntos diversos; quando o fim da apresentação se aproxima, canta-se **urrou**, quando se festeja a ressurreição do *boi*; e **despedida**, é a toada de retirada do *Boi*, quando o grupo encerra a apresentação.

O ponto culminante da apresentação do *Bumba meu boi* era a representação do *auto*, atualmente extinto. Apenas os *Bois* mais tradicionais, que são poucos como os de *sotaque de zabumba*, ainda realizam, mesmo que só uma vez no ano, geralmente no dia da morte do *boi*, como acontece no *Boi* de Leonardo.

Alguns pesquisadores e os próprios *brincantes* e *amos*, atribuem a extinção da representação do *auto* à necessidade de adaptação do *Boi* às sucessivas apresentações, em diferentes arraiais, estas submetidas à dinâmica mercadológica e turística do estado.

De acordo com Michol Carvalho (1995):

O conteúdo foi sendo trabalhado e alterado, como forma de reação às novas situações vividas, através dos tempos, pelos sujeitos da „brincadeira“. (...)

A questão financeira interfere, decisivamente, na forma de funcionamento dos *Bois*, que precisam adequar suas apresentações à exigência de um aproveitamento mais rentável do tempo, de modo a utilizá-lo para cumprir um número maior de „contratos“, que lhe rendam mais recursos financeiros, para melhor proverem sua sobrevivência. E, assim, a representação completa do *Boi*, cuja duração alcança cerca de três horas, foi sendo, progressivamente, reduzida, justamente pela supressão ou diminuição do „auto“, que ficou esquecido ou relegado ao segundo plano. As toadas (...) passaram a ocupar lugar de destaque nessa nova maneira dos *Bois* se apresentarem. (CARVALHO, 1995, p.118)

No entanto, para manter a (con)tradição de atender a uma demanda do mercado, e também manter, de alguma forma, a lógica tradicional do *Boi*, o sentido do *auto* foi preservado no encadeamento sequencial das toadas (*guarnicê, lá vai, chegada, urrou e despedida*) e do *batuque* (percussão), que formam o *batalhão* ou a *tropeada*, que é o conjunto dos integrantes, o grupo todo em público, a bem da verdade, uma importante estratégia para *botar o Boi na rua*, em tempos de espetáculo.

2.2 OS SOTAQUES

A estética diferenciada nos vários grupos de *Bumba meu boi* no Maranhão é denominada de *sotaque*, conforme já mencionado. É determinada pela regional ou cidade de origem do *Boi* e/ou pelo conjunto de instrumentos utilizados. A caracterização dos *sotaques* é baseada nas especificidades de ritmo, personagens, indumentária, instrumentos, passos e evolução da dança, que podem formar círculo, semicírculo, ou fileiras simétricas. Dessa maneira, *sotaque* é a denominação usada para classificar os diferentes grupos de *Bois* encontrados no Estado do Maranhão. A esse respeito, Michol Carvalho(1995), importante pesquisadora da cultura popular maranhense, foi categórica:

Vários são os elementos que podem ser apontados para caracterizar um grupo de *Boi*. Na sua essência, apresenta-se como um conjunto de pessoas reunidas em torno do objetivo comum de tomar parte numa „brincadeira“, com a qual sentem um nível de identificação, incorporando-a ao seu cotidiano. (CARVALHO, 1995, p.92)

Para essa pesquisadora (1995):

O bumba-meu-boi é um espaço de identidade para o homem do interior que vem para a cidade. A marca forte da vida interiorana manifesta-se nas denominações dos conjuntos e no „sotaque“ escolhido, que permite à turma personalizar-se como um grupo peculiar de uma região ou de um município, no meio do emaranhado tecido urbano, na realidade complexa da cidade, que fascina e ameaça o homem do meio rural. (CARVALHO, 1995, p.71)

Há cinco as tipologias de *sotaques* legitimadas: de *zabumba* ou *Guimarães*; da *ilha* ou *matraca*; da *baixada* ou *Pindaré*; de *orquestra*; e de *Cururupu* ou *costa de mão*. Existem ainda os grupos que não se enquadram em nenhum desses citados por apresentarem, principalmente, elementos de *sotaques* variados ou mesmo associados a outras dinâmicas culturais. Esses grupos de criação mais recentes,

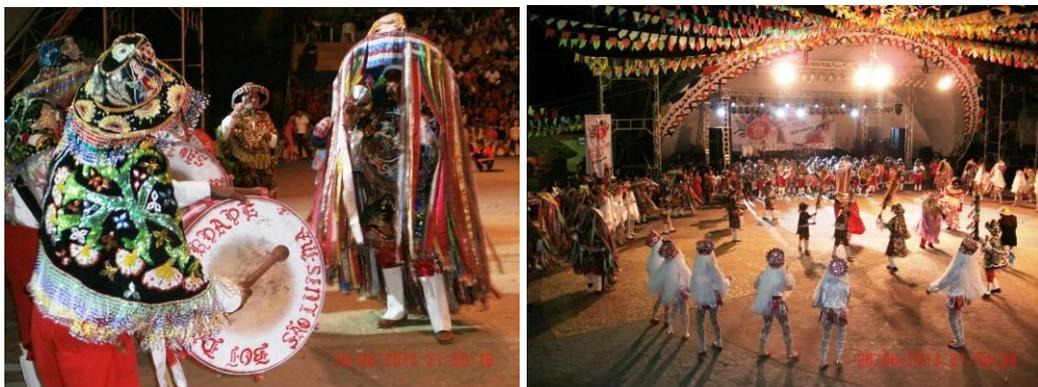
mais “modernizados”, são comumente denominados *Bois alternativos* ou *grupos parafolclóricos*.

O *sotaque de Guimarães* ou *de zabumba* é originário da cidade de Guimarães, considerado o mais antigo. Distingue-se por usar a *zabumba*, um grande tambor que, é dependurado em uma grossa vara para que possa ser tocado. O outro instrumento é o *pandeirinho* ou *tamborinho*, semelhante a um *tamborim* de bordas mais largas. As *zabumbas* e os *pandeirinhos* são esquentados no calor da fogueira e são revestidos com couro do *boi* (animal). Os brincantes dançam formando um semicírculo na maior parte da apresentação, denominada *meia lua*. O ritmo é um dos mais acelerados, sendo comparado ao samba por Azevedo Neto (1997). Desse tipo de *sotaque*, o *Boi de Leonardo* é o mais famoso e conhecido.

Os primeiros grupos a serem formados desse *sotaque* em São Luís foram o de Laurentino, que passou para Dona Terezinha depois que o fundador faleceu. É o *Boi da Fé em Deus* e o de Misico (que passou a ser de Canuto). Esses influenciaram o surgimento de outros, dos quais, tem-se registro o de Melônio (que depois passou a ser de Lauro - Ivar Saldanha), de Newton (Bairro de Fátima) e o de Leonardo (Liberdade). (MARANHÃO, 2008)

Em 1994, ano do projeto *Memória de velhos*, foram identificados 23 grupos de *Boi de zabumba* na capital e no interior. Em 2013, segundo documentário “*Boi de Zabumba: Ritmos da identidade afro-maranhense*”¹⁰, atualmente existem 15 grupos de *zabumba* localizados em bairros da periferia de São Luís.

Bumba meu boi de Leonardo



Fotos: Marla Silveira

¹⁰O documentário é resultado de um projeto realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/UFMA em parceria com a ONG Terra de Preto e apoio da Fundação Palmares/MINC e Fundação Sousaândrade. O objetivo do projeto foi realizar o registro sobre o boi maranhense no *sotaque de zabumba*.

O *sotaque de matraca* ou *da Ilha* é de origem da Ilha de São Luís. Os instrumentos os *pandeirões* e as *matracas*, estes são tocados na posição em cima do ombro dos *pandeireiros* e dos *matraqueiros*. O caboclo de penas, é um *brincante* exclusivo desse *sotaque*, usa um *cocar* com penas na horizontal e veste *saiote*, *gola* e adereços nos braços e pernas, de penas de *ema* tingidas em cores variadas; as *índias* também tem sua indumentária feita com essas penas; têm ainda os *caboclos de fitas*, o chapéu desses brincantes é usado com a aba virada na frente.

Os primeiros grupos criados foram o da Madre Deus, Maioba, Sítio do Apicum. Mas os maiores *batalhões* são os *Bois* de Maracanã e da Maioba.

O ritmo das músicas do *Boi de matraca* é mais lento que os de *zabumba*. Os grupos não têm uma definição certa de pessoas que tocam as *matracas* e *pandeirões*. Os apreciadores desse *sotaque* comumente levam suas próprias *matracas*.

Bumba meu boi de Maracanã



Fonte: Facebook do Boi de Maracanã

O *sotaque da baixada* ou *Pindaré* é originário de duas cidades: São João Batista e Viana (CARVALHO, 1995, p.67). O ritmo da música é mais lento do que o do *sotaque de matraca*. Os instrumentos usados também são as *matracas* e os *pandeirões*. Esses têm tamanho menor do que os de *sotaque da ilha*. O tocador de *pandeirão* segura o instrumento na altura da perna. Caracteriza-se pelo chapéu dos *caboclos de fitas* que apresentam uma enorme aba virada para cima, bordada e adornada com penas de *emas*. O primeiro grupo foi o de Apolônio - o *Boi* de Pindaré. Mas o *amo* mais famoso desse *sotaque* foi Bartolomeu dos Santos, conhecido como Coxinho, muito famoso por suas *toadas*. A mais famosa é intitulada “*urrou o boi*”, de 1972, um dos primeiros registros fonográficos de *Bumba meu boi*, tornou-se o hino oficial do folclore maranhense.

Bumba meu boi de Pindaré



Fotos: Antonio Martins.
Fonte: <http://www.flickr.com/photos>

Já o *sotaque Costa de mão* ou de *Cururupu* é originado da cidade de Cururupu. Os instrumentos são os *maracás* de metal, *tambores-onça*, *pandeirões* e *taróis*. A principal característica é a forma em que os *pandeirões* são tocados, com as costas das mãos. Tem poucos grupos e é muito pequena a presença nas programações públicas da capital, mais restrito à região de origem.

Bumba meu boi de Cururupu



Foto: Marco Antonio Sá
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/encantosdomaranhao>

O *sotaque de orquestra* recebeu essa denominação por acrescentarem instrumentos de corda (*banjos*), metais (*saxofone*, *trombone* e *trompete*) e de sopro (*clarinete*) aos instrumentos de percussão (*zabumba* e *tarol*). De acordo com

Antero¹¹, esse *sotaque* nasceu no município de Rosário, lugar de existência de muitas manifestações culturais de cunho popular como *péla porco*, *tamborinho* e *carneiro*. Para ele, o primeiro *Boi* foi de João Pereira. Além desse, o mais antigo dos grupos desse *sotaque* é o *Boi* de Axixá. (MARANHÃO, 1999, p.28).

Na definição de Azevedo Neto (1997), o *Boi de orquestra* “vai, desde suas origens, de encontro a tudo que está convencionado sobre *Bumba meu boi* no Maranhão. De qualquer modo, nada, a não ser o ritmo, ligeiramente, o aproxima de *bois* de outras regiões brasileiras”. (1997, p.41).

Bumba meu boi de Morros



Fotos: Manoel Pereira

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/manoelpereira>

¹¹O senhor Antero Viana é amo de um *Boi* de zabumba. Participou de vários outros bois até montar o seu próprio grupo. Foi amigo e companheiro do Mestre Leonardo, conforme será mencionado no capítulo seguinte. As citações, diretas e indiretas, referentes a ele neste trabalho tem como fonte os depoimentos do livro **Memória de Velhos**, Volume V (1999).

3 O *BOI* DE LEONARDO: Fidelidade e tradição¹²

Cheguei à sede do *Boi* de Leonardo pela primeira vez, no bairro da Liberdade às 10 horas do dia 07 de abril de 2012, era sábado. Fui recebida por Concita. A casa estava em obras. Vinha da cozinha um cheiro agradável de galinha cozinhando. À direita, uma mesa com um tecido de veludo preto, num recorte do formato de uma *gola*, peça da indumentária, ser bordado.

Concita, é a pessoa que assessora a casa. Está sempre lá. É a secretária. Eu não demorei a descobrir que é pessoa de confiança da *ama* Regina, muito comprometida com as responsabilidades que lhe são atribuídas. É calma, um tanto tímida e atenciosa. A maioria das vezes que eu fui à sede, ela estava presente. É *tapuia* das mais antigas no grupo e bordadeira de indumentárias. Aprendeu há pouco tempo, em 2010, ali mesmo, quando foi oferecida uma oficina de bordados. A *gola* a ser bordada, que eu avistei ao chegar, era uma atividade dela, dentre outras mais a serem desenvolvidas por aquela integrante do *Boi* da Liberdade. Além de Concita, também estava “Barata”, um dos *miolos* do *boi*, outra figura que está constantemente ali, às vezes sóbrio, outras nem tanto, às vezes conversador, outras não.

O *Bumba meu boi* da Liberdade ou, somente, o *Boi* de Leonardo, foi organizado em 1956. Ficou popularmente conhecido por esse nome por Leonardo Martins Vieira (1921-2004), ser o seu criador. Junto com ele, nesse processo de criação, esteve Chico Coimbra, Antero Viana, Sebastião Barbeiro e outros. Esse *Boi* é do *sotaque* de *Zabumba* ou *Guimarães*, um dos mais antigos, de origem fincada em raízes africanas. Têm nas batidas dos *tambores zabumba* e *pandeirinho*, a constituição de sua peculiar frenética musicalidade. São instrumentos rústicos de percussão, talvez originários da matriz africana; e são confeccionados em madeira e couro de animal.

A *zabumba*, também conhecida como *bumbo*, é um grande tambor com forma circular, com dois lados cobertos com couro de boi, que são esticados através de um sistema de cordas. É o principal instrumento desse *sotaque*, muito usado, também, em outras musicalidades populares como o *maracatu*, o *samba*, *baião* e *xote*.

¹²“Fidelidade e Tradição” é o lema do *Boi* de Leonardo. Nesse trabalho, usamos *tradição* como categoria de análise.

Zabumbeiro e pandeirista do Boi de Leonardo



Fotos: Marla Silveira

O *pandeirinho* ou *tamborinho*, de tamanho pequeno, cerca de 20 cm de diâmetro, é feito de pedaço da madeira de *jeniparana*¹³ e pode ser coberto com couro de boi, cotia, cabra ou veado.

Além desses dois tipos principais, existe ainda um tambor, para a marcação; e o *maracá*, feito de zinco. A percussão do *Bumba meu boi da Liberdade*, atualmente, têm oito *zabumbas*; vinte *pandeirinhos*; um *tambor* usado para a marcação e *maracás*, estes tocados pelos *cabeceiras* e *rajados* ou *chapéus de fita*.

Zabumbeiros e Cabeceira do Boi de Leonardo



Foto: Marla Silveira

¹³ Espécie de árvore nativa do Brasil de pequeno porte.

O *Boi* de Leonardo é um grupo de *Bumba meu boi* que tem uma tradição representada, simbolicamente, pelo nome desse importante mestre da cultura popular maranhense e, ritualisticamente, assegurada por todos os seus integrantes. Refiro-me à dinâmica, aos rituais e movimentos que fazem do *Boi* uma manifestação tradicional, assegurada por todos os seus integrantes. Estes, são em maioria, originários da Região de Guimarães. Alguns ainda moram lá, vindo para a capital na temporada das apresentações e outros moram em São Luis, concentrando-se no próprio bairro da Liberdade. São eles que fazem essa tradição cultural se perpetuar e que buscam garantir seus símbolos de tradição em um contexto de modernidade. Isto ocorre por se tratar de um *sotaque* dos mais antigos e tradicionais do Estado, que, assim como os demais grupos de *Boi* do *sotaque de zabumba*, o de Leonardo prima pela preservação das características de origem, conservando os rituais que o diferencia dos demais *sotaques* e grupos, sendo esses elementos símbolos de tradição, que lhe garante grande valor e prestígio, socialmente falando, entre os *Bois* de mesmo *sotaque*. Como bem destacou a *ama* Regina:

É assim, eu nunca fui atrás. Por conta de ser o *Boi* de Leonardo, as pessoas sempre nos chamaram. Agente se organiza pra vê aonde é que agente pode está. Agente nunca foi atrás, porque, nós já somos assim tão seguros de que vamos participar da programação, tanto do município quanto do estado, porque algumas coisas já vão antecipando isso. Tipo: vai ter a chamada do Estado, a chamada do São João, então eles vêm aqui e recorrem à nossa sede e diz „Regina, olha empresta o *Boi*, agente paga tanto pra agente exibir em tal canto. Então agente já sabe que de alguma forma o nosso *Boi* já está sendo contratado. Há 10 anos direto que o *Boi* de Leonardo já faz parte da programação da temporada, tanto do estado quanto do município. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 23.jun.2013).

Manter um *Boi* tradicional, como é o *Boi* de Leonardo, em um contexto de modernidade e, portanto, submetido a uma dinâmica política e econômica também de apelo mercadológico, exige, de quem dirige o *Boi*, a busca de estratégias para sua manutenção e visibilidade. No caso específico, essas estratégias conflitam-se, com as preocupações em manter os elementos tradicionais que garantem prestígio ao *Boi*, com a necessidade de atualização dessa tradição, frente às novidades e transformações tecnológicas e comunicacionais, novos materiais, dentre outras imposições da lógica moderna e da indústria cultural tão determinante nos dias atuais.

A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela forma a união dos domínios, separados há milênios da arte superior e da arte inferior. Com prejuízo de ambos. A arte superior se vê frustrada de sua seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior

perde, através de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rude, que lhe era inerente. (ADORNO *apud* COHN, 1978, p.287)

Dentre as estratégias buscadas pela atual *ama* do *Boi* em vista de sua atualização, visibilidade e inserção no mercado de bens culturais, constatam-se a construção de diversas possibilidades. Vão desde sua inserção nos meios virtuais de comunicação, com direito à página na internet, integrantes do *Boi* no *facebook*, dentre outras; A citar, por exemplo, estratégias de mobilização e captação de recursos via pesquisa nos editais públicos (em nível nacional, estadual e municipal) de financiamento para manifestações culturais, através dos quais, dentre outras conquistas, a sede do *Bumba meu boi* de Leonardo passou a ser considerado, pelo Ministério da Cultura, como um ponto de cultura¹⁴. O *Boi* de Leonardo, por meio de seleção pública, via edital, foi selecionado e recebeu recursos financeiros para implementação de suas atividades, sobretudo a oportunidade de capacitar seus integrantes.

Outra importante inserção tecnológica observada dessa organização que é o *Boi* de Leonardo é o uso por parte de seus integrantes à tecnologia da telefonia celular. A maioria deles, inclusive os mais antigos, possui aparelhos celulares, ou seja, seus integrantes se comunicam e se conectam por meio das tecnologias de comunicação e informação disponíveis nos dias atuais.

São aspectos que, segundo Mauss (1971), se relacionam com a vida material, mas também moral, dentro do sistema de trocas.

A vida material e moral, a troca, nela funcionam de uma forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo. Ademais, essa obrigação se exprime de maneira mítica, imaginária ou, se quiserem, simbólica e coletiva: ela assume o aspecto do interesse ligado às coisas trocadas: estas jamais se separam completamente de quem as troca; a comunhão e a aliança que elas estabelecem são relativamente indissolúveis. Com efeito, esse símbolo da vida social – a permanência da influencia das coisas trocadas – apenas traduz bastante diretamente a maneira pela qual (...) estão constantemente imbricados uns aos outros, e sentem que se devem tudo. (MAUSS, 1971, p. 232)

Dessa maneira, o *Boi* da Liberdade consegue se manter unido, atualizadamente tradicional, ainda que em meio aos conflitos internos, que existem nessa seara entre os antigos e os novos, entre o tradicional e o moderno, dimensões

¹⁴Esta é uma política pública de cultura implementada pelo governo brasileiro, integrada a um programa intitulado *Mais Cultura*.

aparentemente conflituosas, que insistem em andar juntas mantendo o valor da tradição em meio ao novo, que envelhece e se atualiza, em um ciclo interminável de mediações e tensões. Mas há outra dimensão do conflito, esta de ordem das disputas externas para manter ou garantir cada vez maior prestígio a uma manifestação: é a disputa por maior espaço para as apresentações públicas remuneradas e a disputa pelo reconhecimento do público, dos apreciadores, o que torna comum, entre os grupos de *Bumba meu boi*, certa rivalidade, tornando a cada ano essa disputa mais concorrida. Essa, de maneira a ser considerada já tradicional, uma vez que a rivalidade entre os *Bois acompanha a história dessa manifestação*, ainda que em outro contexto. Nessa rivalidade, o *Boi* de Leonardo, contrariando uma tendência de marginalização e extinção do sotaque de *zabumba*, se firma cada vez mais como uma das mais reconhecidas manifestações da cultura popular brasileira.

Mauss (2003) percebe a associação entre as “coisas que passam” e a ideia de tradição, no sentido de que as coisas criam vínculos espirituais, o que, para ele configura *tradição*. (2003, p.142).

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. (MAUSS, 1971, p.212)

Desta forma, dentro desse universo de misturas e trocas, o *Boi*, como rege a tradição no estado, se apresenta para homenagear São João, principalmente.

A figura de São João aparece sempre com significativo destaque, funcionando como um elemento de intermediação entre o material e o espiritual, a terra e o céu, com base no tripé „pedido/grança/promessa“. Por isso é que se recorre a Ele, que é padrinho de Jesus, a quem batizou nas margens do Rio Jordão. E, sendo voz geral, entre as camadas populares, que „padrinho é coisa séria, fina, tem prestígio e merece respeito“, nada melhor do que se „pegar com o Senhor São João“, em situações de dificuldades vividas „aqui em baixo“, para que interceda „lá em cima“ junto do seu compadre Deus Pai e de seu afilhado Deus Filho, por uma solução positiva, através de um milagre, de uma grança.

Estabelece-se, assim, uma cadeia peditória e juntamente com a emissão do pedido se assume o compromisso de fazer ao Santo uma oferenda que é conhecida como sendo do seu agrado. No caso de São João, a ação de „botar e/ou brincar o *boi*“ é a maneira consagrada de se agradecer o benefício recebido. Por isso, „custe o que custar“, não se pode falhar ao prometido, pois o sim do alto, ou seja, a resposta favorável à solicitação feita gerou uma obrigação do lado de quem foi com ela agradecido. (CARVALHO, 1995, P.75)

A respeito de pagamento de promessas no *Boi* de Leonardo, a *ama* Regina esclarece que:

O batizado, que aí ele nasce nesse dia, então é a grande festa. Aí começa essa mistura de festa, de crença, entendeu? De cores, pra mim. É aquele momento que todos estão envolvidos porque durante esse batizado do *Bumba meu boi*, as pessoas que tem obrigação com entidades, eles vem pra cá, muitos vem pagar promessa, botam um banquete, fazem aquelas coisas. Eu vejo que aquilo ali, a religiosidade dessa pessoa no momento, permite que ele faça isso, ela teve, acho, que uma autorização pra fazer isso aqui “oh! Lá naquele *Boi* ali ainda segue aquela tradição do batizado naquele momento vai ver que a entidade dela ao qual ela vai reverenciar vai tá nesse dia, que eu não sei, é assim. Porque não é só uma pessoa, são várias pessoas que fazem esse momento, que vem se expressar, pessoas que agente já conhece porque todo ano vem, que até então era desconhecido pra mim, então todo ano vem. Quem acende a vela de seu tamanho vem, quem bota um banquete e os brincantes de convidados, chama, quem faz uma promessa, faz. (...) A maioria dos chapéus que nós temos aqui veio disso, da promessa de uma moça que a cada ano vai deixando. Outra coisa, por isso que quando termina você diz ah! vamos vender o chapéu, não se vende, se aproveita as fitas, se manda fazer um outro, tal, e aquele que foi confeccionado pra aquele momento você faz uma fogueira e toca fogo. Se você não fizer aqui, quando tiver ali fora o que tem pra queimar, você joga lá e queima. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 23.jun.2013).

Os grupos do *sotaque de zabumba* são, o que não ocorre com os outros *Bois*, em parte significativa formados por negros, uma vez que a maioria dos participantes são da região do município de Guimarães, composta por comunidades remanescentes de quilombos, descendentes de escravos fugidos. Leonardo é dessa região, de um povoado chamado Santa Maria dos Vieiras, antes pertencente a Guimarães, mas atualmente incorporado ao município de Porto Rico do Maranhão.

Dentre os mais de quatrocentos grupos de *Bois* existentes no estado do Maranhão, segundo levantamento da Comissão Maranhense de Folclore em 2010, esse é um dos mais antigos e representativos do *sotaque de zabumba* no Estado. Possui, aproximadamente, cem *brincantes*, entre *cabeceiras*, como são denominados os *cantadores*, *rajados* ou *caboclos de fitas*, *vaqueiros*, *tapuias*, *zabumbeiros*, *pandeiristas*, *pai Francisco*, *Catirina*, regente, como é chamado o responsável pela distribuição de bebida nos dias de apresentações e os *miolos* do *boi* e da *burrinha*.

Juridicamente, o *Boi* de Leonardo responde pelo nome ou razão social de Sociedade Junina *Bumba meu boi* da Liberdade, tendo como órgãos administrativos a Assembléia Geral, composta pelos associados; a Diretoria, constituída pelo

Presidente, Vice-presidente, Primeiro e Segundo Secretário, Primeiro e Segundo Tesoureiro; e o Conselho Fiscal, composto pelo Presidente do Conselho Fiscal, Secretário, Relator e mais três suplentes.

Art.1º - A Associação Junina *Bumba meu boi* de Leonardo, fundada em 01º (primeiro) de maio de 1956, sob a nomenclatura „Sociedade Junina *Bumba meu boi* da Liberdade” é pessoa jurídica de direito privado, sem fins econômicos, com autonomia administrativa e financeira, sediada na Rua Alberto de Oliveira, nº 150, Bairro da liberdade, nesta cidade de São Luís, Maranhão, regendo-se pelo presente estatuto e legislação que lhe for aplicável.

Art.2º – Constituem objetivos da Associação:

- I. Promover e divulgar as atividades tradicionais e representativas da cultura popular do Maranhão, mediante a formação de grupos dançantes do *Bumba meu boi* e do *Tambor de Crioula*;
- II. Promover a cidadania, consciência solidária e integração social de seus associados, mediante quaisquer eventos que busquem esse fim;
- III. Buscar meios, planos de ações e campanhas intensivas para ampliar o patrimônio;
- IV. Assistir os associados na defesa e garantia de suas necessidades básicas, de forma a favorecer o provimento de condições para atender contingências sociais e a universalização dos direitos fundamentais. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO JUNINA *BUMBA MEU BOI* DE LEONARDO: 2008)

3.1 A FAZENDA DO BOI DE LEONARDO

A *fazenda* do *Boi* de Leonardo está localizada à Rua Alberto de Oliveira, 150, bairro Liberdade. Na realidade não é nenhuma propriedade de terra com criação de gado, mas recebe essa denominação por representar, simbolicamente, a *fazenda* em que os episódios que o *Boi* narra teriam ocorrido. Na verdade, é o local onde um grupo de *Bumba meu boi* se organiza e realiza as principais atividades, a sede do *Boi*.

A sede do *Boi* da Liberdade



Foto: Marla Silveira

A Liberdade, um bairro de periferia de São Luís, embora fique bem próximo ao centro da capital, é considerado bastante violento. Foi criado em 1918. Antes, era uma “solta de gado”, local onde esses animais ficavam à espera do abate no matadouro que ali ficava. Há muito foi se constituindo como um celeiro cultural importante. Por lá existem vários grupos organizados, com diferentes vertentes culturais, do *Bumba meu boi* ao *cacuriá*, do *tambor de crioula*, aos *terreiros* e *blocos afros*, dentre outros. Nesse bairro, funcionam ainda quatro *pontos de cultura*: a associação do *Bumba meu boi* da Floresta, do mestre Apolônio; da ONG Grêmio Recreativo Cultural Libertos na Noite (*Dagbá Dijó É Mi*); do Terreiro da Casa de Iemanjá; e o da Sociedade Junina *Bumba meu boi* da Liberdade, do mestre Leonardo.

Retomando a descrição do espaço na sede do *Boi*, logo ao entrar na sala o visitante se depara com um *banner* que mostra a imagem do mestre Leonardo, identificando a sede como ponto de cultura; no canto direito da sala há um altar, que fica frontal à entrada, evidenciando a dimensão sacra da manifestação. Está localizado exatamente no local onde estão os pontos de força que sustentam o *Boi*. Nele há várias imagens, sendo a de São João (em destaque, no centro e a de maior tamanho), carrega a *guia* (colar de contas usado no tambor de mina), portada por Leonardo, quando vivo. Em dias de festa, é colocada uma faixa com as cores do *Boi* da Liberdade, branco e vermelho no santo; têm ainda: São Benedito; São Pedro; Santo Antônio; São Jorge; Nossa Senhora de Fátima; Nossa Senhora Aparecida; São Jorge; Santo Expedito e outro(a)s Santo(a)s.

Altar localizado na sala da sede do *Boi*



Fotos: Marla Silveira

Em frente a esse altar são realizadas as orações e depositados os agradecimentos materiais dos que honram o compromisso com o santo, reafirmando em diferentes formas a devoção prestada a São João. São feitas ainda as *ladainhas* antes de cada *treino*, *ensaio de rua*, nas cerimônias de *batizado* e de *morte*. Há sempre velas acesas (em cima e embaixo do altar) e a *ama* sempre defuma o ambiente, do fundo da sede (quintal), passando pela porta de entrada, calçada e vai até a fogueira, que sempre é acesa do lado de fora, na calçada de outra casa.

Eu sei que se o *Boi* vem bem ali na porta, eu, como responsável, ou quem tiver na casa, mesmo que eu esteja vindo com o grupo, mas quem está na casa, tem que estar prontinho com o defumador esperando. São hábitos da casa que agente vai passando e quem está morando ou acompanha o grupo nos afazeres da casa acaba aprendendo, é automático. Se der algum problema é porque não defumou, não deixou os espíritos negativos lá fora. Defuma toda casa e o *Boi*, quando chega, para afastar os espíritos ruins (...) Essas coisas eu via desde criança. (REGINA *in*: 2008, p.212)

Nessa sala, existem ainda várias cadeiras brancas, de plástico, os instrumentos, varas de *vaqueiros* e *tapuias* e chapéus de integrantes. Na época da temporada ficam pendurados nas paredes da sala, mas quando acaba a temporada, são guardados. Bandeirinhas de São João, penduradas no teto e várias fotografias de Leonardo, o santo de devoção, família e torcedoras, emolduradas nas paredes, completam o ambiente. Há ainda um mural que serve para a fixação das comunicações, recados, informações, aos que ali vão, sobre as atividades do *Boi*.

Detalhes da sala



Fotos: Marla Silveira

A sede do *Boi* da Liberdade sempre foi nesse endereço. A história que contam é que Leonardo comprou a casa com dinheiro ganho no jogo do *bicho*.

Dizem que ele recebeu a indicação através de um sonho, sendo São João, o Santo de sua devoção, quem lhe prestou esse auxílio. Em agradecimento, criou o *Boi* e enquanto viveu, fez o *Boi* da Liberdade dançar. Segundo Mauss, tudo é ritualístico, desde a maneira de solicitar à maneira de aceitar cada presente divino. Receber é firmar compromisso/contrato em dar a dádiva, enquanto que aceitar significa está disposto a cumprir.

É um constante „dar e tomar’, como atravessada por uma corrente contínua e em todos os sentidos, de presentes dados, recebidos, retribuídos, obrigatoriamente e por interesse, por grandeza e por serviços, como desafios e garantias. (MAUSS, 1971, p.226)

A história que permeia a promessa feita pelo mestre Leonardo a São João é contada pelos brincantes e registrada por Carlos Lima¹⁵ (2004):

Com o *Boi* usava uma casa emprestada („carinho de casa alheia, você sabe, hoje sim, amanhã não; hoje tá contente, depois tá olhando com cara torta.” Leonardo pegou-se com São João e prometeu: o que ganhasse no Jogo do Bicho empregaria na compra de uma casa que sediasse o *Boi*. “Ganhei muitas vez e comprei a casa por 15 mil. Ele (São João) é o dono da festa, quem me deu esse meio” (LIMA, 2004, p.16).

Após a morte do mestre Leonardo, a filha, Claudia Regina, assumiu o comando do grupo, em 2004, dando continuidade à promessa do pai, num processo de transição bastante complicado¹⁶. “Enquanto eu tiver vida, saúde e São João me ajudar esse nome eu vou zelar até o fim, não tenha dúvidas, é um compromisso”. Declara Regina na obra *Memórias de velhos* (2008, p.202).

Já nos últimos dias dele, perto de falecer, eu sempre estava lá com ele no hospital, e ele pensava muito no negócio do *Boi*. Ele disse para mim e para umas outras pessoas, também brincantes, antes de falecer, assim: „olha eu quero que tu não deixe o *Boi* acabar”. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 23.jun.2013).

Desde então, sua filha Regina comanda o *Boi* de Leonardo, com autoridade e liderança, conforme será abordado mais adiante.

¹⁵ Artigo publicado no Boletim da Comissão Maranhense de Folclore-CMF, nº 29. Ago.2004.

¹⁶ Esse assunto será abordado com maior enfoque adiante, ainda neste capítulo.

32 OS PREPARATIVOS PARA AS FESTAS

O grupo de Leonardo é formado pelo *Boi* e pelo *tambor de crioula* “*Padroeiro Poderoso*”, do qual participam os mesmos integrantes.

Existem, pelo menos, oito momentos importantes no ano, desses, o primeiro e o últimos são festejados pelo *tambor de crioula*: a **festa do sábado de aleluia**: nesse dia, o *tambor* dança a noite toda até de manhã. É o momento simbólico que demarca o início da temporada, ou a bem dizer, o começo dos trabalhos no ano, quanto ao *Boi*; no dia seguinte, domingo de páscoa, acontece o primeiro *treino*, quando os *cabeceiras* (*cantadores do Boi*) se reúnem para apresentar suas *toadas* novas. Os **treinos**¹⁷ são realizados aos domingos, sempre ao final da tarde até “boca da noite”, no interior da sede. Participam, além dos *cabeceiras*, a *ama* e as *torcedoras*, sendo, estas últimas, senhoras, a maioria das famílias dos *brincantes*, que acompanham o *Boi* nas apresentações e no *tambor de crioula*. São elas que irão escolher, juntamente com a *ama*, as *toadas* que irão ser cantadas nas apresentações do ano; depois começam os **ensaios na rua**, que acontecem aos sábados, iniciam bem tarde da noite, geralmente por volta das 23 horas, só acabam quando o dia amanhece. Deles participam os demais *brincantes* - “a *turma*”, pelo menos os da capital - os de Guimarães deixam para vir só na época das apresentações; O último ensaio é denominado *ensaio redondo*. Os ensaios, basicamente, tem o seguinte roteiro:

Reúne na fogueira; *guarnece*; chama *vai nessa e lá vai*; canta *lá vai*; depois que canta *lá vai*, chega na porta, aí você vai embaralhar o que você tem. Se não tiver, inventa, mas não pode deixar o *Boi* baixar, porque o *Boi* depois que tiver pegado, não para mais. Porque aqui nós tinha uma turma assim. Vou te dizer, eu brinco o *Boi* esse tempo todinho, mas *turma* de percussão aqui em São Luís, como esse *Boi*, não tem. (MARCOS, *cabeceira* e sobrinho de Leonardo, em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013)

Após o último ensaio, o grupo volta a se reunir na festa do **batizado do Boi**, no dia 23 de junho, quando o *couro* do ano é apresentado aos integrantes e à comunidade. Dessa comemoração festiva participam os dançantes do *Boi*, seus

¹⁷ Na primeira visita, havia a programação de treinos na sede e ensaios na rua para o ano de 2012. Os treinos estavam programados para os dias 8, 15, 22 e 29 de abril, das 16 às 20 horas; e os ensaios de rua para os dias 5, 12, 26 de maio e dia 2 de junho o *ensaio gordo*, o último, das 23 às 05 horas; depois se reuniriam novamente para o batizado só no dia 23 de junho.

parentes, a comunidade, alguns pesquisadores e pagadores de promessas, alguns destes só vão nesse dia, deixam presentes ao *Boi*, conseqüentemente ao Santo.

A partir do dia 24 de junho, quando se comemora o dia do Santo homenageado, São João, o grupo começa a maratona de apresentações públicas. São circuitos dos governos estadual e municipal, arraiais de diferentes naturezas, festas particulares, viagens, participações em programas de televisão, jornais etc. que se estendem até o dia 29 de junho, no dia que se homenageia São Pedro. Esse período, que compreende o dia 23 ao dia 29 de junho, caracteriza o ciclo das apresentações públicas, e é denominado de **período joanino**. As apresentações que realizadas após esse intervalo de tempo, são consideradas **apresentações fora de época**, pois o grupo já cumpriu a obrigação com o santo.

O Bumba meu boi, no caso o ciclo dele é depois da quaresma, sábado de aleluia agente toca o tambor como se o tambor fosse a abertura do ciclo, desse círculo de vida, aí vem os que antecedem os ensaios, aí vai os ensaios dentro de casa, os da rua até o batizado, que aí ele nasce nesse dia, então é a grande festa. Aí começa essa mistura de festa. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013).

O momento que simboliza o encerramento da temporada é a festividade da **morte do Boi**. São oito dias de comemoração, que acontecem na sede, mas envolvem a comunidade. Acontece sempre em setembro, geralmente na semana do feriado da Pátria. É uma festa para os integrantes do *Boi* e seus familiares. Demarca o fim da temporada e os preparativos para o ano seguinte, pois os primeiros planos surgem nesse encontro que tem características de confraternização e renovação.

Antes do encerramento da temporada, o *Boi* da Liberdade realiza, já há três anos, um praticamente ritual, a importante viagem à Santa Maria dos Vieiras, um pequeno povoado do município de Porto Rico do Maranhão, cidade natal do Mestre Leonardo. Quando o mestre era vivo, o seu maior sonho era ir com o seu grupo até a cidade de onde ele veio. Sua filha, Regina, realiza esse passeio ao local de origem como forma simbólica de homenagear seu pai e reforçar o compromisso, com ele e com o Santo, em manter viva a tradição deixada como herança cultural por Leonardo. São dois dias que o grupo passa lá. A comunidade inteira é mobilizada, hospedando os visitantes em suas casas e promovendo os preparativos das refeições.

Leonardo tinha aquela „encegueiração“ pelo *Boi*, uma preocupação. Quando estava muito mal, doente, em vez dele se tratar, estava preocupado com o *Boi*(...) Sabe, ele lutou a vida inteira pra levar o Boi no interior, no município dele. Hoje eu levo na maior facilidade. (...) É um espetáculo a participação lá. O local, a comunidade, todos se preparam pra esperar agente. Se preparam mesmo, para hospedar e receber. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 16.jun.2012).

Ou seja, é a tradição como herança. É uma maneira encontrada para reforçar os laços com a região, mas é também uma troca, uma estratégia para manter o grupo e o vínculo com os antigos ou com os herdeiros dos antigos, ao mesmo tempo, que proporciona o prestígio do *Boi* na região e obtém a fidelidade dos integrantes.

3.3 O TAMBOR DE CRIOULA DE LEONARDO

O *tambor de crioula* é uma manifestação da cultura popular de forte influência africana, um bom exemplo de resistência às imposições da cultura e religião dominantes. É realizado, muitas vezes, como pagamento de promessas a Santos, mas especialmente São Benedito, mas também como simples divertimento. Possui certas similaridades com o *Bumba meu boi*, tanto do ponto de vista da origem africana, como dos motivos de sua realização, quando religioso. Essas semelhanças são tão acentuadas, que é praticamente uma questão natural a existência de um *tambor de crioula* num grupo de *bumba meu boi*, pelo menos nos de *sotaque de zabumba*. Além disso, assim como o *Boi*, o *tambor de crioula* foi tombado como patrimônio imaterial brasileiro em junho de 2007.

De modo geral, o Tambor de Crioula pode ser definido como uma forma de expressão de matriz cultural afro-brasileira, difundida por todo o território do Estado do Maranhão, que envolve dança de roda, canto e percussão de tambores. Dele participam as coreiras (dançarinas), tocadores e cantores, conduzidos pelo ritmo incessante dos tambores e o influxo das toadas evocadas, culminando na *punga* (ou *umbigada*) – movimento coreográfico no qual as mulheres, num gesto entendido como saudação e convite, para entrar na roda tocam o ventre umas das outras. (RAMASSOTE, p. 9 *in*: BRASIL, 2007)

Tambor de crioula de Leonardo na morte do *Boi de Leonardo* em 2013



Fotos: Marla Silveira

O *tambor de crioula* de Leonardo é a manifestação da qual ele mais gostava, algo que não escondia de ninguém. O *tambor de crioula* dele não é de promessa como é o *Boi*, mas não deixava de ter certos elementos em comum, como referi. O tambor de crioula de Leonardo só tocava no dia da *morte* e depois passou a tocar também no sábado de aleluia.

Oh! Chega Semana Santa. Sexta-feira santa, sábado de aleluia é uma festa, o que é essa festa? É o tambor de crioula. É como se esse tambor de crioula fosse a abertura da temporada junina. Tanto é que quando termina a morte do *boi*, o tambor de crioula toca também. É como se fosse o fechamento dessa temporada. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013).

Atualmente o tambor se apresenta também em outras datas e ocasiões, como celebrações de grande importância para integrantes do grupo, assim como em viagens para fora do Estado, como a feita recentemente para Roraima.

Tambor de crioula Padroeiro Poderoso em Emissora de Televisão em Boa Vista/RR



Fotos: cedidas por Regina do seu acervo pessoal

34 LEONARDO: Um *amo* completo

Leonardo Martins dos Santos, filho de seu Bernardo José dos Santos e dona Sinfrônia Martins dos Santos, nasceu em Santa Maria dos Vieiras¹⁸, em 06 de novembro de 1921 e faleceu no dia 24 de julho de 2004, em São Luís, aos 83 anos vitimado por um AVC. Aos dezesseis anos, com a morte do pai, foi trabalhar na roça, mas aos 19 anos veio morar em São Luís, por achar que precisava mudar para a capital. Nessa época, a capital do Estado “atraia muitas pessoas da zona rural atrás de novas oportunidades de trabalho e melhoria de vida, principalmente após a chegada do bonde e da luz elétrica em 1939”. (MARANHÃO, 2008, p.196).

Leonardo trabalhou em vários lugares até começar no sindicato dos arrumadores. Não estudou em escola, mas aprendeu a ler e escrever depois de adulto. Primeiro, com a irmã Leocádia e depois com um amigo que já havia lhe conseguido também um trabalho. Estudou até o segundo ano e saiu da escola por causa das gozações dos amigos e da esposa.

Leonardo lia muito jornal e muita literatura de cordel, era assim, um leitor assíduo da literatura de cordel, você acredita? Tinha um monte de revistinhas, demais. Ficava penduradas assim, tinha um monte, quando viajava ele trazia. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 23.jun.2012)

Leonardo, repetindo, gostava mesmo era de tocar tambor de crioula, sua paixão e atuar no *Boi*, em que começou aos oito anos de idade. “É, *vixe!* o tambor acho que tem muito mais ligação com o meu pai do que o *Boi*, entendeu? O *Boi* ele gostava, era aquele estresse, mas o tambor ele tocava assim com uma vida, sabe?” (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013).

Quando Leonardo veio morar em São Luis, já tinha dançado onze anos seguidos. Na capital participou de vários *Bois* até criar o seu próprio grupo.

Desde menino seu divertimento era brincar no Tambor de Crioula; nada de peladas. (...) Aqui brincou no *Boi* de Misico (Hemetério Raimundo Cardos), na Vila Passos, mas muitas vezes voltou ao interior sempre para brincar o *Boi* até 1949. Ensaiaava umas toadas, mas não tinha vez. „Os cantadores antigos não davam valor à gente nova; mesmo o que fosse bonito eles faziam tudo para agente não aparecer”. (LIMA, 2004, p.16)

¹⁸ Nessa época, era um povoado do município de Guimarães, atualmente faz parte da cidade de Porto Rico do Maranhão.

Na época de Leonardo, os *Bois* não se uniam. As brigas e as rivalidades entre os grupos de *Boi de zabumba*, na capital, eram muito sérias, ganhando contornos policiais. Ele conta que “ao chegar em São Luís, até no *Boi* as pessoas tinham medo de *brincar* porque tinha aqueles piquetes” (2008, p.200).

Já Lauro, declarou (1999).

Mais ou menos às sete horas, eu saí com o *Boi*, batendo, brincando, mas fiquei rendendo, para não encontrar Leonardo que estava de prevenção conosco. (...) Viemos subindo, subindo, quando chegamos bem em frente à antiga estação de bonde, onde hoje é o mercado da COBAL, o compadre Bento Carneiro vinha cantando e resolveu passar uma brincadeira pela outra. Passamos o cordão, passamos o *Boi*; na passagem dos zabumbeiros, o pau comeu. A zoada começou, eram umas oito e trinta; às onze e trinta, ainda estavam batendo. Houve gente com cabeça quebrada... Maurício zabumbeiro foi o primeiro a gritar que era homem, então o furaram abaixo da costela. (1999, p.76).

Eram costumes tradicionais, e como tais, conforme bem definiu Hobsbawn (2008), práticas simbólicas compulsórias, obrigatórias, tendo a invenção de sinais de associação como elemento de carga simbólica e emocional universais (2008, p.19). Hoje, quando perguntamos aos *brincantes* a respeito da rivalidade entre os grupos de *zabumba*, alguns dizem que não existe mais, são poucos os que afirmam categoricamente que ainda há. O fato é que quando observamos com mais minuciosidade essa questão, percebemos que esse costume ainda vive, no entanto, de maneira muito mais sutil. O campo de disputa passou do universo das agressões físicas para o universo das apresentações públicas, para a disputa de espaços, prestígio, reconhecimento e acesso a recursos de várias naturezas.

Um caso interessante é o relatado por dois antigos integrantes do *Boi ide Leonardo*:

Vou te contar uma coisa, no *Boi* existe a *lei do vaqueiro*. Ele é pra ser o cara mais bonito do *Boi*. É o *boi* e o vaqueiro, a lei é essa. Aí que muita gente não sabe, escreve a história mas não sabe dizer, mas a lei do *vaqueiro* é pra ele ser o cara mais enfeitado do *Boi*. Ele tem de gastar dinheiro pra ele brincar. Hoje em dia não, chega e diz, Regina eu quero brincar o *Boi* de *vaqueiro*, me dá uma gola aí, pode tá pelado igual coró de rato e vai mas *vaqueiro* do interior ele não mostra nem a roupa dele. Vou lhe dizer uma coisa aqui depressinha, fui brincar o *Boi* em Santa Maria, Guimaraes, tinha dois *vaqueiros* pra me abafar. Eu não brinquei com a minha roupa, eu dei a roupa *prum* colega meu vestir e fiquei olhando pra eles. Eles achavam que iam me abafar. (MARCOS, *cabeceira*, sobrinho de Leonardo, em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013).

O vaqueiro ele quer se aparecer, eles não vão pra ulhar o *Boi*, vão pra *ulhar* o jeito do vaqueiro. O engraçado é que eles ficaram *ulhando* um pro outro, aí eu ouvi eles dizer, „*rapá*, eu vim pra ganhar, mas eu não ganhei”.

(BARROSO, *cabeceira*, primo de Leonardo, em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013).

Outro fato é que os mais antigos tinham autoridade para não aceitar a polícia em suas áreas a fim de manter a ordem. Eles mesmos garantiam isso com a força do respeito que impunham dentro do grupo e nos espaços de convivência.

Leonardo era um negro alto e robusto. Tinha uma força que não era apenas física, mas interior, espiritual. Firmou e cumpria o compromisso com os santos.

A obrigação de papai era com São João e São Benedito.(...) Temos dois *Bois*: um é da fundação do grupo, que a carcaça foi mudada este ano (2008). (...)Mas a cabeça é a mesma, eu não posso mudar a cabeça porque é um *Boi* da promessa. A partir do momento que esse *Boi* ficou de lado as coisas começaram a dar errado dentro da brincadeira porque ele é o *boi* da casa, é o *boi* da promessa. Pode ter outros *bois* na roda, quanto quiserem, mas o *boi* da promessa, que é o *boi* da obrigação, tem que estar pronto em primeiro lugar para as apresentações do período junino. (REGINA *in*: Memórias de Velho, 2008, p.206).

A respeito do jeito peculiar do mestre Leonardo, Carlos Lima (2004) registrou que:

O grande Leonardo da Liberdade foi sempre franco e espontâneo nas palavras. Dizia o que devia ser dito. O general Castelo Branco era Presidente da República. Sua filha, D. Antonieta, veio ao Maranhão e desejou ver o *Bumba-meu-boi*. (...)A Zelinda conseguiu, com muita insistência e recomendação, que o *Boi* chegasse às 10 horas da noite. Esperou-se até as 11(...) e nada da Senhora chegar. Às 11 e meia Leonardo impacientou-se: „Dona Zelinda, essa moça não *qué vê boi nenhum* e eu vou *mimbora*. (...) „Seu Leonardo, o senhor sabe para quem vai se apresentar? Para a filha do Presidente da República!”. O negro velho pôs as duas mãos fechadas nas cadeiras e perguntou altivo: „E daí, dona? Meu *cumprimisso* é com o Santo, já passa de meia noite e eu não posso *fartá* ou *chega atrasado pra donde* eu aindavou”. (LIMA, 2004, P.16)

Era um *amo* de *Boi* completo. Ele mesmo confeccionava os instrumentos, as indumentárias, compunha e cantava, além de garantir os espaços para as apresentações do grupo.

Mas ali era completo, esse homem era completo, ele sabia cobrir pandeiro, ele sabia arrochar, amarrar uma zabumba, confeccionar um chapéu de fita, então ele não se aperreava. Eu já me aperreio, porque eu sei pouco e não tenho tempo disponível também. Tenho conhecimento, mas não tenho tempo, não tenho a técnica de fazer nada disso, só conheço. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 23.jun.2012).

Em meio às inovações na dinâmica do *Boi* da Liberdade, algo que não muda é o compromisso dos integrantes do grupo com o *Boi*. Sempre houve, desde a época de Leonardo. A esse respeito, sobretudo sobre a participação nos *ensaios de rua*, a *ama* relata o seguinte:

Eu deixo eles à vontade, porque quando você chega na temporada, eles tem aquele compromisso com você, então, assim: O que é o ensaio de zabumba? É um movimento repetitivo. O que mudam são as toadas de um ano pra outro, mas aquele ritual, na fogueira, de vim pra porta, sair, chegar no arraial se apresentar é o *mesminho*, tá entendendo? Então a coisa já fica arraigada, eles já sabem como é que é, não tem um brincante de *Boi* que não saiba. Bom, voltando ao assunto, quando chega sábado de aleluia, todo mundo sabe que tem o tambor de crioula, e automaticamente vem o domingo de pascoa, e tem o 1º treino de *Boi* dentro de casa, então todo mundo já sabe, eu não preciso dizer „olha fulano” não, pra uns e outros eu digo „olha o ensaio de rua é dia tal”. Já começa, o ensaio começa meia noite e termina de manhã. Então, tipo assim, automaticamente é isso que acontece. Sempre foi assim, desde a época de Leonardo. Eu as vezes, na época de adolescente ficava um pouco perdida. Tinha o natal, aí carnaval, tem época que a gente se perde, terminava o carnaval e também era uma época que agente tinha uma criação muito rígida, era aquela coisa muito limitada, então na época das festas era a melhor época pra gente. Eles estavam muito ocupados, eles estavam muito voltados pra festa e não sei o quê, aí chegava a festa, agente saia pra bater papo, atentar um bocado. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 06.jun.2012).

O legado do mestre Leonardo é a sua postura de fidelidade e compromisso à promessa, não fazendo concessões nem mesmo frente às autoridades públicas, por mais graduada que fosse, como se verificou no episódio com a filha do Presidente da República; ou seja, seu compromisso era com o sagrado, com aquilo que garantia valor e significado à oferenda – o *Boi*. Essa postura marcou a trajetória do grande mestre; seu nome virou símbolo da tradição do *Boi* e eminência de grande prestígio do sotaque de *zabumba*. Valores agregados às manifestações que ele por mais de quatro décadas dirigiu - o *Boi* e o Tambor, ambos de Leonardo.

O Mestre Leonardo



Fotos: cedidas por Regina

35 A AMA REGINA: Herdeira de Sangue e documento

Claudia Regina Avelar Santos, nasceu em Cururupu/MA, no dia 22 de março de 1965, filha de Leonardo com dona Edinete Almeida Avelar. A partir dos dez anos de idade foi morar com o pai e a madrasta, até concluir o então segundo grau (atual ensino médio) na Escola Técnica Federal do Maranhão¹⁹, quando foi morar no Rio de Janeiro. Foi para estagiar numa empresa de veículos, após fazer um curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial-SENAI. Conseguiu um contrato de emprego após o período de estágio e naquela cidade passou doze anos morando.

Voltou a morar em São Luís em 1996, já com um contrato garantido numa empresa de bebidas, onde trabalha até os dias atuais. Nessa época o seu pai já não tinha mais a saúde forte e muito menos aquela disposição física para aguentar a luta diária de organizar o *Boi*. Já havia perdido espaço e força dentro do grupo. Mas a devoção com o santo continuava viva e muito forte.

Nessa época, nesse processo eu assistindo aqui uma reunião eu me ofereci pra entrar, aí muita gente achou ruim. Poucas pessoas ficaram a meu favor: minha mãe, meu pai e acho que mais uns dois. Foi quando eu me posicionei pra fazer a parte que Leonardo não fazia mais. Porque ele se sentia muito excluído de tudo, se sentia assim sem força, ele não mandava mais em nada. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 23.jun.2012)

Foi exatamente a devoção ao Santo que Regina assumiu como herança do pai, e com ela (a devoção), a responsabilidade de garantir as apresentações do *Boi* todo ano, ou seja, não deixar o grupo acabar e assim toda uma história de um *Boi* construída em cima da tradição que o *sotaque* de *zabumba* carrega. Outra tarefa da herdeira do *Boi* era zelar pelo honroso nome de Leonardo, seu pai. “enquanto eu tiver vida, saúde e São João me ajudar, esse nome eu vou zelar até o fim, é um compromisso” (REGINA *in*: Memória de Velhos, 2008, p.202).

Leonardo já estava bastante ruim e passou pra Chico Coimbra, que também já é falecido. Falou pra ele tomar conta da brincadeira. Ele realmente tomava conta, mas muitas coisas ele deixava de lado. Aí quando eu cheguei do Rio de Janeiro, em 1996, Leonardo sempre falando: que as coisas estavam muito difíceis, mas eu não tinha também tempo, não via tempo, não arranjava tempo para está inserida no *Bumba boi*, porque achava muito difícil, era muita gente. De certa forma um grupo desses, você trabalha com pessoas de todo tipo. Pessoas boas e pessoas ruins. Pessoas que querem seu mal e seu bem.

¹⁹ Atualmente, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA.

(...) Quando foi em 2002, ele já estava ruim. Era cada dia piorando e agente acompanhando, Ele teimoso que era uma beleza. Aí foi quando eu comecei a me envolver mais foi no dia em que teve uma festa só do *Boi*, uma confraternização, todo mundo feliz e ele num canto sentado. Aí eu cheguei perto. Então ele disse: „Ah! Pequena, me ajuda.“ Eu disse assim: „Ah! Senhor, eu não tenho tempo para isso não. Isso é só pra quem tem tempo“. E já tinha essa pessoa de lá [Chico Coimbra], que era a que estava se intitulado dono, se sentindo responsável por tudo.

(...) Passou uns dias, ele estava sentado assim, num banco. Tava muito jururu. (...) Aí ele me disse: „Olha, dia tal vai ter uma reunião pra prestação de contas“. Aí eu disse: „Que dia que vai ser? Eu vou participar. Você quer que eu entre?“ Ele falou: „Ah! tu vai entrar pequena?“ (...) Aí eu disse que eu ia. Cheguei em casa, fiquei preocupada, aquela ansiedade, e já se aproximava o dia da reunião e a ansiedade maior ainda. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 12.jun.2012)

A história de vida da *ama* do *Boi* da Liberdade é marcada de dificuldades e luta, para as quais demonstra muita força de vontade e liderança, condição que, dizem, lhe acompanha desde a infância. Para uma menina, não era fácil ter que cuidar de uma casa como se fosse adulta, lavando louças, roupas, limpando, cozinhando, e, ainda, estudando. Longe do olhar e carinho diário da mãe, Regina teve infância e adolescência difíceis. As brincadeiras de menina eram raras, primeiro pela escassez de brinquedos e de liberdade. Nessa época, segundo ela, as crianças tinham muita obediência e respeito aos mais velhos. Era a reprodução da educação trazida do interior.

Quando eu vim morar com papai tinha as festas e eu sabia que era muito cansativo neste período. Graças a Deus tudo o que eu sei fazer aprendi com minha madrasta, que me ensinou: lavar e passar roupas, cozinhar, todos serviços domésticos eu sei fazer. Ela era muito rígida, está com Deus, mas ela não era pessoa muito carinhosa com criança, até porque ela nunca teve filho. Escutava papai dizer que a mulher que nunca pariu não sabe o que é carinho. Eu era uma criança muito rebelde, mas eu tinha um compromisso. Quando chegava na época dos treinos eu ficava sempre atenta com ele, sempre ajudava, servia cachaça. Ele tinha uma lida pesada. Os instrumentos, ele mesmo cobria. (...) Quando chegava a época do *Boi* dele estava tudo pronto porque ele mesmo fazia.(...) Então eu tive esse conhecimento de ver como era feito todas as etapas e todos os preparativos até a brincadeira sair para a rua. (REGINA *in*: Memórias de Velho, 2008, p.210)

Regina é casada; tem uma filha, Thais (*tapuia* do *Boi*); ainda estuda (abandonou o curso de Direito e está finalizando Gestão Pública). Além dela, Leonardo teve mais quatro filhas, cada uma com mães diferentes: Sandra, Ilma, Fátima e Maria da Graça. Regina é a caçula de Leonardo e a única que foi criada por ele.

Eu não sei, eu acho que sempre fui assim, a preferida dele pela questão de eu ter estudado mais. Então, quando eu vi que ele tinha, assim, um certo orgulho, porque ele me chamava de minha „dôtorã“ e eu não sou doutora,

entendeu? Tipo você trabalhou, você tinha um trabalho fixo, aquele emprego fixo, aquela coisa, e ele vivia aquele momento muito bom. Aquele momento de glória porque, tipo, o que ele pôde ensinar eu aproveitei, eu via mais assim, então ele falava que eu era muito inteligente, você está entendendo, ele tinha isso. Ele tinha muito isso, ele sempre falava, aí quando realmente eu vi essa necessidade, eu assumi. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013)

É uma mulher moderna, que trabalha, estuda, cuida da família, da casa e tradicional, que valoriza o respeito, a honra, os compromissos firmados e criada em meio a regras e grande respeito aos mais velhos. Em que pese tudo isto, é tranquila, tem um senso de humor enorme, que usa com parcimônia e habilidade. Uma mulher de garra, fibra, forte – uma líder, que aprendeu a comandar um grupo predominantemente formado por homens, nascidos e criados num meio machista, e que soube impor sua autoridade e reivindicar a sua legitimidade – é “filha de documento” da pessoa que criou esse grupo.

(...) quando eu disse que ia participar *vixe*, foi como se jogasse uma bomba (...). Quando eu cheguei lá na reunião eu disse: „Bom, eu vou entrar na brincadeira e vou fazer a parte que Leonardo não faz mais. (...) Aí começou opinião. Uns diziam não entra, outros diziam essa daí vai entrar. Aí, minha irmã!, então foi aquele *zumzumzum* na hora d"eu adentrar nesta instituição. Combate daqui, combate acolá. „Ela vai entrar, vai gastar o dinheiro todo que é do *Boi*; e anda de sapato alto; depois desse tempo todinho, ela aparece do nada" E não sei o quê. (...). Eu disse: „olha, eu não apareci do nada. Leonardo é meu pai. Nenhum de vocês aqui é filho de Leonardo. Filho de documento, nenhum de vocês é". Pronto. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 12.jun.2012)

Regina nunca pensou assumir o papel do pai. Sempre lutou muito para ter seu emprego e estudar, aproveitar as oportunidades que lhe eram oferecidas. Mas quando Leonardo faleceu, sentiu que precisava assumir essa responsabilidade.

Há alguns anos dança no tambor e no ano de 2013 começou a dançar no *Boi*, como *vaqueira*. Mas, assim como o pai, a ligação mais forte é com o *tambor de crioula*. “Eu gosto do toque, é diferente a batida. Eu me lembro de meu pai”. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 13.jun.2013).

A minha relação é com o tambor, com o toque. Eu não dançava tambor, mas o toque do tambor, ele me incomoda, me atíça. Eu fui obrigada a dançar. Não dançava e recebia muitas críticas por isso. Diziam assim: „pede pra gente ir, ela nem dança”. Eu ficava meio assim. Como tinham uns festivais pra acontecer fora do Estado, festivais longo como o de Olímpia, que são 15 dias; em Brasília, que é um festival da Funarte, outro que demanda tempo, 15 dias também.. Aí eu resolvi começar a dançar nesses festivais. Porque se você vai, você tá tirando a vez de uma pessoa, então você precisa se caracterizar também. Mas no interior eu já dançava, assim, promessa, e tal, Una dos Moraes. Ah! vim dançar agora, já tem uns 5 anos.

Nem no *Boi* eu dançava, quando adolescente. . (REGINA em a Marla Silveira, 26.jun.2013)

Dentre as mudanças de época e prestígio, um aspecto importante que requer atenção, falando das mudanças no tempo, é em relação à segurança policial. Enquanto no tempo de Leonardo e dos mais antigos não se aceitava a presença da polícia, o prestígio, o poder era justamente a autoridade de Leonardo em controlar sua turma e os de fora que participavam da festa. Nos dias atuais, sob o comando da *ama* Regina, embora ela, assim como o pai, mostre prestígio e força, ainda assim, em dias de festas, solicita a presença da polícia na sede do *Boi*, cuja garantia de policiais fardados na sede, também é demonstração de prestígio. A razão é que a violência aumentou muito, no bairro da Liberdade, e ela se preocupa em “garantir a ordem” e oferecer tranquilidade para os integrantes e apreciadores da manifestação. Assim, o que era antes rejeitado, indesejado, porque a polícia era repressora do *Boi*, agora é solicitada, sua presença demonstra o prestígio da manifestação e de sua *ama*, porque, afinal, os policiais são mobilizados, oficialmente para esta tarefa.

Dentre os inúmeros eventos que o *Boi* de Leonardo participa, teve um muito especial para o grupo no ano de 2013. O *Bumba meu boi* da Liberdade foi à cidade do Rio de Janeiro, participar do Programa *Esquenta*, da Rede Globo de Comunicação, maior emissora de televisão da América Latina e uma das maiores do mundo. Essa viagem configurou-se num marco que consagrou a *ama* no comando de um grupo de *Bumba meu boi*, sobretudo por ser um *Boi* do *sotaque* de *zabumba*, uma modalidade (ainda) não domesticada e usualmente admitido pelo padrão mercadológico-televisivo. Portanto, uma manifestação cultural ainda considerada rude, primitiva para os padrões estéticos apreciados e aceitos pelo autoproclamado “padrão globo de qualidade” um dos mecanismos mais fortes e impositivos da indústria cultural no Brasil.

A musicalidade, a estética dos brincantes não é do tipo que atrai as massas. A história dos grupos de *Bumba meu boi*, especialmente do *Boi* de *sotaque* de *zabumba* é marcada pela discriminação e até mesmo perseguições oficiais do estado e da igreja, sobretudo por serem “coisas de negro”, “arruaceiros”, como fora por longas décadas. Em um contexto como esse, é comum a existência de um sentimento de baixa autoestima. Dessa maneira, um grupo criado por um homem que veio lá de uma comunidade distante, de remanescentes de quilombo do interior

do Maranhão, para ser visto em cadeia nacional de televisão (que disponibiliza as imagens via internet, por tempo indeterminado, e por canais a cabo para todo o mundo), significa uma mexida na autoestima do grupo, ocasionada por essa projeção do *Boi* na mídia como uma manifestação legítima de um povo. Esse acontecimento carrega em si um valor simbólico, um significado de grande relevância para o *Boi*, para o grupo, mas especialmente, para a *ama* Regina.

Portanto, Regina, como herdeira da promessa de Leonardo, assumiu o compromisso, em pleno leito de morte, como ritual de passagem, adquirindo e renovando, dessa forma, a promessa com o sagrado, assumindo o compromisso de defendê-la e preservá-la enquanto vida tiver. Sua vivência desde a infância, absorvendo esses valores, símbolos e significados da manifestação popular, a fizeram legítima depositária da continuidade dessa tradição. Seu grande desafio, influenciada por outras orientações oriundas da contemporaneidade, dos meios empresariais de sua formação e trabalho, é buscar a renovação da tradição sem perder os valores simbólicos que garantem ao *Boi* e ao *Tambor de Crioula*, seus vínculos com a troca sagrada que estabeleceram, pai e filha, com o divino, os Santos, os sagrados, com os quais inauguraram e renovaram a tradição.

Regina a *ama* do *Boi* de Leonardo



Fotos: Marla Silveira

4 O BOI DA LIBERDADE: Cultura Organizacional e Tradição Cultural

O *Boi* da Liberdade é uma organização social de natureza complexa e que emite uma simbólica específica que o identifica na sociedade maranhense. Sua etapa de apresentação pública – *botar o Boi na rua* – constitui-se como a culminância, objeto de todo um processo anterior, estruturante, preparatório, organizativo, para o qual o papel desempenhado pela *ama*, a dona do *Boi*, faz-se da maior importância. Isto porque a função que essa pessoa desempenha a frente do grupo, embora sendo ela, herdeira de reconhecida tradição simbólica é, também, caracteristicamente, de gestora. Nessa condição, assume a função de alguém que está no comando de um grupo organizado, portanto, na condição de herdeira, igualmente, de uma cultura organizacional já presente na manifestação, que vai sendo ressignificada²⁰ de geração para geração, de tempo em tempo.

De acordo com Pettigrew (1979), um dos precursores da abordagem organizacional através da cultura, os símbolos, a linguagem, a ideologia, as crenças, os ritos e os mitos constituem os elementos expressivos da cultura organizacional que, por sua vez “consiste em um sistema de significados pública e coletivamente aceitos para um dado grupo, em um certo período de tempo”. (PETTIGREW, 1979, *apud ESTOL; FERREIRA, 2006*).

O conceito de cultura organizacional adotado é o de Schein (1986), segundo o qual, pode existir uma forte cultura organizacional se a organização vivenciou experiências comuns, atribuindo maior importância ao papel dos fundadores nas ações de moldar seus padrões culturais. “Os primeiros líderes, ao desenvolverem formas próprias de equacionar os problemas da organização, acabam por imprimir a sua visão de mundo aos demais e também a sua visão do papel que a organização deve desempenhar no mundo”. (SCHEIN, 1986, p.51).

O fundador (ou os fundadores) de uma organização é a pessoa central no desenvolvimento da cultura organizacional, que por meio de mecanismos, estratégias e políticas, transmite as suas concepções e determina os pressupostos da organização, tanto explícita como implicitamente nos papéis que os integrantes devem desempenhar. O fundador tem lugar de destaque por ser ele quem definirá o

²⁰Ressignificar no sentido de atualização, de submetê-lo, sem perder seus significados, às influências, mudanças e transformações dos novos contextos políticos, comunicacionais e tecnológicos.

curso das ações, conduzindo o processo de formação dos padrões culturais a ser seguido pela organização e seus membros.

Leonardo, ao criar o *Boi da Liberdade* em 1956, formado, em maioria, por familiares e conterrâneos da região de Guimarães, não imaginava que esse grupo viria a ser um dos mais tradicionais e consagrados *Bumbas meu boi* do estado do Maranhão e do Brasil; nem tão pouco que a sua visão de mundo (entende-se aqui os seus valores, ensinamentos e suas crenças) seria a bússola que orientaria os integrantes dessa organização e a ressignificaria no âmbito de uma tradição familiar. Naquele momento, a criação do grupo representava tão somente a diminuição da distancia de sua terra e de seus parentes alicerçados no cumprimento de uma promessa a São João. Talvez as palavras proferidas numa das poucas, porém muito significativa entrevista com Neto de Azile²¹, retratem melhor essa dimensão da cultura organizacional impregnada por Leonardo. Ele disse:

É essa questão de ser uma brincadeira familiar que mantém a tradição.(...) Uma tradição familiar mantida pela relação de amor pela própria tradição. (...) Na verdade, o sonho dos remanescentes quilombolas lá da área de Santa Maria dos Vieiras hoje se projetou para o mundo, quer dizer, saiu de Santa Maria e ganhou o mundo. (NETO DE AZILE em entrevista para MARLA SILVEIRA, 13.jun.2013)

Já numa reunião com os integrantes, que antecedeu uma importante viagem, Neto de Azile declarou acerca do *Boi* de Leonardo:

Um *Boi* que tem uma tradição muito antiga e muito segura de um mestre que se foi. Nós fomos há alguns anos conhecer a origem do *Boi* em Santa Maria dos Vieiras, hoje nós estaremos representando o estado do Maranhão para o Brasil. Digo nós, a brincadeira do *Boi*.(...) O importante é que o Maranhão está levando três representações, dentre estas, o mais tradicional, o *Bumba meu boi* de *zabumba*, *sotaque* de Guimarães do mestre Leonardo. Então, a partir daí nós já não somos mais nós, mas nossas famílias, nossa tradição, nossos pais, nosso bairro, nossa cidade inteira. (NETO DE AZILE em reunião do *Boi* de Leonardo, 07.jun.2013)

Nestes termos que se torna importante, no âmbito deste capítulo, adotar a noção de organização enquanto conjunto de pessoas unidas para alcançar objetivos comuns. Essa noção é fundamental para um melhor entendimento do trabalho. Para

²¹Neto de Azile reside numa casa em frente à sede do *Boi* de Leonardo. Atualmente coordena o Ponto de Cultura do *Boi* e representa o tambor de crioula na Comissão de Salva Guarda de Tambor de Crioula do Estado. É professor de geografia da rede pública estadual e tem boa inserção na comunidade da Liberdade e nas instituições culturais do estado.

tanto, é relevante conhecer, na complexidade que carregam, as principais dimensões das denominadas organizações.

Partiu-se de uma abordagem universal, de caráter holístico, mas, sobretudo, contextualizante, no intuito de estabelecer uma reflexão do cenário organizacional do *Boi da Liberdade*, para assim apresentar as principais políticas e estratégias identificadas no cerne desse grupo em vista de *botá-lo na rua*.

Edgar Morin (2010), enfoca a complexidade existente no fenômeno organizacional presente em suas relações e em todos os seus casos. Não se refere às organizações no sentido de empresa, mas como instituições complexas, em que o todo está na parte e esta no todo.

A organização, entretanto, não pode ser reduzida à ordem, embora a comporte e produza. Uma organização constitui e mantém um conjunto ou „todo“ não redutível às partes, porque dispõe de qualidades emergentes e de coações próprias, e comporta retroação das qualidades emergentes do „todo“ sobre as partes. Por isso, as organizações podem estabelecer as suas próprias constâncias: é o caso das organizações ativas, das máquinas, das auto-organizações, enfim, dos seres vivos; podem estabelecer sua *regulação* e produzir estabilidades. Portanto, as organizações produzem ordem, sendo co-produzidas por princípios de ordem, e isso é verdadeiro para tudo aquilo que é organizado no universo: núcleos, átomos, estrelas, seres vivos. São organizações específicas que produzem sua constância, sua regularidade, sua estabilidade, suas qualidades etc. (MORIN, 2010. p. 198-199)

O presente trabalho destaca exatamente isso: ver o *Bumba meu boi* de Leonardo enquanto uma organização complexa, tradicional e articuladamente dedicada a garantir sua permanência e preservar suas principais características perante o público, frente aos diferentes contextos do ambiente e da conjuntura, sejam impostos pelos poderes dominantes, por este mesmo público, a comunidade do bairros ou mesmo participantes do grupo.

Deste modo, entende-se organização aqui sob o enfoque estruturalista, para efeito deste estudo, como uma forma de ação construída e executada coletivamente. É um organismo vivo, adaptativo, complexo. Leva-se em consideração que todas as formas de ação organizacional são resultantes do controle e da dependência relacionados, em parte, a políticas que envolvem a formação e o modo de executar alguns mecanismos estratégicos. Em se tratando de *botar o boi na rua*, sabe-se que implica toda uma logística que envolve ações as mais diversas. São etapas de um processo produtivo, que vão desde estratégias para captação de recursos, até sua

boa e transparente aplicação para os fins que foram captados. Além, obviamente, de todas aquelas ações já destacadas em capítulos anteriores para garantir a dinâmica da produção do *Boi* que envolve direta e/ou indiretamente as estratégias e as políticas, internas e externas, desenvolvidas pela *ama* e os integrantes, estes entre si e com outros diferentes tipos de organizações, como as instituições públicas e privadas, as outras manifestações da cultura popular e até mesmo dos diferentes tipos de público – dos diversos agrupamentos sociais e comunitários.

O *Boi* de Leonardo é uma organização da Cultura Popular do Estado do Maranhão que tem como objetivo coletivo o desafio de *botar o boi na rua* todo ano em prol de um compromisso sagrado estabelecido entre o seu fundador – Leonardo - com o santo da festa – São João. Este desafio resultou no fato de que a empresa familiar informal que fundou, teve de se tornar uma empresa formal para ter a garantia das apresentações públicas nos espaços determinados, principalmente os mantidos pelos poderes públicos.

A ideia de empresa formal no contexto organizacional do *Boi* já está estabelecida no discurso de seus integrantes, sobretudo pela *ama*, que defende a concepção do *Boi* de Leonardo como “uma instituição que, hoje, funciona como uma empresa. Ela não perde para ninguém em termos de participar de um edital de seleção. Pode estar incluída porque está apta para isso.” (REGINA, em entrevista. 13jun.2013). Outro recorte do discurso da *ama*, que ratifica esse perfil da manifestação, é quando ela diz “há muito tempo era uma Federação. Depois das mudanças nos governos, precisou se criar uma empresa com diretoria, CNPJ, estatuto e ata de criação”. (REGINA, em entrevista. 20.jun.2012).

O fato é que os distintos grupos de cultura popular a partir do momento que passaram da condição de excluídos e discriminados para serem reconhecidos e utilizados como símbolos e manifestações culturais pela sociedade e, em consequência, pelos governos, passando a acessarem recursos financeiros destes, mas também dos setores privados, tiveram que se adequar às exigências legais, financeiras e contábeis. Seja a documentação das organizações, habilitando-as para o acesso aos recursos, seja para a movimentação destes, como abertura de contas bancárias, por exemplo.

No âmbito dos grupos de *Bumba meu boi*, as coisas mudaram bastante. Tiveram que se tornar entidade, em grande medida adotando princípios ou estratégias empresariais das organizações formais. E nessa condição, a condução

das manifestações necessitou se adequar aos desafios de toda e qualquer organização. A condução do *Bumba meu boi* precisou atualizar a documentação, de planejamento, eficiência, racionalidade e outras diretrizes.

Após assumir o *Boi* de Leonardo, Regina sentiu a necessidade de se capacitar, de aprender melhor como administrar uma organização cultural como a sua. Pesquisou e tomou conhecimento das consultorias e cursos sobre empreendedorismo voltados para a cultura popular que o SEBRAE oferecia. Assim relata a ama:

Eu participei de várias oficinas de capacitação para elaboração de projetos. Vixe! e isso vai esclarecendo! A partir do momento que você é inserida em um grupo desse, sua mente também vai acompanhando essas melhorias, esse desenvolvimento. Então, através dessas oficinas do Sebrae, o *Boi* da Liberdade, através do seu estatuto, da sua documentação ficou apto a concorrer de igual pra igual com as outras instituições culturais. Porque tem quem fica dizendo assim „ah! só o *Boi* de fulano de tal viaja! Só o *Boi* tal concorre a projetos!“ Mas não procura se atualizar.

Se fosse na época só de Leonardo, da turma velha, com certeza eu não sei se eles dariam brecha para fazer essas modificações. Existe um medo muito grande deles de perderem essas instituições para os mais novos. Eles ficam com medo de você fazer tanta modernidade e perder o poder. Eles tinham medo mesmo. Um jovem dificilmente teria acesso a um documento desses ou teria acesso a vir dar uma palestra aqui para os brincantes. Era o entendimento dos mais velhos, eles não davam brecha. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 20.jun.2012).

Embora uma manifestação da cultura popular seja sempre tratada como algo informal, ela carrega sua dinâmica organizacional. Esta foi, de algum modo, impressa, demarcada pelo seu fundador. Por mais que essa dinâmica organizacional sofra com o tempo influências dos mais novos e das mudanças determinadas pelos diferentes contextos que experimenta, ainda assim ela tem um eixo que direciona as principais características políticas e organizacionais da manifestação. É importante observar, nessas organizações culturais, como o próprio nome diz, elas trazem uma dinâmica organizacional que se assemelha a qualquer outro tipo de organização, seja empresarial, seja pública ou uma instituição governamental. É imprescindível para essas organizações se relacionarem com a dinâmica econômica e política das quais elas dependem cada vez mais.

Para isso são construídas relações de poder internamente e externamente. Uma fortalece a outra, ou seja, a legitimidade que se consegue garantir internamente favorece o reconhecimento da organização externamente. Do mesmo modo, o reconhecimento externo, medido pelo nível de parcerias que conquistam; o

volume de recursos mobilizados ou ainda o número de contratos garantidos, pode fortalecer o comando, no caso, da *ama* do *Boi*, no conjunto da organização cultural. Nesse contexto, o papel da autoridade precisa ser reconhecido e obedecido dentro da organização, uma vez que, como já se viu, é a partir desse reconhecimento interno que ela vai construir suas relações com o universo externo da organização.

A minha entrada no *Boi* fez com que houvesse uma transformação de pensamento para melhor. Eu, hoje, tenho o acompanhamento de muitos deles, assim, de ver que esse meu envolvimento veio só para melhorar, porque o *Boi* é para ser visto. Ele não é só o *Boi* de Leonardo ou da Liberdade. Ele é para se apresentar para o mundo, porque ele tem um *site*, ele é uma empresa, ele é um ponto de cultura, ele se apresenta todo os anos nos arraiais durante a temporada e depois, no vale festejar, que eu chamo de temporada de luxo. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 28.jun.2012).

A dinâmica de uma organização é determinada, frequentemente, pela atuação de uma pessoa que se faz essencial porque exerce função administrativa ou gerencial, que compreende planejar, organizar, controlar e avaliar todas as ações de uma organização. Essa figura mencionada é o administrador da organização ou, como é mais usado na atualidade, o gerente. O termo mais apropriado não se faz tão vital nesse caso, mas sim identificar que a essencialidade da função desempenhada por esta é fundamental, pois irá determinar os caminhos e tomar as decisões das ações organizacionais. E, para isto, essa pessoa necessita ter liderança.

É através da liderança que a função administrativa/gerencial se realiza, porque é um processo, primeiramente, interpessoal em que uma pessoa influencia outra, mas não é qualquer uma, mas alguém imbuído de autoridade, de poder, este com legitimidade, pois a sua tarefa é, acima de tudo, administrar sentidos, em que os atributos indispensáveis devem ser a necessidade de trabalhar em equipe, inovação, autonomia e, principalmente, revisão de suas práticas e do entendimento de seu papel na organização, como exercício constante.

Liderança era algo indiscutível no mestre Leonardo, atributo que a filha Regina, atual *ama* do *Boi*, herdou. Ela conduz o grupo com disciplina, leveza e flexibilidade, conquistando e recebendo respeito, fazendo valer sua condição legítima de *ama* do *Boi* de Leonardo e afirmando eficazmente a sua autoridade. Presenciei muitos episódios ao longo desses dois anos, que permitiram constatar sua autoridade. Foram muitos momentos, dentre os quais, um que me chamou

bastante atenção foi no dia 13 de junho de 2013, quando a *ama* Regina repreende com veemência um integrante do *Boi*, por este está no ofício de bordar indumentária e ela perceber que esse estava consumindo bebida alcoólica. Mas, bastou ela dizer “tô vendo aí essa mistura de bebida com bordado. Está metendo grode, né?”, para o homem tentar, de forma ingloria, se justificar, mas para ela, a conversa já havia se encerrado ali, com aquele comentário. O outro, dali em diante, tocou o trabalho, quieto. Quando eu a indaguei a respeito da forma de administrar situações desse tipo, em que ela tem que impor a sua autoridade, ela respondeu:

É complicado. Mas precisa, porque não pode misturar. É vergonhoso pra gente esse tipo de associação. O grande negócio de você se envolver nessa história, o que eu achava que era dificuldade no começo, é comandar esse povo todo. Porque assim, a relação com eles tem que ter um limite. Ela não pode se confundir, porque senão eles começam a misturar muito, e aí eles perdem o respeito. A única coisa que eu acho que agente não pode deixar se perder é a questão do respeito. Você sabe, quem lida com o ser humano como é que é, né? Tudo se admite. O que é inadmissível é a falta de respeito. A hora que você não puder mais tomar conta do fundo da sua casa quem vai mandar, quem vai tomar conta, outro? (REGINA, em entrevista, 13.jun.2013)

Outros momentos desse gênero, envolvendo esse mesmo integrante do grupo de Leonardo, aconteceram em que a autoridade da ama pode ser afirmada. Segundo Barnard (1938) a autoridade consiste no ato de aceitar ou consentir dos indivíduos. Dessa maneira, “se uma ordem é aceita pela pessoa a quem é dada, fica confirmada ou estabelecida a autoridade dessa ordem com relação àquela pessoa. A desobediência a ordem constitui a própria negação de sua autoridade” (BARNARD, 1938 *apud* WAHRLICH, 1971, p.57).

Segundo Luiz Claudio (2013), músico maranhense de grande destaque, e discípulo do mestre Leonardo, com quem muito conviveu no processo de aprendizagem percussiva, afirmou, em entrevista, que “no tempo de Leonardo, ele não admitia ninguém bêbado tocando. Era uma disciplina absurda. Não podia entrar bêbado, não podia fazer algazarra”. (LUIZ CLAUDIO em 17.jul.2013)

De acordo com Fleury (1996) esse tipo de gerenciamento é importante para a manutenção dos ritos e dos valores básicos de uma organização:

Quando o gerenciamento da cultura implica manutenção dos padrões vigentes, as possibilidades de planejamento e controle dos elementos simbólicos reforçadores do tecido cultural são maiores: investe-se assim em desenvolver os ritos, os rituais ou as práticas organizacionais mantenedores dos valores básicos da organização. (FLEURY, 1996, p. 25).

No *Boi*, dentro da sua dinâmica organizacional, o *amo* (neste objeto, a *ama*) precisa ter o reconhecimento dos demais integrantes da organização. Isso não significa dizer que não haja tensionamentos. Sim, em toda expressão de poder, há resistência, portanto, disputa. Isso não é ruim. Pelo contrário, isso faz com que a própria manifestação tenha a sua dinâmica. Que a própria autoridade legítima, reconhecida e, às vezes, até legal se movimente para dar a dinâmica de funcionamento da manifestação. À medida que essa autoridade não imprime um sistema de gestão e, assim, um mecanismo de afirmação de sua autoridade, corre-se o risco de perder essa autoridade. O tensionamento que há pode ser um combustível que faz com que a autoridade se afirme e se atualize e a manifestação avance.

Lidar com pessoas requer muita paciência e jogo de cintura. Até você adquirir respeito pela tua cara demora muito.(...) Outra coisa, na administração de Leonardo era tudo fechado. O estatuto que rege, que é o regimento interno da instituição, não era amplo. Não dava abertura para participar de nada porque era aquela coisa fechadinha. Não tinha nem vice, só tinha presidente.(...). Reformulamos o estatuto, mudamos e ampliamos muita coisa.(...) as instituições deveriam estar aptas a participar de eventos aqui e fora do estado. Dentro do Novo Código de Processo Civil. Eu comecei a pesquisar, comecei a ver, com a orientação do Sebrae que tem uma pasta de cultura popular. (REGINA, em entrevista. 20.jun.2012).

As mudanças acarretam, em geral, conflitos que, por sua vez, são momentos de construção, de reflexão coletiva e de debate. O maior conflito experimentado pela *ama* Regina foi quando esta assumiu o lugar do pai na condução do grupo. Os primeiros anos de gestão não foram nada fácil para ela, conforme já mencionado no capítulo anterior. Segundo Regina, ela escutou muitos desabafos de insatisfações: “eu escutei muita conversa. De Zé Carlos, de Toinha, de Dona Vitória, nossa! Essa aí foi muito tempo para me engolir. Sabe ela jogava muita piadinha, era uma coisa. Eu ficava só escutando, só escutando”. (REGINA, em entrevista. 20.jun.2012). Segundo depoimentos, foram tensionamentos enormes com os mais antigos.

A existência de conflitos na organização implica na possibilidade desta entrar em crise. Sobre isso, Fleury (1996), afirma que:

A crise pode ser provocada por fatores externos (econômicas, políticas) ou internos (surgimento de novas lideranças, por exemplo) Ela é percebida de forma diferenciada pelos vários segmentos da organização, tanto em seu diagnóstico como na compreensão da necessidade de mudança. Isto porque o momento da mudança é de ruptura, de transformação, de criação,

o que envolve sempre risco – principalmente o risco das alterações nas relações de poder. (FLEURY, 1996, p. 26).

No contexto do *Bumba meu boi* de Leonardo, os portadores do capital simbólico que lhes dão autoridade dentro dessa organização cultural são os cantadores, vaqueiros, zabumbeiros, torcedoras etc., que dentro da hierarquia organizacional e até simbólica da manifestação, são papéis importantes que lhes dão poder. Assim, mesmo a Regina tendo autoridade simbólica e legal, ela não pode desconsiderá-los, pois essas pessoas trazem saberes e conhecimento de um tempo que ela não viveu, portanto eles são portadores de um capital simbólico. Nesse sentido é preciso, dentro dos mecanismos organizacionais que a brincadeira já dispõe, como sistema de punição, de premiação, de reconhecimento, a *ama* encontrar formas de contemplar esses interesses para viabilizar a sua autoridade e, sobretudo, estabelecer as suas relações de poder.

Os denominados antigos, embora não sendo autoridades legais, dentro das normas estatutárias da instituição, expressam uma autoridade simbólica, uma vez que simbolizam a história da organização; carregam através da antiguidade os saberes e determinados segredos daquela manifestação; além de exercerem papéis importantes dentro da manifestação que lhes atribuem prestígio e poder.

Essa autoridade simbólica – não legal - dos chamados antigos tende a ser acionada causando algum nível de tensão dentro da manifestação cultural, quando a mudança proposta ou imposta dentro da organização pode alterar os padrões culturais daquela organização. É o que explica Fleury (1996), quando afirma justamente que:

A questão se torna bem mais complexa quando a proposta é de mudança de padrões culturais, pois, nesses casos, as resistências dos vários segmentos da organização são significativas. (...) Nos períodos de estabilidade, as resistências a modificações em qualquer instância da vida organizacional são muito mais fortes, justificadas pelo clássico: „não se mexe em time que está ganhando”. (FLEURY, 1996, p.26).

Um acontecimento, no âmbito do *Boi* de Leonardo, que retrata bem isso, foi quando Regina resolveu contratar um cantador, que no *sotaque* de *zabumba* é chamado de *cabeceira*. A *ama* pensava dar um caráter mais profissional e comercial, mais empreendedor para o *Boi* se viabilizar economicamente. No entanto, a ação gerou um conflito imenso na organização durante alguns anos, só

amenizando quando ela anunciou que não mais chamaria o *cabeceira* para o *Boi*. Era uma estratégia organizacional que ela considerava inovadora. Porém, com isso, ela acendeu a chama de conflito com os mais antigos a partir desse momento.

Segundo alguns depoimentos, o *Boi* da Liberdade, hoje, não têm um *cantador* “de peso” do naipe de Leonardo, Chico Coimbra e “Arrupiado”. Os cantadores que estão não alcançam o primor desses já falecidos. O próprio Marcos, que é sobrinho de Leonardo (possui um porte físico muito parecido ao do tio) assumiu função de *cabeceira* por causa dessa defasagem no grupo, antes era *pandeirista* desde garoto. De tanto ouvir críticas a esse respeito, Regina foi atrás de um cantador na região de Guimarães. Isso foi em 2010. Era o ano em que ela tinha que gravar um CD. O *amo* do *Boi* de Guimarães cedeu o seu melhor *cantador*, principalmente pela importância do *Boi* de Leonardo para os grupos de *zabumba* daquela região. Esse cantador morava no povoado Damásio, de remanescentes de quilombo, bem distante da sede do município de Guimarães. Tinha como ofício, além de *cantador* de *Bumba meu boi* no período das festas juninas, ser vaqueiro – cuidar de gado na beira do campo. Nessa missão, Regina teve que ir de moto-táxi, tendo como companhia seu primo, Marcos.

Mas se foi difícil para ela encontrar um bom cantador para o *Boi* de Leonardo, dificuldade maior foi fazer com que grande parte do grupo aceitasse alguém, de fora da organização, assumir função de tamanha importância, outrora exercida pelo membro fundador.

Teve um ano que não tinha nenhum cantador. E tem aquela outra coisa de você não ir atrás de um cantador porque aqui, parte deles se zanga. Só que você precisa inovar. Precisa mudar pela qualidade da *brincadeira*. Não adianta ter roupa boa, ter isso e aquilo se o *Boi* não tem um *cabeceira* que canta bem? E eu trouxe o Beto. Nós fomos longe. Eu trouxe ele lá de dentro dos matos e fomos para o estúdio gravar CD. (...) Agora, outro problema, você pegar um cara desse, que é bom, lá do interior e trazer para cá. Eles ficaram todos com raiva dele. (REGINA em Entrevista. 23jun.2012).

Levou alguns anos até Regina perceber que não poderia radicalizar demais na tentativa de modernizar a organização, pois ali, embora já tendo sua própria cultura organizacional e incorporando alguns mecanismos modernos, sua natureza impõe também uma outra dinâmica, que precisa ser melhor compreendida e considerada. A lógica organizacional mercadológica não comporta toda a complexidade de uma organização simbólica. Conciliar sua dimensão cultural, cujo

valor simbólico é seu grande capital, com a necessidade de operar dentro de uma lógica de viabilidade e garantia de recursos para sua manutenção e reprodução, passa a ser o grande desafio da *ama*, que assume cada vez mais um papel gerencial dentro da organização. Essa postura que fica clara nas próprias palavras da *ama*, quando esta afirma que “para nós mantermos a nossa história nós temos que estar bem, nós não podemos nos descaracterizar. Eu não posso pegar e querer mudar”. (REGINA em Entrevista. 23.jun.2013).

Tal postura entra em acordo com o que propõe Clegg (1996), discorrendo sobre a dinâmica organizacional.

Num contexto organizacional organizado, as condições gerais da dominação econômica podem deixar de ser o elemento mais importante de uma resistência ou de um combate, ou seja, outras origens particulares de dominação podem ocupar importância primordial no plano organizacional. (CLEGG, 1996, p.58)

O importante aqui é compreender que as relações de poder não são apenas as chamadas relações de produção, mas são também, relações simbólicas de saberes, de informações, de conhecimento. Por exemplo, os anos nos quais o *Boi* teve um cantador de fora, foram anos de tensionamentos muito grande internamente. No entanto, ela pôde perceber, a partir de diálogos estabelecidos dentro e fora do grupo, que a estratégia foi equivocada. Ela constatou que não estava sendo a melhor maneira de se legitimar e conseguir o consenso e a aceitação para estabelecer um sistema de reconhecimento desse poder simbólico dos mais antigos. Daí para frente, quando constatou os prejuízos que poderia estar tendo, inclusive dos elementos simbólicos e de prestígio da brincadeira como um todo, suas iniciativas gerenciais foram na direção de favorecer que os mais antigos voltassem a ocupar, estrategicamente, espaços de prestígio dentro da manifestação, para além dos que já ocupavam antes, a saber: de cantar, de serem ouvidos, de participar das decisões, de receber homenagens etc. Sendo assim, de alguma maneira, as organizações são unidades destinadas à geração e execução de poder, muito embora grande parte desse poder seja exercido sem que seja considerado como tal.

A racionalidade é frequentemente considerada como uma característica constitutiva das organizações. Como isto devesse ser claro não somente para os críticos radicais, esta ação organizacional premeditada depende em primeiro lugar da subordinação das diferentes partes da organização. É sempre a realização desta subordinação, cuja a variabilidade é

continuamente marcada por uma dialética do poder e da resistência, que se situa no cerne de toda ação coletiva organizacional. Esta é a razão pela qual o interesse pelas relações de poder nas organizações deve considerar não somente (...) as relações de produção, mas também daquelas que podemos chamar de relações simbólicas: porque o poder intervém sempre ao mesmo tempo internamente na hierarquia e na linguagem, na dominação e no simbólico (CLEGG, 1996, p.49)

A racionalidade, aliada a uma boa dose de flexibilidade, passa a fazer parte das estratégias políticas da gestão de Regina. A partir do episódio da contratação dos cantadores de fora, quando tentou dar uma dinâmica mais mercadológica para o *Boi* da Liberdade, acabou por provocar um considerável conflito com o mais *antigos* do *Boi*. Tal episódio a leva a perceber que, nas suas estratégias de gestão, ela deveria conciliar informações e princípios da administração moderna, com elementos e valores simbólicos da tradição, principal capital de uma organização cultural como aquela. Dessa forma, já consciente dessa carga dialética que a realidade de sua organização lhe impunha, implanta essa lógica de maior racionalidade organizacional dentro *Boi* da Liberdade.

A *ama* Regina, a partir desse contato com a experiência real de gestão da organização, vai paulatinamente incorporando uma racionalidade organizacional cada vez mais arrojada, embora mediando com a natureza simbólica de sua organização. Capacidade que ela foi adquirindo ao longo de sua experiência no comando do *Boi* ao perceber gradativamente que em sua organização existem outros valores que não são somente os da viabilidade financeira. Mas, sobretudo, os valores de manter o prestígio do *Boi*, da tradição, do valor simbólico que Leonardo impregnou na manifestação. A lógica não é de uma empresa capitalista, mas de uma organização que sobrevive dentro de uma ordem capitalista, de manter-se, de sobreviver dentro dessa lógica. O capital financeiro não é o mais importante nesse tipo de organização, mas sim o capital do prestígio e da tradição. Dentro da realidade contemporânea, a lógica da organização do *Boi* da Liberdade não é a obtenção de lucro. O que se almeja é garantir as condições de remuneração minimamente justas para os seus integrantes e a reprodução do *Boi* para o ano seguinte, renovando a promessa ano a ano.

Assim, configura-se uma vivência de enorme e crescente contradição - o elemento da dialética - dentro de um capitalismo cada vez mais selvagem e voraz para uma manifestação cultural com tais características, carregada de tradição e de

valores simbólicos, conciliar e sobreviver dentro desse sistema, dessa ordem maior, moderna, cada vez mais global.

Desta forma, gerenciar uma manifestação cultural, no bojo dessa ordem capitalista, tendo que adotar princípios e mecanismos da moderna administração, exige que se pense a respeito das tarefas que envolvem a dinâmica organizacional de gestão. E assim, qualquer que seja o modelo organizacional se faz necessário, primeiro focar nos possíveis padrões de liderança e de autoridade existentes nessa organização. Por isso, o trato com pessoas é realmente o eixo central da função gerencial e isso independe da área e da posição hierárquica, o que vai criando, quase sempre, um padrão de desempenho gerencial corporificado ao próprio fenômeno organizacional. Isto está intimamente ligado ao exercício da liderança e incentivo à motivação, milimetricamente equilibrados para o desafio de gerenciar pessoas. A força de um grupo está diretamente associada à força de seu líder, porque é este quem o conduz, quem orienta e incentiva as realizações dos objetivos fins.

Além de você ter quebrado um paradigma de uma mulher está à frente de um *Boi de zabumba*, um dos grupos mais tradicionais que nós temos, a minha entrada serve hoje de exemplo para muitos outros grupos de *Bois de zabumba*. Hoje, quando eu vou a uma reunião, as pessoas ficam esperando pela minha presença. Táí uma coisa que eu não sabia, assim, como o meu modelo de gestão deu certo no grupo ao qual eu atuo, então todo mundo quer copiar, querem saber o que aconteceu, o que eu fiz para moldar o grupo, para eu ter visibilidade no grupo. isso são coisas que eu ouço, entendeu? (...) As pessoas querem saber o que eu faço, como eu conduzo. (...). Eu agarro as oportunidades que aparecem a cada dia e eu vejo que não sou diferente dos outros, eu sou igual ou melhor que os outros grupos. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 13.jun.2013).

A motivação, no âmbito organizacional, é o motor que faz com que uma pessoa permaneça ligada a uma organização, e nessa associação, empreenda o melhor de si para a realização dos objetivos dela. (TAMAYO; PORTO, 2005). Numa organização cultural, como o *Boi da Liberdade*, a motivação está intrinsecamente associada ao compromisso de cumprir uma promessa feita ao santo de devoção, mas também ao prestígio que seus integrantes adquirem dentro e fora da organização, a partir dos papéis que desempenham dentro da manifestação popular e do reconhecimento que recebem.

Já a liderança, de acordo com Tamayo & Porto (2005) “se refere ao processo pelo qual uma pessoa influencia os outros membros de um grupo para o atingimento das metas organizacionais”. É importante enfatizar que os autores em

questão, usam o termo liderança como sinônimo de “práticas de gerenciamento” e, segundo eles, um gerente deve ser, acima de tudo, um líder. (TAMAYO; PORTO, 2005. p.191). São características que a ama Regina assume cada vez mais na sua gestão frente ao *Boi da Liberdade*.

Aquela Regina que começou se mostrando num grupo como filha do dono, mas receosa não cabe mais em mim. (...) Hoje, eu sou confiante naquilo que eu digo, no meu posicionamento e isso eu adquiri com o tempo, nessa convivência aqui, com eles. Aquela barreira que foi imposta quando eu entrei não existe mais. Hoje eles não vêem o *Boi da Liberdade* sem a Regina. Eles me vêem como uma grande estrategista. Como uma pessoa que tem acesso à internet. Como uma intelectual, que eu não sou, mas para eles sou. E eles acham que nós só estamos onde estamos por conta da minha contribuição e eu devo isso a eles, entendeu? Porque eles deixaram eu fazer isso. Se eles não tivessem deixado, se eu não tivesse persistido para dizer “olha, eu sou filha de Leonardo. Eu estou aqui para isso” nós não estaríamos aí onde estamos. Foi muito difícil, porque não existe nenhuma vitória sem dificuldade. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 13.jun.2013).

4.1 UMA ORGANIZAÇÃO COMPLEXA, CULTURAL E FAMILIAR

O desafio de abordar a questão organizacional no âmbito do *Bumba meu boi* de Leonardo, com destaque para a capacidade da *ama*, desempenhando o papel de gerente, observado e destacado neste trabalho etnográfico, possibilitou descortinar detalhes, desafios, conflitos, dentre outros aspectos e elementos, partes do complexo que se configura tal organização popular da cultura maranhense.

Entendendo que a dinâmica das sociedades contemporâneas é marcadamente de organizações; compreendendo, ainda, que é por meio delas que coexistem as oportunidades de realizações e sobrevivência, aplicando-se os saberes e agregando-se outros; considerando que, mediante a dinamicidade da realidade social concreta, sob influências das inovações tecnológicas e comunicacionais, as organizações, de diferentes categorias, têm desafios de distintas dimensões a superar constantemente; desafios como lutar por posições de destaque dentre as demais e dialogar com as políticas governamentais, por exemplo, que estabelecem e reestabelecem limites e exigências. Tais processos impõem que as organizações sejam capazes de perceber e criar significados. E isto é um processo, acima de tudo, cultural, por produzir sentido de forma coletiva e desordenada, portanto, complexo.

Você agrega o que você tem do seu trivial, no meu caso, o que eu peguei lá fora de conhecimento eu trouxe para agregar valores, isso é o que eu pensava quando eu assumi o *Boi* de Leonardo. Eu pensei: vai ser uma oportunidade, por exemplo, de participar de editais, ou então, se eu não souber, eu vou procurar quem saiba. Mas primeiro eu pensei em atualizar a documentação. Nós não podemos ficar só aqui nessa panelinha, nós somos do *Boi* de Leonardo, nós temos que continuar sendo do *Boi* de Leonardo, porque sempre foi aquele *Boi*, dentro do sotaque de zabumba que incomodou os demais *bois* de *zabumba*. Então isso eu queria manter assim do jeito que estava como ele sempre esteve. Mas eu queria estar daqui para frente e não daqui para baixo. Eu tinha que me manter aqui onde eu estava ou então daqui para melhor, essa era a minha ideia e sempre foi assim, então para que isso realmente acontecesse, eu tive que buscar ajuda. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 20.jun.2012).

O perfil da Regina, como a *ama* do *Boi* de Leonardo, traduz a aparente contradição que existe entre os elementos de modernidade e a necessidade de manter, atualizada, a tradição da manifestação cultural. Ao mesmo tempo em que a *ama* é uma mulher inserida no mundo da moderna administração, na medida em que a sua formação é toda voltada para a dimensão empresarial, de gestão. Suas experiências profissionais também são no circuito de empresas amplamente inseridas no mercado, na ordem capitalista. Em meio a isso tudo, ela herda do pai, o mestre Leonardo, a tarefa de administrar uma manifestação cultural no Maranhão fortemente tradicional – uma organização complexa, tradicional e familiar.

Os primeiros estudos sobre os tipos de grupos organizacionais foram desenvolvidos a partir Elton Mayo (1949), que identificou três diferentes tipos de organização, dentre elas, o grupo de família:

O grupo natural resulta simplesmente da associação em trabalho; menor em número, tem uma freqüência regular, embora sob a supervisão direta do contramestre (...)

O grupo de família, grupo mais amplo, um núcleo estável determina, em função do seu prestígio, a freqüência do grupo; o comportamento dos membros mais novos fica condicionado ao exemplo dado pelos que pertencem há mais tempo à organização.(...)

O grupo organizado, em que as relações da administração são as mesmas como nos outros grupos, mas possui um líder, selecionado pela administração, respeitado e que desfruta a confiança dos companheiros. Esse líder dedica-se à tarefa de obter a integridade do grupo e de criar relações ordenadas entre esse grupo e os outros. (MAYO, 1949 *apud* WAHRLICH,1971, p. 53-54)

A diferenciação entre organizações pode ser estabelecida ainda com base nos serviços oferecidos e nas formas de gestão e/ou na perspectiva estrutural. No entanto, o tipo de organização que o grupo do *Boi* de Leonardo se identifica, a partir da dinâmica observada na sua forma de gestão, digo, na cultura organizacional do

grupo, forjada por seu fundador e atualizada por sua herdeira de sangue e documento, a *ama Regina*, a caracterizam como uma organização familiar.

As organizações familiares apresentam as mais variadas formas, no entanto, trazem uma característica central que se faz existente em todas: o fato de terem origem e história vinculadas a uma família que administra os negócios e mantêm-se à frente dessa organização, garantindo a continuidade dessa família na administração organizacional. (GERSICK; *ET AL*, 1997).

De acordo com Gersick; *et al* (1997), as organizações familiares se apóiam na coexistência de três eixos independentes, a saber: propriedade; família e gestão. O eixo da propriedade é associado ao proprietário, que detém o controle da organização. Quando existem outros proprietários, estes possuem apenas participações simbólicas, não exercendo, de fato, autoridade significativa; O eixo da família está associado à alternância de gerações na administração da organização. A preocupação fundamental é a transferência da liderança, a transição do poder entre os membros familiares; O eixo de gestão está relacionado à expansão, formalização e maturidade da organização. Caracteriza-se pela formação de estruturas funcionais, responsáveis pelo desenvolvimento de rotinas e políticas organizacionais (GERSICK; *ET AL*, 1997).

Para esses autores acima citados, esses três eixos organizacionais se interrelacionam, sendo fortemente influenciados por alterações organizacionais relacionadas a mudanças na família, na distribuição da propriedade ou na própria organização e por fatores do tempo como mortes, nascimentos, doenças, crises, desafios e até mesmo planos governamentais. Qualquer uma dessas alterações ou desses fatores envolve mudanças na estrutura e/ou no funcionamento da organização.(GERSICK; *ET AL*, 1997).

42 FILHA DE DOCUMENTO: O processo sucessório na organização

Dentre as possíveis alterações em uma organização familiar, há uma que merece destaque - o processo sucessório – que consiste na mudança de gerações no comando da organização. Esse processo implica no surgimento de uma nova liderança e isto vai sempre sugerir mudanças no estilo de condução, na estrutura e na cultura da organização. Tem influência direta sobre a vida organizacional, uma

vez que a alternância de poder e a transferência de liderança envolvem mudanças internas que, inevitavelmente poderão afetar a cultura da organização, por isso, é fundamental que esta, seja preservada em tempos de mudança e/ou de conflitos internos, ao menos os seus elementos essenciais. De acordo com Gersick; *et al* (1997), “algumas transições de liderança envolvem somente uma troca de pessoas na direção da organização, mas outras envolvem mudanças essenciais na estrutura e na cultura dela” (GERSICK; *ET AL*, 1997, p.202).

O processo sucessório em organizações familiares geralmente desencadeia conflitos e/ou crises, relacionados às dificuldades de separação entre as relações afetivas, familiares e/ou às decisões profissionais. Para Lodi (1994), “a crise da sucessão costuma ocorrer por ocasião da passagem do bastão do fundador para seu sucessor, em virtude de o primeiro desenvolver extremo culto à personalidade, ser autocrata, concentrar decisões, sacrificar a família” (LODI, 1994, p.53).

Traços fortemente presentes também na organização em questão, confirmando o perfil de uma organização familiar como propõe Lodi. Numa das nossas primeiras entrevistas, a *ama* relata sobre o apego do mestre Leonardo ao comando do *Boi*.

Porque como ele não tinha mais aquela rédea de está administrando e tal, porque isso aí é uma coisa que vai deixando eles um pouco, vamos dizer, deprimidos. Quando ele vai vendo que ele perdeu o poder, que ele não está mais ali no comando, que ele não diz mais nada. E ainda tinha uma série de conversinhas, fuxico, porque gera mesmo. Se ele já demorava para se arrumar, depois que adoeceu então, era uma coisa! E o grupo não queria mais esperar, tinha tudo isso. Aí comecei entrando, fui entrando, fui entrando, até que eu disse: „então eu vou fazer a parte que tu não faz mais”. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 28.jun.2012)

Retornando a Lodi (1994), por mais que o processo sucessório implique em alterações nos elementos expressivos da cultura organizacional, o sucessor deve ser escolhido com muito cuidado, de maneira que não haja dúvidas sobre a sua capacidade de manter os valores concebidos pelo sucedido. O sucessor precisa ter a noção de que a cultura identificada com os pressupostos do fundador precisa ser preservada.

Regina não participava do *Boi* e nem do *tambor de crioula* porque não queria e também por falta de tempo. Leonardo lhe fez o convite várias vezes. Ele a queria no grupo - este se orgulhava de ter uma filha estudada – a chamava carinhosamente de “minha doutora”. Ela estudou na antiga Escola Técnica, atualmente Instituto

Federal do Maranhão-IFMA. Depois, fez um curso no SENAI e ao concluí-lo recebeu uma proposta para estagiar na Mardisa, Rio de Janeiro. Quando voltou, depois de muitos anos, Leonardo já não estava muito bem de saúde e já não estava mais à frente do *Boi*. Quem comandava era Chico Coimbra, um *cabeceira* e um dos fundadores. Novamente Leonardo a convidou para ajudar na liderança do *Boi*, mas ela já voltou para São Luís com um contrato de trabalho garantido na Schincariol, empresa onde trabalha até hoje. Só que quando ela percebeu a profunda tristeza e o enorme desespero do pai em relação às mudanças que o novo *amo*, Chico Coimbra, fazia, Regina resolveu reivindicar a ocupação do lugar do pai. Segundo relatos, Coimbra não dava o respeito esperado e fazia com que os demais integrantes do grupo também não respeitassem o fundador, Leonardo. Nesta conjuntura, cada vez mais o mestre perdia o respeito dos integrantes e, por consequência, perdia a sua autoridade, enfraquecia seu poder e a sua liderança perante o grupo. Além disso, ainda houve a história do *boi* da promessa. O Chico trocou a armação do *boi* porque queria uma nova, com um outro formato, com uma outra cabeça. Portanto, assim deixava de ser *Boi* de Leonardo, o da sua promessa. Este começou a dizer que as suas linhas estavam cruzadas. Nesse tempo, se separou da esposa, saiu de casa, só ia à sede para as festas. Depois de um tempo, deixou de ir de vez e adoeceu. Regina conta que quando soube que o Chico queria botar fora a guia do pai, bateu o pé e disse que dali aquela guia não saía. E só saiu quando o mestre faleceu. Esse foi o estopim para ela resolver fazer algo pelo pai e fez – reivindicou a sua legitimidade, anunciando que ia fazer a parte que Leonardo não fazia mais, fazer os contatos e garantir as apresentações.

Outra importante estratégia necessária à sobrevivência e continuidade de organizações familiares é a profissionalização do sucessor para o exercício da administração (LODI, 1994). Parecia então que o mestre Leonardo tinha certeza que Regina, dentre as suas cinco filhas, era a mais preparada para ser a sua sucessora, por sua ligação co-sanguínea e por seu preparo, tanto profissional (nas áreas de gestão e jurídica) como cultural (acompanhando, durante anos, toda rotina de Leonardo em organizar e *botar o boi na rua*).

A *ama* Regina não pretendia assumir o *Boi*. Na verdade, segundo ela mesma conta, foi na iminência de ver ameaçada a promessa de Leonardo, que ela se viu impelida a ser a sua sucessora, fazendo a sua própria promessa no leito de

morte do pai, de preservar o grupo, em sua memória, renovando, assumindo a herança da promessa original. Ela conta:

Eu não queria saber nada de *Bumba meu boi* que era só trabalho, esse negócio todo. Eu queria era me livrar assim desse momento. (...) Mas, assim, num processo de falta, de ausência do principal, a gente começa a querer tomar a vez e assumir aquilo ali, porque agente não quer que aquela história acabe. Quer dizer, esse processo aconteceu comigo, assim que foi. Comecei a pensar e falar assim: „ah! o *Boi* de Leonardo é isso, mas ele gostaria que fosse assim, assim, assado“ (...) Então comecei a querer fazer as coisas. Assim, por exemplo, ele dizia que tinha muita vontade de o *Boi* estar onde está. Outra coisa, ele lutou a vida inteira para levar o *Boi* no interior, no povoado dele. Eu hoje já posso realizar essa vontade de meu pai. Eu faço tipo uma excursão, levo na maior facilidade, consigo dois ônibus, muito bons. É uma festa em Santa Maria dos Vieiras. A comunidade inteira se envolve. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 28.jun.2012)

O percussionista maranhense Luiz Claudio, ao ser entrevistado para esta pesquisa, declarou:

Regina, no tempo que eu estava lá, eu raramente a via. Eu conhecia as pessoas porque o grupo não era tão grande. Eu acho que ela se aproximou depois que ele já estava um pouco enfermo. Ele deve ter escolhido ela para ser a sucessora. E, engraçado, ele escolheu uma pessoa que não era tão presente, mas acho que ele deve ter percebido que ela que iria levar a coisa adiante, como ela leva até hoje.

Enfim, no *Bumba meu boi*, sotaque de *zabumba*, campo das manifestações culturais populares, as organizações se firmam, de certa maneira, conforme a atitude pela qual elas se colocam diante dos outros grupos de igual natureza. É o universo das disputas, das rivalidades entre grupos. Outrora física, agora de prestígio. Universo em que se configura e se ressignifica a tradição de rivalidade entre os grupos de *Bumba meu boi*, conforme abordado no início do trabalho. A rivalidade perdura, não terminou, se transformou, somente mudou de percepção. Tal situação ilustra bem a dinamicidade da cultura.

A perspectiva da sobrevivência do *Boi*, de manter-se em voga, em evidência, sobretudo em termos materiais e financeiros, é outra dimensão a ser considerada nessa questão organizacional do grupo. Para a disputa dessa dimensão, as organizações de *Bumba meu boi* desenvolvem políticas e estratégias para botar, cada uma, o seu *Boi na rua*, especialmente as que tratam de garantir os recursos financeiros e as apresentações nos espaços públicos. E tudo isso pode ou não interferir na manutenção desse universo tradicional de disputas e rivalidades.

Isto posto, o que se pôde perceber por meio desta pesquisa é que o *amo/dono* precisa mostrar suas habilidades para tantos desafios, e nesse intuito, estabelece a sua gestão, nesse caso específico, a *ama* do *Boi* de Leonardo, filha do fundador, busca a cada desafio superado, implantar a sua marca no processo sucessório dessa organização. Ela tende a manter e atualizar uma cultura organizacional do *Boi* da Liberdade, iniciada por Leonardo, seu fundador. É exatamente aí que a *ama* precisa mostrar suas habilidades e talentos para tamanhos desafios. Nessa busca, imprime a sua gestão, marcando o ferro²² desse *Boi* não só na cultura popular do Maranhão, mas “no mundo”. Assim, Regina tende a manter e atualizar a cultura organizacional do *Boi* de Leonardo.

²²Na criação de gado, utilizava-se a prática de marcar o animal a ferro quente, este trazia o símbolo do criador, evitando com isso, apropriações indevidas.

5 NAS ENTRANHAS DO BUMBA MEU BOI: Questões estratégicas para estabelecer políticas de produção e sobrevivência

O estudo antropológico baseado no conceito de cultura defendido por Geertz permite fazer uma análise cultural do *Boi* de Leonardo pela dimensão simbólica dessa organização, considerando a noção de poder e de controle. Isso se relaciona diretamente com aqueles elementos que vem sendo discutido sobre a constituição da cultura organizacional. Pois, para Geertz, embora a cultura seja uma categoria que compreende, essencialmente, o aspecto simbólico, ela é estruturada dentro de contextos históricos, políticos e sociais e, a partir desses, se alicerçam as questões do poder e do controle como sendo fundamentais. É, para ele, “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” (GEERTZ, 2012, p.5).

Os comportamentos, pensamentos, as atitudes individuais e coletivas são produzidas, reproduzidas, construídas a partir dessas estruturas. As relações de poder se afirmam na sociedade, em um grupo, numa comunidade, através das estruturas estruturantes, e as formas, as expressões de poder simbólico são essencialmente estruturas estruturantes, posto que são significantes. São elas que sedimentam comportamentos, consensos etc.

É o que Bourdieu chama de poder simbólico “de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem” (2002, p.9), formado por “sistemas de símbolos como instrumentos de conhecimento e de comunicação, que só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” (2002, p.9), sendo através da cultura e da arte que o poder simbólico se faz de maneira mais subliminar. Pois é estabelecido por meio da fé, das manifestações culturais, das artes, por isso são estruturas estruturantes.

Compreendendo que a sociedade é composta por diversas outras estruturas que se interrelacionam cabe dizer aqui que essas questões que envolvem a cultura, a sociedade, a política, dentre outros aspectos da vida coletiva, são por excelência complexas, posto que não significam somente o somatório de um com outro elemento, mas as interações, as trocas possíveis, nas múltiplas direções, dando e recebendo contribuições. Em questões sociais e culturais, o produto não é apenas a soma das partes, é a interrelação das partes. Quando um sistema cultural se mistura com outro já não são apenas aqueles dois, mas uma complexidade de possibilidades de sistemas, porque “as complexidades são possíveis, se não

praticamente infundáveis, pelo menos do ponto de vista da lógica” (GEERTZ, 2012, p.5).

Dessa maneira, a complexidade que envolve uma manifestação cultural de cunho popular como o *Bumba meu boi* é marcada por relações de poder e de controle. A sua existência depende de uma liderança, de uma autoridade interna que depende, por sua vez, do estabelecimento do controle que esta exerce perante o conjunto dos integrantes daquele micro-organismo, daquele micro sistema. Por isso dizer que é uma espécie de micro-universo, guardadas as suas especificidades, estas são justamente as dimensões da cultura, da tradição, da memória e dentro disso, as suas estruturas de poder. Assim, o *Boi* tanto vive dentro de uma estrutura mais ampla (formada por estruturas históricas, sociais, políticas, religiosas etc) como o próprio *Boi* é um micro-sistema, é uma estrutura de poder interna que se estabelece.

Nesse ponto que a discussão de cultura em Geertz se relaciona diretamente com a discussão de cultura organizacional, pois esta não existe sem disputa de poder, assim como não existe autoridade sem controle e nem existe espaço social, cultural sem disputa de poder.

Trata-se do relacionamento existente entre os padrões culturais específicos de cada organização e os processos e relações de poder determinantes de sua dinâmica. Ao focar as esferas da cultura e do poder organizacional, as concebo como padrões inter-relacionados, que se influenciam mutuamente e guardam entre si práticas pouco conhecidas, mas que são significativamente importantes para definir o perfil de uma organização, penetrar em seu complexo universo e compreender as causas de fenômenos aparentemente inexplicáveis. (FISHER, 1996, p.66)

Assim, nesse debate em torno do *Boi* da Liberdade, se configura uma relação extremamente estreita entre o conceito de cultura que Geertz trabalha com a abordagem de cultura organizacional a partir dos teóricos dos estudos organizacionais aplicada neste trabalho. São os mesmos elementos, apresentados, separadamente, sob o enfoque da Antropologia Simbólica e da Administração.

No caso em questão, o *Boi* de Leonardo, trata-se de uma organização formal e cultural, de caráter familiar, criado por um mestre que se relacionava com toda a sua parentela, vizinhança, em comunidade, com relações consangüíneas, de compadrio etc. Este, para pagar uma promessa cria um grupo muito grande de pessoas e, gradativamente, vai estruturando, estabelecendo relações de poder sobre os demais integrantes do grupo, como figura central, como fundador do grupo.

Nesse processo de inter-relações é que vai sendo construída uma cultura da própria organização, os modos de fazer, as práticas e regras desse grupo.

As atitudes do fundador, comportamento, sua visão de mundo, da natureza humana e do próprio negócio, acabam por ir moldando a organização e vão lenta e gradativamente se impondo, como valores e crenças. O poder do fundador se faz sentir desde o início nos processos de recrutamento e seleção, tomados aqui em sentido amplo. O fundador escolherá pessoas afins com seus valores, visão de negócio, ou pelo menos buscará pessoas moldáveis e adaptáveis ao que julga ser a postura organizacional conveniente e adequada. (BERTERO, 1996, p.39)

Essa forma de gerir o *Boi*, essa cultura organizacional que Leonardo inaugurou, de certa maneira, (in)voluntariamente, aconteceu em meio, também, a tensionamentos com os demais integrantes. Disputas, conflitos, os quais são sanados através das trocas, dos acordos que o fundador, o *amo/dono* é capaz de estabelecer com os demais. Desenha-se uma cultura organizacional marcada por dar e receber. Começa pela troca no campo da promessa com o santo, o sagrado, e, depois, no campo da condução com os seus pares, se dá, se recebe e se renova o comando e o poder a partir de distintas relações de trocas, muito embora haja reclamações, descontentamentos.

Mas integrar um grupo como esse, ainda como simples integrante, traz prestígio, autoridade, mesmo não sendo aquela dita autoridade formal, legal, estatutária, mas a autoridade estabelecida pelos saberes que acumulam, pelas informações que passam a ter, pelo tempo de permanência e por conhecerem tão bem a organização, seus códigos e segredos.

Inegavelmente, o *Boi* é o exemplo patente de um pedaço de significativa importância para as pessoas que nele circulam e se detêm em busca da satisfação de suas necessidades sociais. Logo, à medida em que se aprofunda o conhecimento comum, também se acentua o reconhecimento pessoal, haja vista que „pertencer ao pedaço” significa poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade. (CARVALHO, 1995, p.98)

Deste modo, essa relação de poder é também estabelecida pela troca, de reconhecimento e prestígio, para um lado e para o outro. Leonardo, na sua época, em que era o chefe maior, tensionava permanentemente com os integrantes, com Regina, sua filha, não foi diferente. Esta quando teve que assumir a condução do *Boi*, experimentou grandes conflitos na relação com os antigos e, até hoje experimenta, embora ela tenha feito diversas flexibilizações, acordos, camaradagens, trocas, ainda assim, o seu comando é permanentemente

tensionado. Faz parte da dinâmica de uma organização social. Esse é um processo permanente de troca que se dá. Por isso, estruturar o pensamento baseando-se em Mauss, justamente nesse conceito da dádiva, da troca.

De simples troca de bens, de riquezas ou de produtos no decurso de um mercado de indivíduos. Em primeiro lugar, não são indivíduos, e sim coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam. (...) trata-se, antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras.(...) Enfim, essas prestações e contraprestações são feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam, no fundo rigorosamente obrigatórias. (MAUSS, 2003, p.44)

O exercício de poder se dá em meio aos tensionamentos, conflitos e disputas. Estes são necessários. É, por excelência, a dimensão política da cultura organizacional, daí que o exercício do poder, da autoridade, da liderança se dá na busca permanente da construção de estratégias, internas e externas. Se não houvesse conflito, por exemplo, no *Boi* de Leonardo, os antigos não teriam como conquistar algumas regalias que consideram benefícios.

Por ocasião do batizado de 2012, uma das primeiras oportunidades de identificar e manter algum nível de contato e aproximação com os ditos “mais antigos” do *Boi*, até mesmo por ser essa uma das poucas ocasiões que alguns ainda comparecem, por motivo, principalmente, de saúde ou de morarem em bairro distante ou no interior; Pude fazer as primeiras observações a respeito dos tensionamentos, dos conflitos existentes no interior desse grupo. Os antigos estão constantemente tensionando: é um bordado que desagrada; um chapéu que pesa por ter fitas demais ou o contrário; um determinado lugar no ônibus que desagrada; ou reclamações por atrasos nas apresentações, cansaço, da comida, reivindicações de folga etc. Frases como: “no tempo de Leonardo isso não acontecia”; “no tempo que eu mandava aqui”; “na época de Leonardo não era assim; “se eu cismar eu vou para outro *Boi*”; ou ainda, “toda vez tem que ter uma confusão” foram ouvidas com frequência em inúmeras vezes e datas por diferentes pessoas, tanto por antigos como por mais moços, durante o tempo desta etnografia.

Muito embora haja reclamações permanentemente, mas Regina sabe usar os elementos do poder herdado do pai no processo de sucessão e gestão do *Boi*. “Brigas de bastidores existem e são normais”, diz em tom jocoso a *ama* Regina. Com sua formação burocrática, administrativa, de mulher dos negócios ela percebeu que poderia usar essas ferramentas do mundo “moderno” para renovar o poder

herdado e fortalecer as estruturas desse micro-organismo que ela comanda. Esta soube “adaptar os seus comportamentos e características à situação e ao contexto” (TAMAYO; PORTO, 2005, p.192).

Então num grupo desses, você tem combates terríveis, coisas horríveis, primeiro porque tem essa ligação muito forte com o Santo. Eu não sei até que ponto era o envolvimento de Leonardo com as entidades, mas que ele tinha, tanto é que agente sabe, todos que montam um grupo desses, monta por devoção.

(...) Por isso é que eu te digo, é todo tempo lutando. Você está inserida dentro de um grupo, acho que independente de ser de *zabumba* ou qualquer outro grupo, os combates são fortíssimos porque você está sempre incomodando alguém.

(...) Eu penso assim: Leonardo era dono. Ele se foi. A brincadeira não continua? (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 12.jun.2012)

Administrar essa organização cultural de natureza familiar, de forte valor simbólico e popular, das mais tradicionais, seguramente é o maior desafio da *ama*: Como dá ao *Boi* essa condução de gestão, mas ao mesmo tempo, não perder o vínculo com os *antigos*, com os detentores dos saberes e práticas da organização, sem perder os vínculos com os elementos da tradição que conferem prestígio e valor à manifestação?

Quando o meu pai se foi eu comecei a sentir aquele vazio. Não acreditava que ele tinha partido. Eu fiquei um pouco perdida.(...) Eu ainda procurei ver quem queria tomar de conta do *Boi* (...) o conflito não pode dominar, porque se agente deixar isso acontecer, a história acaba. (...) Se você entra num negócio desses pensando em lucro, em ganhar dinheiro, em se dá bem você vai estragar toda a história da brincadeira. Então, o que eu sempre peço a Deus, aos santos da festa, que me dêem sabedoria para que eu consiga conduzir e fazer com que as pessoas entendam isso da mesma forma como eu vejo, porque senão, se você deixar, isso realmente se perde, muda de nome. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 12.jun.2012).

Quando Regina diz que recorre à ajuda de Deus e dos santos da festa para conduzir o *Boi* da forma que ela entende, está se referindo, também, à cultura organizacional iniciada por seu pai, o fundador do grupo. Porque nesse processo sucessório, fica evidente que a filha, ao assumir, tinha como objetivo continuar aquilo que o pai não fazia mais, com forte tendência a manter do jeito que foi deixado, ou até melhor, como se percebe no discurso da *ama*, posto que é a marca, é o valor principal do *Boi*.

Cada grupo tem a sua cultura organizacional diferenciada, relacionada com o seu fundador e com o estilo, o *sotaque*. Tem grupos que os *donos/amos* são bastante influenciados pelos apelos mercadológicos, pela visão de lucro e isso será uma das marcas da cultura organizacional daquele grupo.

O *Bumba-boi* passa a ser um produto de exportação maranhense. E, na condição de porta-voz, de veículo de difusão do Estado, o bumba precisa tornar-se um espetáculo digno de ser apreciado e aplaudido: bonito, rico, dinâmico para poder despertar o interesse, chamar atenção e causar sucesso! (CARVALHO, 1995, p.73)

No Maranhão, com toda a diversidade de manifestações da cultura popular, com os diversos *sotaques* de *Bumba meu boi*, no âmbito da lógica de mercado e do espetáculo, que prevalece nos espaços de apresentação dessas manifestações, no período dos festejos juninos, estabeleceu-se uma espécie de hierarquização dessas manifestações populares. Os melhores espaços, horários, tempo e cachês de apresentação, são destinados aos grupos de maior apelo mercadológico. Portanto, quanto mais moderno, mais *parafolclórico*, maior e melhor espaço e visibilidade lhes são garantidos. Aos mais tradicionais, como os *Bois* de *zabumba*, sobram-lhes os horários de menor frequência popular, os espaços mais singelos, os menores cachês, o que, gradativamente, vai contribuindo para marginalização e extinção dessas manifestações. Vários grupos tradicionais nesse processo já deixaram de existir.

Desde que houve essa abertura para as apresentações do *Boi*, já delineada neste trabalho em capítulo anterior, esse consentimento por parte das instituições reguladoras e políticas na capital e no estado, percebe-se essa hierarquização entre as variações dos grupos, dos *sotaques*, no *Bumba meu boi*. É uma dimensão que se configura na disputa com os demais grupos nessa relação comercial e assistencialista que se estabelece com as instituições privadas, mas principalmente, com os poderes públicos, configurando na maioria das vezes relações de favorecimento e compadrio.

Um momento novo para a velha tradição do *Bumba-meu-boi* maranhense. E, agora, no *Boi* na sua trajetória, vive situações distintas: „brincar *Boi*” por devoção, por gosto, por prazer, „dançar *Boi*” por força de um compromisso oficial, um chamado, um contrato do qual decorre dinheiro, prestígio e gera a obrigação de se apresentar bonito e se portar bem. (CARVALHO, 1995, p.73)

Nesse contexto, é visível a existência de um acentuado processo de marginalização dos grupos de perfil mais tradicional, configurado pelos espaços de apresentações, que para estes grupos são bem menores, pelos horários que lhes são ofertados, em geral, no início e no final da noite, quando a frequência de público é bem menor. Os melhores horários são reservados para os *Bois* de *sotaque* de orquestra, que é a modalidade mais espetaculosa, e de *sotaque* de *matraca*, que

embora de perfil tradicional, os chamados *batalhões* pesados, principalmente os *Bois* da Maioba, de Maracanã e São José de Ribamar, que também atraem um grande público e verdadeiros batalhões de brincantes, daí, também, a expressão *batalhões pesados*.

Dessa maneira, os de perfil mais tradicional recebem menos apoio financeiro, menos estrutura para *botar o Boi na rua*. Enquanto os grupos de apelo mais mercadológico saem de ônibus luxuosos, os grupos de perfil mais tradicional vão de caminhão, ônibus velhos, muitos andam a pé, de um local de apresentação a outro, carregando os instrumentos e indumentárias. Existem ainda outras várias situações em que é perceptível a desigualdade de tratamento entre os diferentes grupos e *sotaques*.

A partir dessas afirmações e, em um contexto aparentemente desfavorável às manifestações de perfil tradicional, como é o *Boi* de Leonardo, nesse capítulo pretendo mostrar de que modo a *ama* vai construindo as políticas e estratégias necessárias para manter o *Boi* visível, legítimo e viável ante à lógica política e econômica que prevalece no Maranhão e no Brasil. Tentando fazer o *Boi* ganhar mais legitimidade da tradição, mas ao mesmo tempo se viabilizar ante a um mercado cada vez mais competitivo, posto que o “*Bumba precisa se manter*”, já alertava a intelectual Michol Carvalho (1995).

O grande volume de despesas choca-se com a escassez das posses dos grupos, que precisam se lançar numa luta aguerrida, a fim de carregarem os indispensáveis recursos financeiros para „se botar um *Boi* na rua”. (...) O caminho apontado parece ser o de não isolar o *Boi* (...). Torna-se fundamental, então, que se procure criar condições para o desenvolvimento de uma atividade mercantil aliada a uma postura sensível e criativa, que respeite a dinâmica da manifestação, contribuindo positivamente para subsidiar seu processo de manutenção, sua maior vitalidade. (CARVALHO, 1995, p.164)

A partir dessa tensão, identifico as principais políticas e estratégias da *ama* do *Boi* de Leonardo, inclusive algumas já demonstradas no decorrer dos capítulos anteriores. São estratégias de ordem interna e externa. Não que estas sejam estanques, hermeticamente separadas umas das outras. O que ocorre é que as **estratégias internas**, de viabilizar o comando, renovando e partilhando cotidianamente a autoridade e a liderança dentro da organização, portanto, afirmando o controle do grupo, garantem a legitimação para a construção e viabilização das **estratégias externas**; e estas, numa perspectiva complementar,

que dão visibilidade, que garantem recursos, reconhecimento público, oferecem oportunidades, fortalecendo e legitimando, internamente na organização, o comando, a autoridade e a liderança da *ama*. Percebe-se que não há uma centralidade determinante de uma ou de outra, mas uma ação complementar e complexa, que exige habilidade, autoridade e capacidade de articular-se para fora e para dentro, em vista de viabilizar-se no comando da organização e de torná-la viável, ante a ordem externa, igualmente determinante.

5.1 POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS INTERNAS OU ENDÓGENAS

São as habilidades e capacidades de articulação para manter a autoridade, a legitimidade e a liderança, em vista de viabilizar a *ama/dona* no comando da organização, considerando a vigência de relações complexas e distintas de trocas, e em diferentes níveis, como a execução de papéis importantes, boas relações interpessoais, acomodações locais ou funcionais, visibilidade dada a integrantes, realizações de eventos, estabelecimento de calendários, reuniões, dentre outras ações e decisões que demarcam essa relação da *ama* com os integrantes e estes entre si.

É o campo das trocas que segue no sentido endógeno, pois direciona as negociações para o que é interno ao grupo. É um conjunto de ações realizadas para estabelecer relações que visam garantir a reprodução do *Boi*, são estas relações internas, de grande carga política e administrativa, que garantem a autoridade e a legitimidade da *ama* para viabilizar, inclusive, as relações externas. É o controle sobre o grupo exercido pela *ama* que lhe assegura a autoridade para representar o grupo externamente.

O mestre Leonardo era menos informal, fazia tudo espontaneamente, mais por um perfil patriarcal, pois são famílias que se juntam, que moram no mesmo lugar, se conhecem desde pequenos etc. À sua maneira autocrática, sempre teve a liderança do grupo, era considerado autoritário e um tanto nervoso. Sua opinião era a que prevalecia e, segundo contam, não admitia questionamentos. As decisões eram tomadas por ele e deveriam ser acatadas por todos. “Essa aqui [Regina] ainda tenta se acalmar, ele [Leonardo] só se acalmava no agito. Dizia „turma nós vamos” e

nós chegávamos lá para arrebentar, com aquele jeito dele “*matreiro*” que ele tinha. Ah! Nós tínhamos que seguir.” (MARCOS, 13.jun.2013).

Outra questão importante é que na época de Leonardo não havia essa história de *brincante* receber pagamento por dançar no *Boi*. Primeiro, porque Leonardo priorizava o cumprimento das obrigações do *Boi*; segundo, que ele só levava a sua manifestação onde esta era convidada, tinha seus valores acima de qualquer coisa, eram os órgãos públicos que procuravam o *Boi* para dar prestígio aos seus espaços. Tinha consciência do seu papel na história que ajudou a construir na cultura do Maranhão. Era um mestre da cultura maranhense, que trazia na sua história de vida, de descendente de quilombo, práticas, costumes e crenças misturadas com as vivências em uma cidade que se modernizava, São Luís.

Em meio às dificuldades de convivência, obediência e de subsistência do próprio grupo, “os combates são fortíssimos”, conforme afirma a *dona do Boi*.

Realmente, para você vê que é um desgaste tão grande que a pessoa chega ao limite do estresse. Se ela não dividir essa tarefa, ela acumula tudo. Chega um dia que não aguenta.(...) O que eu tento ver, contando a situação de quando entrei, é estar distribuindo tarefas ao máximo. Eu não posso me concentrar. Eu tenho de ver que tenho uma família, fora a família do *Bumba meu boi*; Eu tenho filha; Eu tenho marido; Tenho casa; Trabalho numa empresa e eu estudo. Então eu preciso ter isso em mente para eu poder conduzir na boa. Para isso eu tenho que delegar funções, tarefas, responsabilidades. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 12.jun.2012)

Essa foi uma das primeiras políticas de gestão identificada no bojo desta pesquisa. Regina expressa em seu discurso nitidamente que o seu modelo de administrar o *Boi* é pautado numa gestão participativa, aberta, moderna e que depende do envolvimento dos integrantes da organização, pois é assim que ela enxerga o *Boi* de Leonardo, como uma empresa que fabrica cultura popular, diga-se, de excelente qualidade, posto que é enraizada num fazer originário, preso às tradições dessa manifestação, à sua cultura organizacional, que ainda segue os passos do dono original. São os primeiros indícios de modernidade observados na administração da *ama* que substituiu Leonardo.

No bojo dessa política de gestão participativa e moderna, Regina define ações estratégicas para viabilizá-la, como:

i. Realizar reuniões ordinárias, deliberativas e informativas. Acontece toda quarta-feira na sede do *Boi*. São reuniões abertas, não se restringem apenas à diretoria da organização. A intenção é a participação do maior número possível de

integrantes, por isso, Regina costuma sortear algum brinde ao final (uma garrafa de vinho, de conhaque, caixa de chocolate etc. O objetivo, segundo ela diz, “é estimular a participação nessas reuniões que tratam do interesse de todos”;

ii. Fixar um mural de informações na sede, para expor avisos, portarias, calendário dos treinos, ensaios, apresentações e demais momentos do ciclo, dentre outras informações;

iii. Distribuição social dos trabalhos na organização, das funções e das tarefas, no que tange ao funcionamento da sede, nos preparos das comidas dos diferentes momentos das festividades, das confecções e reparos dos bordados e das indumentárias, dos cuidados com os instrumentos etc;

iv. democratização das apresentações especiais, adotando sistema de rodízio em apresentações especiais e viagens, dando oportunidades para a participação indistinta de integrantes nesses eventos;

v. Transparência nos gastos dos cachês, tratando desse assunto em reuniões e afixando no mural informativo valores de contratações e de despesas;

vi. Sistema de distribuição dos cachês, das remunerações dos *brincantes*, que ela define de “gratificações”. Regina declara, “nós não pagamos *brincantes*, gratificamos, após fazermos a contabilidade das despesas. Também ajudamos na confecção da indumentária ou até mesmo as damas”;

vii. Hierarquização das gratificações dos *brincantes*, portanto do reconhecimento interno, motivo de constante conflito. A esse respeito, a *ama* esclarece assim: “eu faço por classificação, por exemplo, *cantador* ganha mais, mas não são todos, aqueles que seguram mais tempo, que comparecem nas apresentações, assim para os outros *brincantes*”.

No que tange os elementos simbólicos, que estão presentes em todas essas relações, há um nível muito complicado para administrar que é a questão dos recursos diante dos integrantes do *Boi*, porquanto muitos deles contam com essa remuneração e para isso dedicam tempo, capacidades, habilidades como para o bordado, a costura, a composição de toadas etc. “Porque hoje em dia, não é só no *Boi* da Liberdade e no *Bumba meu boi*, são em todas as *brincadeiras*, até em blocos de carnaval, tem que ter um cachê. Ninguém mais quer brincar sem esse cachê”, assim declara o Sr. “Polegada”, que dança no *Boi* Leonardo há cinquenta e dois anos.

Merece destaque, dentre as várias reuniões assistidas, uma que tratou, em especial, da viagem ao Rio de Janeiro, em junho de 2013, para participarem do Programa *Esquenta* da Rede Globo de Comunicações. A reunião era anunciar a viagem e apresentar a devida justificativa dos critérios de seleção dos escolhidos, uma vez ser impossível a participação de todos. Portanto, não era uma reunião deliberativa, posto que ela tem o controle do *Boi*. A intenção ali não foi abrir um campo de discussão, ela apenas reuniu para comunicar o acontecimento e as decisões a respeito do fato. Então, aquela reunião foi especial, porque o momento era especial, o *Boi* iria se apresentar na Rede Globo, nenhum outro *Boi* havia feito isso. Após os informes do andamento dos processos para o início das apresentações, presença de pesquisadores, lançamento de um livro sobre o *Boi* na Universidade Federal, locais já confirmados de apresentações e outros assuntos de natureza organizacional, ela anuncia o evento. Apresenta os nomes e os devidos argumentos para seleção dos escolhidos. Como estratégia, reforça os seus argumentos convocando a pessoa que opera como agente cultural tanto do *Boi* como do tambor de crioula de Leonardo, Neto de Azile.

Agora nós vamos para outro momento, aconteceu recentemente de eu ser procurada para levar o *Boi* de Leonardo para participar de uma homenagem a ser feita à cantora maranhense Alcione no Programa *Esquenta* da Globo (...) Não dá pra ir todo mundo eu preciso da compreensão dos que não vão vocês sabem como é esse negócio, todos já sabem como é esse processo. (...) os critérios foram a questão da relação com Leonardo, o tempo no grupo, a convivência com pai de Alcione, que foi cantador do *Boi* para saber contar um pouco como ele era e também a questão da continuidade do grupo, por isso irão três jovens como maneira de integrá-los. (REGINA em reunião, 01.jun.2013)

Na verdade o *Boi* vai aparecer em nível mundial porque a Globo transmite esse programa para todo o mundo tanto pela Internet como pela TV normal. Seria bom para o processo que todos fossem, mas o mais importante é que vai valorizar-nos nesse cenário complexo do *Boi* do Maranhão(...) Esse povo que vai é apenas uma parcela porque nós construímos essa fama desse *Boi* (...) Que o *Boi* da Liberdade faça bonito como eu costumo fazer e que o *Boi* brilhe do Maranhão para o mundo.(NETO DE AZILE em reunião, 01.jun.2013)

Ora, isso numa organização que nunca teve esse tipo de atitude, de reunir, de esclarecer, de justificar, acomoda os conflitos e gera um contentamento, já que esse compartilhamento de informação agrega valor e prestígio aos participantes. A *ama*, assim, faz com que os integrantes se sintam importantes dentro da *brincadeira*, mesmo os insatisfeitos, bem como quando esta fixa um mural com informações, comunicados, calendário de atividades, prestação de contas etc. Isso

ocorre porque ela conhece a importância e aplica a política de acesso à informação organizacional, é para evitar ruídos na comunicação interna. Por meio dessa e outras ferramentas estratégicas internas que ela mantém, com habilidade, o controle do grupo.

Importante também foi perceber que Regina se faz presente o tempo todo na comunidade, apesar de morar fora do bairro da Liberdade, ela está com frequência ali, seja na sede, seja na casa de um parente, de brincante, seja em sedes de outras manifestações culturais, comparece às festas, enterros, visita doentes, porque é a presença dela dentro daquele território que cria uma sensação de onipresença. É a figura central presente, que está no comando, “a dona da *fazenda* de Leonardo” como se refere a ela “Barata”, *miolo* do *Boi*. Tais iniciativas caracterizam-se também como ações e estratégias políticas da *ama* em vista de manter o controle do grupo.

A *ama* dedica uma atenção especial e estabelece uma relação de maior proximidade, viabilizando apoio e iniciativas para o enfrentamento de problemas. Realiza ações de assistência a apoio solidário àqueles *brincantes* que enfrentam algum problema ou dificuldade como doença, alcoolismo ou envolvimento com drogas etc.

Na verdade, são trocas que Regina vai estabelecendo nessa dimensão das relações internas do *Boi*. E ela só estabelece melhor essa troca com quem de fato, ela considera necessário fazê-la: alguém que está insatisfeito, uma voz dissonante etc. Ela sabe identificá-las, porque tem uma capacidade de percepção do ambiente organizacional, possibilitada por diversos fatores. Dentre eles, seus conhecimentos e vivências no mundo da gestão empresarial, bem como o reconhecimento da sua autoridade e da sua liderança, pelo tempo que esta já tem à frente da organização, há onze anos, e pelo conhecimento que já acumula dentro daquela manifestação, dentre outros mistérios de quem herdou do pai, a promessa com o santo.

A Regina quando começou a dominar o *Boi*, vindo muito ávida, influenciada, cheia dessa cultura organizacional administrativa moderna, tentou imprimir algumas modificações na dinâmica do grupo e isso fez a construção de um campo de tensionamento acentuado com os mais antigos. Um exemplo de política estratégica para *botar o Boi na rua*, é o caso da contratação de um *cantador* de fora. Apesar de ter sido citado anteriormente, mas vale mencioná-lo novamente, posto que esse caso significou uma falta de prestígio dos *cabeceiras* antigos, que além de já estarem há muito tempo no grupo, cada um deles desempenha dentro do *Boi* outras

funções, ocupam outros espaços na organização. No entanto, isso foi de importância fundamental para ela, do ponto de vista estratégico, pois, a fez perceber a importância de valorizar os antigos, sobretudo quando esta, dialogando com outros agentes, internos e externos, despertou para o equívoco da estratégia.

Assim, manter o controle é também, às vezes ceder. À medida que ela flexibiliza, depois de perceber que poderia estrangular a relação com os antigos, de frear um pouco a “modernização”, ela começa a estabelecer outro tipo de relação com os antigos, no sentido de manter o controle, reconhecendo seus valores para a organização. Ao passo que ela cedeu, esta ofereceu, e obteve de novo o consentimento deles porque se sentiram valorizados, ocupando um espaço importante, de prestígio dentro do *Boi*.

Cabe, deste modo, indagar, o que significa o controle que Regina exerce sobre os demais integrantes, legitimada pela herança de sangue e de documento do pai? O que é, de algum modo, o tensionamento que os antigos exercem junto a ela, quando esta tenta carregar demais nas transformações e estes a comunicam que tem algo que não abrem mão? A resposta, certamente, precisa ser garantida por ambos. Isso, por um lado, além de ser uma ação que demonstra poder sobre o grupo; por outro, significa uma disputa pela garantia do espaço dentro da manifestação, onde os antigos possam exercer aquelas funções de prestígio dentro do grupo: *cantador*, *torcedora*, *batuqueiros*, secretária da sede, comando das *zabumbas*, comando dos *pandeiros* etc. Assim que ela percebeu que esse tensionamento só a desgastava, que essa suposta inovação poderia comprometer a continuidade da manifestação e a promessa do pai, uma “*brincadeira*” sagrada, e o valor dos antigos, ela cedeu. Evidencia-se assim, uma relação de troca, na medida em que ela dá o reconhecimento para os antigos, ela obtém a aceitação destes, que também possuem sua autoridade, embora não sendo a autoridade legal, documental.

5.1.1 Regina: Uma *ama* de salto alto e pés no chão!

Regina, embora sendo herdeira de sangue e de documento, não vivenciou muitos momentos da dinâmica do *Boi*, nasceu em Cururupu, onde vivia a mãe e não em Santa Maria dos Vieiras, local de origem de Leonardo e da maioria dos integrantes do *Boi*, somando a esse fato, ela ainda morou muito tempo no Rio de

Janeiro, o que acentuou ainda mais o distanciamento desta com os integrantes. Por esses motivos, era considerada de fora pelos mais antigos. Quando adentrou ao grupo, foi assumindo logo a função da figura central da manifestação. É natural o tensionamento por parte dos que ali já estavam e ajudaram na solidificação da história do *Boi*. Chegou de “salto alto”, literalmente e simbolicamente. O próprio pai também achava.

Porque ele achava meu modo de vestir muito elitizado para a realidade dele e dos outros. Assim, no meu trabalho eu preciso usar uma roupa melhor, um sapato alto, porque trabalho no escritório de advocacia da empresa, eu preciso me vestir bem, fora que eu sempre gostei de está apresentável. Então o meu estilo de trabalho é aquele. Ah! eu escutei muitas críticas. Eles diziam: „Essa aí, com esse sapato bico fino, vem para cá fazer o quê?; „Hum, essa aí vem para cá só para ganhar dinheiro”; „menino, isso não sabe nada”. Ainda tem isso, eu ainda escuto aquelas críticas, aqueles deboches, aquelas piadas, muita coisa assim que é inerente ao grupo. Isso me deixava muito magoada, mas sempre quis mostrar que eu podia. Eu sempre quis mostrar o contrário, e mostrei. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 12.jun.2012)

Esse salto alto pode ser o concreto, acima explicitado e o simbólico, na medida em que ela chega com sua visão empresarial, empreendedora, de conhecimentos administrativos e mais, como filha do dono do *Boi*, de sangue e de documento.

Para construir uma relação de maior aproximação com os parentes por parte do pai e de toda a comunidade originária do *Boi*, Regina encontrou uma estratégia eficaz também para se legitimar enquanto *ama/dona* do *Boi*. Ela vai mergulhar na questão do parentesco e na dimensão do território. Vai fazer algo que o próprio Leonardo nunca havia conseguido, o seu grande sonho, que foi inserir no calendário do *Boi* a viagem à Santa Maria dos Vieiras, onde nasceu e viveu até os dezenove anos, mestre Leonardo dos Santos Vieira, e os demais “Vieira” que fizeram e ainda fazem a história do *Boi*.

Santa Maria dos Vieiras é um povoado situado em Porto Rico do Maranhão, região de Guimarães, onde se originou o *sotaque de zabumba*, por isso esta modalidade receber também a denominação *sotaque de Guimarães*. Portanto, literalmente um mergulho nas ***entranhas do Boi de Leonardo***.

Acompanhei o grupo numa dessas viagens às *entranhas do Boi*, no ano de 2013. A ida durou, ao todo, seis horas, partindo de São Luís até o porto do Cujupe de *Ferry Boat*, seguindo de carro próprio até o povoado. A comitiva do *Boi* chegou depois, no começo da noite, sob o barulho de muitos foguetes. Antes, o grupo foi

recepcionado pelo irmão de Leonardo, em Parati, povoado próximo, onde mandou matar um boi e ofereceu um churrasco.

A chegada da *turma* de Leonardo em Santa Maria foi em grande estilo, configurando já, na entrada, uma festa muito grande. Na praça, em frente à igreja, foi montada uma estrutura de som para os dois dias de festa. A fileira de caixas acústicas da *Radiola* “A parabólica do som”, formava um extenso paredão, com um *DJ* a animar a festa até a chegada da atração principal da noite, o tambor de crioula. A alegria pairava no ar, no som e nos rostos dos que naquela praça estavam. Dentre as músicas que ecoavam da aparelhagem de som, uma canção parecia explicar o significado da chegada da *ama*, filha de Leonardo e dos demais integrantes à terra de origem: ***Os verdes campos da minha terra***, um conhecido sucesso do cantor Agnaldo Timóteo, falava do regresso à terra natal:

Se algum dia a minha terra eu voltar, quero encontrar as mesmas coisas que deixei. (...) Eu sentirei no coração a alegria de chegar, de rever a terra em que nasci e correr como em criança, nos verdes campos do lugar. (...) Pegarei novamente a sua mão e seguiremos com emoção pros verdes campos do lugar e reviver os momentos de alegria(..) Nos verdes campos do meu lar. (AGNALDO TIMÓTEO)

A ida esse ano ao povoado, fez parte do festejo do dia dos pais, que tem duração de três dias, realizado pela Associação de Moradores²³ do povoado. Na sexta-feira dançou o tambor de crioula *Poderoso Padroeiro*, de meia noite até por volta das sete e meia da manhã; no sábado, o *Boi* de Leonardo, de uma hora da madrugada até por volta das sete horas; e no domingo, o almoço em homenagem aos pais da comunidade.

Existe um elo muito forte. Por incrível que pareça, onde agente percebe esse vínculo maior com a comunidade é na questão da hospedagem das pessoas. Nós disponibilizamos dois locais, na casa da prefeita e duas salas na escola, mas é difícil ter alguma casa do povoado que não tenha alguém que veio desse grupo.(...) Esse *Boi* é filho daqui. São muitos Vieira que fazem parte dele. Tem uma ligação muito forte. Havia um distanciamento, mas há quatro anos que esse elo vem se fortalecendo, ainda mais coincidindo com a festa para os pais. (JANIO MONTEIRO, em entrevista a Marla Silveira, 23.ago.2013)

A viagem anual do *Boi* a Santa Maria se configura em uma estratégia de estabelecer uma relação de proximidade todo ano com a comunidade originária do

²³Esse festejo e as demais atividades no povoado são coordenados pelo professor Janio Silva Monteiro, 35 anos, de Cedral/MA, mas mora no povoado há 16 anos, pois é responsável pela escola, a igreja e a associação de moradores.

pai e do *Boi*, justamente para obter todo o consenso da parentela, dos primos, dos tios etc. É, sem dúvida, uma eficiente estratégia de se inserir e conquistar sua legitimidade, uma vez que o peso de ser a filha de Leonardo, a sua sucessora no *Boi*, pois essa estratégia lhe permite fortalecer os laços originários e familiares, dando-lhe maior prestígio junto aos antigos. Os acontecimentos, as pessoas, das mais comuns às mais influentes, tudo nesse local, por ocasião dessa visita, vai girar em torno da presença dela naquele lugar.

Regina não se hospeda na melhor casa do povoado, a casa da prefeita, única a ter tratamento de esgoto, banheiro, etc. Ela faz questão de se hospedar em casa de parentes, de comer juçara e camarão com farinha, passar os dias fazendo visitas e conversando nas casas.

Essa viagem à comunidade originária do *Boi* também confere o fortalecimento da tradição do *sotaque* ser de Guimarães, o que também traz prestígio ao *Boi*, é uma região com forte presença de afro-descendentes, remanescentes de quilombos. É um fator que confere autenticidade ao *Boi*, ao mesmo tempo em que mantém o vínculo dos antigos ou dos herdeiros destes com a manifestação. Dessa maneira se estabelecem as dádivas (dar, receber e retribuir): ela vai ao povoado; leva um *Boi* altamente prestigiado no circuito cultural maranhense e brasileiro, está oferecendo esse prestígio à comunidade, em troca obtém a fidelidade dos *brincantes*; reforça a tradição do próprio *Boi*; homenageia o pai e ainda renova a promessa feita a ele no leito de morte.

Dessa forma, a pesquisa identificou vários aspectos estratégicos utilizados pela *ama/dona* na gestão do *Boi* que lhe permitem manter o poder e o controle do *Boi* de Leonardo, destacados aqui os mais importantes.

5.2 ESTRATÉGIAS EXTERNAS OU EXÓGENAS

São as habilidades e capacidades de articulação da *ama/dona* para manter relações com organismos da sociedade, do poder público, dos setores empresariais, com outros atores sociais e culturais no sentido de obter recursos, de ter oportunidade de apresentação, de ter reconhecimento, de ocupar espaços na mídia, de obter agentes ou produtores culturais que viabilizem o acesso a programas públicos ou as redes privadas de apoio, etc.

É também aqui o campo das trocas que segue no sentido exógeno, pois direciona as negociações para o que é externo ao grupo. É um conjunto de ações que visam garantir a reprodução do *Boi*, tanto do ponto de vista dos recursos, de oportunidades, quanto de reafirmar o *Boi de Leonardo* como uma organização das mais tradicionais da cultura popular.

A priori, é válido ressaltar que é o controle sobre o grupo exercido pela *ama* que lhe assegura e legitima a autoridade para representar o grupo externamente do ponto de vista estrutural, de recursos, de oportunidades, de torná-la viável, ante a ordem externa, igualmente determinante para sustentar o *Boi* e angariar fundos pra que ele se mantenha, garantindo assim *botar o Boi na rua*.

Na medida em que ela estabelece essa relação de busca com o interno ela também oferece a presença do *Boi* em diferentes espaços, o que valoriza esses espaços onde o *Boi* se apresenta, porque ele vai carregado da sua força tradicional, do seu valor simbólico sustentado nessa tradição, na história do mestre Leonardo, na relação que isso tem com a ancestralidade afro-descendente. Então passa a ser um produto quantificado e qualificado do ponto de vista da política do estado em termo do que é a tradição cultural. Essas manifestações são postas, sobretudo pelo estado, como um elemento cultural da tradição. Assim, isso se reveste de um valor importante. Nesse aspecto, observa-se que em alguns espaços considerados mais privilegiados, o *Boi* de Leonardo, contrariando a tendência de marginalização dos *Bois* de *Zabumba*, tem se mantido presente como uma das atrações mais importantes e tradicionais que se apresenta. A citar o *Vale Festejar*, o *arraial da Lagoa*, os *arraiais* dos *shoppings* da cidade, são espaços de maior divulgação e visibilidade, porque de fato, ele carrega esse valor da tradição. Dessa maneira, na medida em que ele se viabiliza, também oferece o que tem de melhor para as instituições, a iniciativa privada, para os poderes públicos, para a sociedade.

Ora, é a utilização dessa manifestação como legitimadora de uma tradição regional, de recursos turísticos, acaba sendo algo a ser oferecido tanto do ponto de vista dos interesses capitalistas como também dos interesses políticos. É, portanto, uma relação de troca que se estabelece. O *Boi* se relacionando com as instituições de poder e do campo civil oferece significados, fortalecendo o discurso oficial da tradição, da identidade regional e local.

Mais importante ainda é ressaltar que o sentido dessa relação que o *Boi* de Leonardo estabelece não é o de se deixar cooptar, no que parece, é mais uma

relação um tanto quanto equidistante disso. Parece haver certa autonomia em relação a isso, inclusive inaugurada por Leonardo, que nunca se dobrou aos poderes públicos ou personalidades políticas, nem empresariais, como ficou evidenciada na visita ao Maranhão da filha do presidente da república, citado no terceiro capítulo deste trabalho. Apesar de se relacionar, não se submetia, de maneira subserviente, aos ditames do poder, dos interesses politiqueros, como prevalece da cultura política do Maranhão. Parece que ele conseguia estabelecer essa relação de relativa autonomia com os atores políticos.

Já Regina, pelo que pôde ser percebido, têm relações desse cunho, mas mantém também uma postura de autonomia, não se percebe uma conduta de subserviência do *Bumba meu boi da Liberdade*, como se vê em muitos grupos de *Boi*. Evidenciou-se que a *ama* mantém relações estratégicas com algumas figuras políticas do dito *campo popular democrático*, mas ela não submete o *Boi* de maneira a estabelecer essa troca de perfil eleitoreiro como colocar nome de político nas camisas, no couro do *boi*, como é comum em muitas manifestações, ou mesmo o apadrinhamento no ritual de batismo do *boi*. Ela não aceita a presença de atores políticos em processos eleitorais nos espaços rituais da organização. No que tange esse aspecto, apresenta certa fidelidade religiosa, sagrada, sobretudo nesse ritual do batismo. Para o *Boi* de Leonardo, o mais importante é garantir os padrinhos que tenham relações de proximidade dentro da própria comunidade.

No âmbito das relações externas, muitas delas já estão demonstradas no decorrer dos capítulos anteriores como a existência de uma página na internet, o acesso à condição de ponto de cultura, as participações em editais, a preocupação em manter atualizada a documentação, estando a organização sempre apta a participar de qualquer concorrência, a escolha de um agente cultural para escrever projetos, para representar a organização em ambientes de discussões de políticas culturais. Têm ainda as boas relações que mantêm com diferentes manifestações da cultura, com o segmento intelectual, com a imprensa, os veículos de comunicação e difusão. Isso são estratégias que ela vai imprimindo com o meio externo. Para a *ama/dona* do *Boi* de Leonardo, ser empreendedora de uma manifestação tão tradicional como essa significa:

Não está por fora dos grandes projetos, não ficar de lado, porque as vezes as oportunidades existem, mas cabe a instituição ao qual eu estou inserida está com a documentação atualizada. Sabemos que todas essas

instituições precisaram ser adequadas de acordo com o Novo Código de processo civil desde 2006, deixando-as aptas para projetos, não só a nível estadual, mas de mundo. Nós passamos por essa adequação e minha visão não foi só o nosso *Boi*, mas todos os sotaques de zabumba e até outros como o de Apolônio que nós fizemos a reformulação do estatuto igual ao nosso. Eu acho que isso fortalece o nosso *sotaque*, porque passamos a concorrer de igual para igual com os outros grupos. (...) Uma vez não atualizada, não é uma empresa legal. Como podem concorrer? Já que o estado só contrata perante essa aptidão. E é aí a nossa diferença. (...) Dá para acompanhar as atualizações legais e nos adequar. (REGINA em entrevista a Marla Silveira, 24.ago.2013)

Regina entende que essa lógica depende, principalmente, da organização está preparada para esse universo competitivo, com as demais manifestações. Pois, se ela perder a capacidade de renovar a documentação do *Boi* todo o ano, de ir à Receita Federal, de fazer todas as obrigações administrativas, financeiras e contábeis, o *Boi* fica inapto. Isso implica perda do diálogo com as instituições públicas, os agentes culturais, a comissão de folclore, etc. Ela deixa de ter a legitimidade permanente. Isso não é algo que é dado e acabado, é um fazer cotidiano, por isso que é uma cultura, esta para se manter como tal, deve ser dinâmica, viva. É uma busca permanente. Afinal, “nós somos do *Boi* de Leonardo, nós temos que continuar aquele *Boi* que sempre incomodou os demais *Bois* de *zabumba*”. (REGINA em entrevista a MARLA SILVEIRA, 20.jun.2012).

6 CONCLUSÃO

Regina, a filha caçula do mestre Leonardo, é, na atualidade, a figura central do *Boi* da Liberdade. Com a morte do pai herdou a tarefa de comandar o *Boi*, para a qual, inicialmente, encontrou grande resistência e dificuldade. Como *ama*, construiu sua legitimidade para comandar o grupo. Para tanto, passou pelo processo natural de vivência na manifestação para poder assumi-la na condição de representante/dona/*ama*.

O elemento levantado neste estudo identificou que o *Boi* de Leonardo, segue firme, na contramão dessa tendência de exclusão e marginalização que atinge os *Bois* de *sotaques* mais tradicionais, como os *de zabumba*. Com a morte de Leonardo, esse *Boi* teria tudo para sucumbir, porque ele era uma expressão respeitada em todas as rodas sociais e manteve o *Boi* dentro de sua linha tradicional mesmo enfrentando grandes dificuldades, assim como os demais grupos desse *sotaque*. Dificuldades que com a sua morte, corria o risco de se aprofundar, caminhar para uma crescente marginalização como acontecera com outros grupos de *zabumba*.

No entanto, a *ama* Regina, embora tenha tido dificuldades de manter a manifestação nos primeiros anos, sobretudo na relação com os mais antigos, com seus conhecimentos do mundo organizacional e sensibilidade herdada do pai, fez o *Boi* caminhar em outra direção. A organização não só se manteve viva, atuante, com seu valor de tradição renovado, como experimentou um acentuado processo de ascensão e reconhecimento.

Em outubro de 2013, recebeu em São Paulo o troféu de Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Ministério da Cultura em reconhecimento ao valor cultural da manifestação maranhense para toda a cultura nacional. Em dezembro do mesmo ano, a própria *ama* Regina foi agraciada pela Câmara Municipal de São Luís com a medalha Simão Estácio da Silveira, a maior honraria do legislativo ludovicense, de reconhecimento a personalidades locais, nacionais e estrangeiras, que tenham contribuído para o município de São Luís.

Regina, além de dar continuidade e acatar algumas estratégias já adotadas pela cultura organizacional do pai, ela se renovou. Trouxe alguns elementos da sua bagagem educacional, profissional, do meio empresarial, moderno, e conseguiu dotar a cultura organizacional, que já existia, de novas ferramentas e tecnologias

sociais. A *ama* consegue fazer um *Boi* que até então vivia grandes dificuldades estruturais, de recursos, de organização, e faz com que esse sobreviva de maneira contrária. O *Boi* passa a ter ônibus para transportar os *brincantes*, documentação atualizada, amplia significativamente as oportunidades de apresentações, participação em disputar editais, fez com que o *Boi* fosse lembrado para receber o título de ordem ao mérito do Minc, se apresentasse na Rede Globo de comunicações, ela própria receber condecoração pela sua contribuição pelo legislativo municipal, dentre outros.

O perfil da Regina, a *ama* do *Boi* de Leonardo, traduz a aparente contradição existente entre os elementos de modernidade e a necessidade de manter a tradição desse *sotaque*. Ao mesmo tempo em que Regina é uma mulher inserida na modernidade, na medida em que a sua formação é toda voltada para o campo empresarial, administrativo, de empreendedorismo, suas experiências profissionais ocorrem em grandes empresas do mercado, de ordem moderna, capitalista; por outro lado, ela herda a tarefa de comandar uma manifestação da cultura popular fortemente tradicional e nacionalmente reconhecida enquanto tal.

Tais reconhecimentos retratam o trabalho da *ama* Regina, também como gestora do *Boi*, em continuar, com afinco, a tradição inaugurada por seu pai, Leonardo, em um tempo de maior complexidade, exigências e relativa contradição. Conciliar essa sua formação de influência moderna e empreendedora, em um tempo de grandes exigências institucionais, com a necessidade de manter e renovar a tradição, esta o principal valor da manifestação que comanda, o *Boi* herdado de Leonardo.

Observou-se que, na construção do consenso entre os integrantes, existe um processo inacabado e permanente, complexo. Se a *ama* deixar de alimentar essa cultura organizacional que ela renovou, ela perde o controle. É uma habilidade que ela deverá ter permanentemente de se movimentar para dentro do grupo, renovando esses consensos, prestando conta, fazendo reuniões, criando sistemas de punição, de reconhecimento etc. para manter o controle e o poder. Ora, sabe-se que isso só é possível onde há conflito. Se este não existir, entende-se que o consenso já estaria equacionado

Regina que foi rejeitada de início por usar salto alto é a que mostra ter os pés no chão. Dentre os dirigentes de grupos de *Boi*, é uma das mais conscientes do papel que desempenha, com os pés no chão e os olhos no empreendedorismo,

consegue colocar o grupo no circuito das apresentações oficiais, garantir essa presença marcante do *Boi*, enquanto representante da tradicionalidade do *Bumba meu boi*, sem abandonar o salto alto que elegantemente calça.

A *ama* teve conflitos importantes com os mais antigos que a fez repensar suas estratégias. Descer do salto, botar os pés no chão e se aproximar da tradição, dos vínculos que o *Boi* tem com a terra, com o chão e isso é simbólico. Superados os impasses, os integrantes perceberam que ela chegou para somar, uma vez que ela não pretende destruir toda uma história iniciada na cultura do maranhão que ela herdou de Leonardo, “um nome a zelar”. Ela tem o poder e o controle desse grupo e se legitima como fiel guardião de uma das manifestações da cultura popular mais tradicionais. Regina, uma *ama* de pés no chão, sem descer do salto!

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A Indústria cultural**: o esclarecimento como mistificação das massas. *In: Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARAÚJO JUNIOR, J. RAIMUNOD; SILVA, Josimar Mendes. **Bumba-meu-boi de zabumba**: e sua nova geração de cantadores. São Luis: Valeu mandou legal produções, 2008.124p.

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi no Maranhão**. 2.ed. São Luís: Alumar Cultura, 1997. 140p.

_____. **Festa, fogos, fogueira e fé**. São Luis: [s.n], 2011. 143p.

BARBOSA, L.N. Cultura administrativa: Uma nova perspectiva das relações entre antropologia e administração. *In: RAE – REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS*. São Paulo, v.36, n.4, trimestral: out./dez.1996. P.6-19.

BERTERO, Carlos Osmar. **Cultura organizacional e instrumentalização do poder**. *In: FLEURY; FISHER. Cultura e poder nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1996. P.29-44.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.311p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**.31.ed. Brasília: Edições Câmara, 2009.

CANCLINNI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, M. Michol. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba boi do Maranhão, um estudo da tradição... São Luís: EdUFMA,1995.

CASCUDO, L. da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Italaia, 1984.

CHANLAT, Jean-François. **Ciências Sociais e Management**. *In: Revista de Administração da FEAD-Minas*. V.3, n.2, dezembro/2006. P.09-17.

_____. Por uma antropologia da condição humana nas organizações.*In: CHANLAT, Jean-François (Org.)*. **O indivíduo na organização**: Dimensões esquecidas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996. P.21-44. V.1.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: Como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. 2.ed. São Paulo: Senac-SP, 2006. 425p.

CLEGG, Stewart. Poder, linguagem e ação nas organizações. *In*: CHANLAT, Jean-François (Org.). **O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996. V.1. P.47-66.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. 3.ed.São Paulo: Iluminuras, 2004.383p.

COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria cultural**. 4.ed. São Paulo: Nacional, 1978.

CORRÊA, N. F. **Bumba meu boi do Maranhão: um desafio ao olhar**. Trabalho apresentado na Reunião Brasileira de Antropologia (27), 2010, ago. Belém-PA.

_____. **Sob o signo da ameaça: conflito, poder e feitiço em religiões afro-brasileiras**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1998

ESTOL, K.M.F.; FERREIRA, M.C. O processo sucessório e a cultura organizacional em uma empresa familiar brasileira. *In*: **RAC**, v.10, n.4. bimestral: out./dez.2006.P.93-110.

FISHER, Rosa Maria. **O círculo do poder: As práticas invisíveis de sujeição nas organizações complexas**. *In*: FLEURY; FISHER. **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1996. P. 65-88.

FLEURY, Maria Tereza Leme. O desvendar a cultura de uma organização: Uma discussão metodológica. *In*: FLEURY; FISHER. **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1996. P.15-28.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012. 213p.
HOBSBAWN, Eric. **Introdução: A invenção das tradições**. *In*: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence(org.). **A invenção das tradições**. 6.ed. São Paulo: Paz e terra, 2008. 316p.

GERSICK, K.E.; et al. **De geração para geração: Ciclos de vida das empresas familiares**. São Paulo: Negócio, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 102p.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 117p.

LIMA, Carlos de. **Leonardo Martins dos Santos**. *In*: BOLETIM DA COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE. n.29, ago.2004.

LODI, J.B. **SUCESSÃO E CONFLITO NA EMPRESA FAMILIAR**. São Paulo: Pioneira, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962

MARANHÃO. **Memórias de velhos** – depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular brasileira. V.7. São Luís: Lithograf, 2008.

_____.- depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular brasileira. V.5. São Luís: Lithograf, 1999.

MAUSS, MARCEL. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. **Extensão desse sistema: liberdade, honra, moeda**. *In: Sociologia e Antropologia*. Madrid: Tecnos, 1971.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 344p.

NUNES, Izaurina (org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003. p.69-118.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000. 220p.

_____. **Marcel Mauss: Antropologia**. São Paulo; Ática, 1979. 204p.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005, 148p.

PERROW, Charles. **Análise organizacional: Um enfoque sociológico**. São Paulo: Atlas, 1972. 226p.

REIS, J.R. **O ABC do Bumba-meu-boi do Maranhão**. 2.ed.São Luís: Forte, 2008. 60p.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?**16.ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. 91p.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p.218.

SCHEIN, Edgar H. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo: Atlas, 2009. 414p.

SROUR, Robert Henry. **Poder, cultura e ética nas organizações**. Rio de Janeiro, Campus, 1998.

TAMAYO, Álvaro; PORTO, Juliana Barreiros. (orgs.). **Liderança e valores culturais: dois conceitos inter-relacionados**. *In: Valores e comportamentos nas organizações*. Petrópolis: Vozes, 2005. P.187-201.

VIANA, R. A. **O bumba-meu-boi como fenômeno estético: corpo, estética e educação.** São Luís: EDUFMA, 2013. 205p.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore Brasileiro: Maranhão.** Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

WAHRLICH, Beatriz M. de Souza. **Uma análise das teorias de organização.** E.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1971. 180p.

AUDIOVISUAL

BRASIL. **Tambor de Crioula: 1979.** RAMASSOTE, Rodrigo Martins (coord.). São Luís: IPHAN, 2008. Duração: 12min.

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS-NEAB/UFMA. **Ritmos da Identidade Afro-Maranhense: Bumba-meu- Boi sotaque de Zabumba:** São Luís: UFMA, 2013. Duração: 10^o02 min.

VIANA, R. A. **O bumba-meu-boi como fenômeno estético: corpo, estética e educação.** São Luís: EDUFMA, 2013. Duração: 10min.

ANEXOS

ANEXO A - Recebimento do Troféu ORDEM DO MÉRITO CULTURAL 2013 concedido pelo MINC, em São Paulo.



Foto: Acervo pessoal de Regina

ANEXO B - A *ama* do Boi de Leonardo recebe medalha do legislativo de São Luís em reconhecimento às contribuições culturais, em 2013



Foto: Acervo pessoal de Regina

ANEXO C - A operadora de comunicação celular Vivo usa imagem do *Boi de Leonardo* em propaganda no ano de 2013.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO D - O *Boi de Leonardo* se apresenta em programa de auditório da Rede Globo de Comunicações em 2013.



Foto: Marla Silveira

ANEXO E - Integrantes do *Boi* bordam indumentárias.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO F: Três gerações: Zió, irmão de Leonardo; Benilton e João Victor, filho e o neto de Zió



Foto: Marla Silveira

ANEXO G: Reunião, a ama tira o sapato de salto alto (à direita).



Foto: Marla Silveira

ANEXO H: A ama do Boi de Leonardo providencia indumentárias para *brincantes* vindos de Santa Maria dos Vieiras.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO I: Batizado do *Boi* de Leonardo em 2012 e 2013.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO J: O Boi da promessa espera bordado para a temporada de 2013.



ANEXO K: O Boi da promessa com bordado para a temporada de 2013, homenagem ao mestre Leonardo



Fotos: Marla Silveira

ANEXO L: Mesa de bolos na primeira noite da festa de morte do *Boi*.



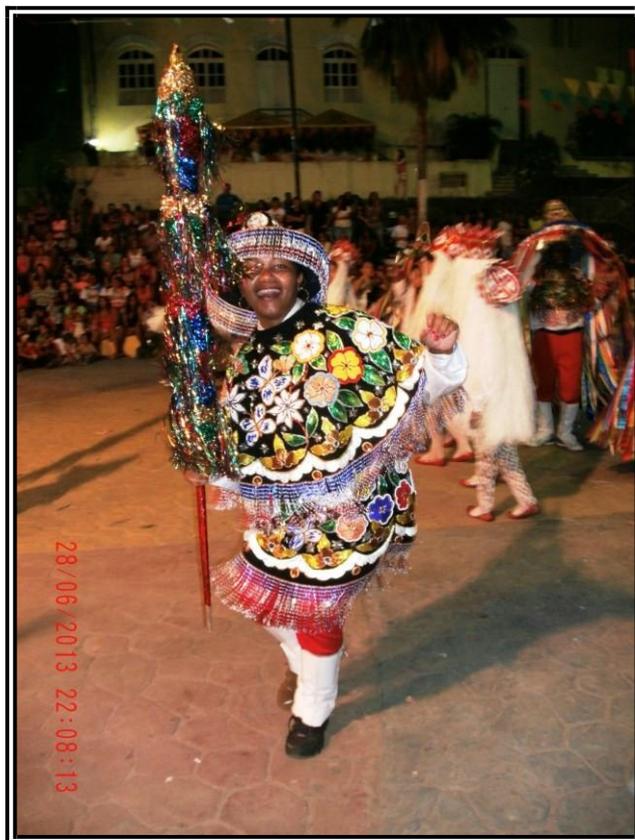
Foto: Marla Silveira

ANEXO M: Chapéus de fitas e zabumbas anunciam o fim da temporada



Foto: Marla Silveira

ANEXO N: A ama Regina dança de vaqueira no *Boi* em noite de São Pedro.



ANEXO O: A ama Regina dança no tambor de crioula em noite de festa da morte do *Boi*.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO P: Marcos, sobrinho de Leonardo, *cabeceira*, já foi *vaqueiro*, borda suas próprias indumentárias.

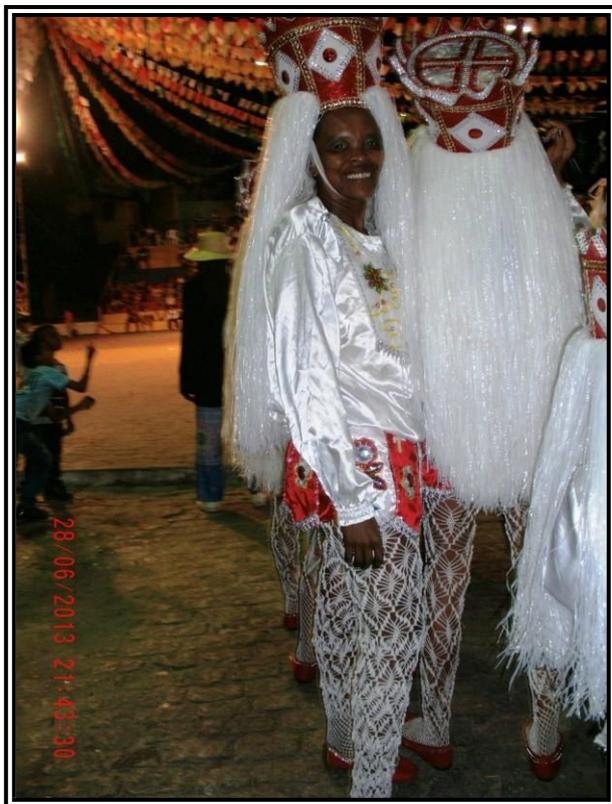


ANEXO Q: Barroso, tio de Leonardo, *zabumbeiro*, *coreiro* no tambor de crioula, mora em Santa Maria dos Vieiras/MA



Foto: Marla Silveira

ANEXO R: Concita, *tapuia*, bordadeira e secretária no *Boi* e Dona Vitória, *chapéu de fitas* ou *rajado* no *Boi*, *coreira* no *tambor* e integra o Conselho Diretor.



ANEXO S: *Brincantes* desde criança, um grupo familiar.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO T: Alguns integrantes do *Boi de Leonardo* a espera da apresentação



Fotos: Marla Silveira

ANEXO U: Último ensaio de rua, antes das apresentações da temporada 2013



ANEXO U: Fim de apresentação, integrantes do *Boi* de Leonardo entram no ônibus contratado para transportar *brincantes*.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO V: A ama atualiza informação do mural da sede do Boi.



Foto: Marla Silveira

ANEXO W: A ama em ação em noite de apresentação do Boi.



Foto: Marla Silveira

ANEXO Y: Aquecendo os couros na fogueira



ANEXO X: Dançarinos, Míolos do Boi.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO Z: O Boi de Leonardo na rua.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO A1: O *Boi de Leonardo* na rua.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO B1: Público no São João fora de época *Vale Festejar* 2013 em apresentação do *Boi de Leonardo*.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO C1: Alguns integrantes dos mais antigos no grupo.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO D1: O *Boi* de Guimarães é recebido com festa na sede pelo *Boi* de Leonardo, em destaque, o *amo* e a *ama* dos respectivos grupos.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO E1: Fim da ladainha, *brincantes* tocam na Festa de morte do *Boi*.



ANEXO F1: Mourão, lugar onde o *Boi* será preso.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO G1: Ladainha na morte do *Boi* de Leonardo.



ANEXO H1: Festa da morte do *Boi* de Leonardo na rua.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO I1: Ônibus fretados para a viagem à Santa Maria dos Vieiras/MA.



ANEXO J1: Paredão de som montado na praça do povoado Santa Maria dos Vieiras/MA, ao fundo, igreja e parelha de tambor de crioula.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO K1: Comida sendo preparada em Santa Maria dos Vieiras/MA .



ANEXO L1: Coreiras do tambor de crioula de Leonardo, acompanhadas de moradores em Santa Maria dos Vieiras/MA .



Fotos: Marla Silveira

ANEXO N1: O Boi de Leonardo em Santa Maria dos Vieiras/MA, uma viagem às suas *entranhas*.



Fotos: Marla Silveira

ANEXO 01: Os dois *bois*, o mais novo e o original – da promessa, respectivamente.



Foto: Marla Silveira

ANEXO P1: A pesquisadora em campo, entrevistando integrantes do *Boi de Leonardo* em 2012.



Foto: Hellyne Carvalho

ANEXO Q1: A pesquisadora com *torcedora do Boi de Leonardo* e *coreira do tambor de crioula*, Dona Eugênia Rosa, nascida em 1914.

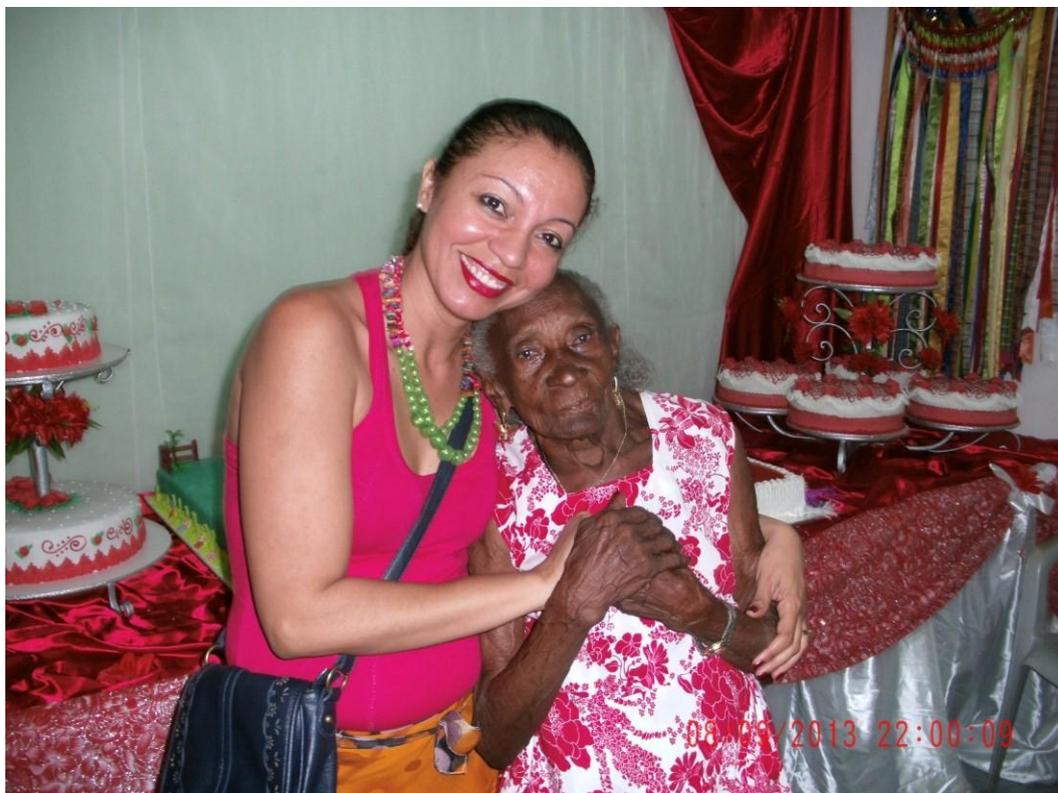


Foto: Ricarte Almeida Santos

ANEXO R1: A pesquisadora em companhia do professor Norton Correa, orientador da pesquisa, em frente à mesa de bolos na festa de morte do *Boi* de Leonardo.



ANEXO S1: A pesquisadora em campo no povoado Santa Maria dos Vieiras/MA, em companhia do professor Norton Correa, orientador da pesquisa.



ANEXO T1: Autorização da Delegacia de Costumes e Diversões Públicas para apresentações do Tambor de Crioula de Leonardo exposta em Mural da sede


 ESTADO DO MARANHÃO
 SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
 DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA CIVIL
 SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍCIA CIVIL DA CAPITAL
DELEGACIA DE COSTUMES E DIVERSÕES PÚBLICAS
 Rua da Palma, Centro, 3214-8652/8653.

GRATUITA

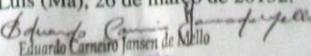
AUTORIZAÇÃO FOLCLÓRICA

Após as formalidades legais e de acordo com o Decreto n.º 5068/73, Artigo 47 (“... por constituírem eventos tradicionais, sem fins lucrativos, consagrados pelo povo a fazerem parte da cultura maranhense, bumba-meu-boi, quadrilha, tambor de mina, tambor de crioula, e similares, serão licenciados sem as exigências de que trata o artigo 10 deste Decreto.”), Lei Estadual n.º 8364/06, AUTORIZAMOS a realização de:

EVENTO	TAMBOR DE CRIOULA
ENDEREÇO	RUA ALBERTO DE OLIVEIRA, 150, LIBERDADE.
RESPONSÁVEL	CLAUDIA REGINA AYELAR SANTOS
CNPJ/CPF/RG	04.135.597/0001-32
PERÍODO	30 de MARÇO de 2013
HORÁRIO	20:00 às 03:00 horas (do dia seguinte)

ATENÇÃO

1. A validade desta autorização está condicionada a apresentação das autorizações emitidas pela Prefeitura Municipal, Corpo de Bombeiro, Secretaria do Meio Ambiente e Vigilância Sanitária. Para eventos que irão utilizar espaço Público: “Blitz Urbana, SMTT e Meio Ambiente”;
2. É obrigatório o cumprimento do horário estipulado;
3. O volume de som não pode ultrapassar aos limites legais, principalmente nas zonas residenciais, por se constituir ilícito penal (poluição sonora e perturbação do sossego alheio);
4. É proibida a venda de bebidas alcoólicas à menor de 18 anos de idade, bem como o fornecimento a pessoas embriagadas e doentes mentais;
5. O não cumprimento dos itens acima ou a constatação de qualquer irregularidade, poderá ocasionar a cassação da referida Autorização.

São Luís (Ma), 26 de março de 2013.

 Eduardo Carneiro Jansen de Azeite
 Delegado de Polícia
 Matr.: 583237

10/05/2013 10:01:58

88228733
 CML

ANEXO U1: Ofício solicitando policiamento no período da festa de morte do *Boi* de Leonardo afixado no mural da sede.

CEP: 65055-0

liberdade

Cópia

Ofício nº 02/2013

São Luis, 07 de agosto de 2013.

Ao Comando da Polícia Militar
do Estado do Maranhão

Assunto: Solicitação de Viaturas para Morte do Boi da Liberdade

Prezado (a) Senhor (a),

A Sociedade Junina Bumba Meu Boi da Liberdade, vem através do seu representante legal a Sra. Cláudia Regina Avelar Santos, solicitar de V.S.a **VIATURAS** para dar suporte durante os festejos da **Morte do Bumba Meu Boi da Liberdade**, no sotaque de Zabumba nos dias: **08, 09, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 de setembro de 2013**, a realizar-se na sede do Boi, com endereço na Rua Alberto de Oliveira, 150 – bairro da Liberdade com início as 17h00min. e término as 02h00min da manhã.

Na oportunidade, presto considerações de elevada estima.

Atenciosamente,

[Assinatura]
Cláudia Regina Avelar Santos
Representante

09/09/2013 18:39:46

Protocolo nº 12.130408
SERVIÇO DE TRAMITAÇÃO
PROCESSO nº 101378
DOCUMENTO nº
DATA 19.08.2013
[Assinatura]

U1- Jose Ribamar Leal
02- B...

ANEXO V1: Rascunho sobre valores das apresentações realizadas em 2013 exposto em Mural da sede

PROGRAMAÇÃO DO BOI 2013

DIA 13/06 às 21h00min – CASA DE Dra. MÁRCIA – 350,00 777

DIA 15/06 às 19h30min – ARRAIAL DA CEMAR (Liga) 777

DIA 20/06 às 22h00min – ARRAIAL DA LAGOA DA JNSEN (Estado) 1000,00
48
48

DIA 22/06 às 20h00min – ARRAIAL DO ANIL (Cortesia dos Foliões) 900,00

DIA 22/06 às 00h30min – ARRAIAL DO COHATRAC (Município) 700,00

DIA 23/06 BATIZADO DO BOI

DIA 24/06 às 21h30min – ARRAIAL DA VILA EMBRATEL (Estado) 450,00 777

~~DIA 26/06 às 20h00min – CENTRO DE CONVENÇÕES/SEBRAE (Liga)~~ 900,00

DIA 26/06 às 21h00min – PRAÇA NAURO MACHADO/REVIVER (Estado)

DIA 26/06 às 22h00min – PRAÇA MARIA ARAGÃO (Município)

DIA 26/06 às 23h00min – PRAÇA DA SAUDADE (Estado) + 900,00

DIA 28/06 às 17h00min – CORTEJO PRAÇA DEODORO (Estado)

DI 28/06 às 20h00min – CEPRAMA (Estado)

DIA 28/06 às 22h00min – VILA PALMEIRA (Estado)

DIA 28/06 às 23h00min – CASA DE LOLÓ

DIA 28/06 – às 00h30 – CASA NA MADRE DEUS

DIA 28/06 às 02h30min – CASA DE DONA MUNDICA/MADRE DEUS

1.000,00

1.800
450 4000,00

Foto: Marla Silveira

ANEXO W1 - Programação completa 2013 do Maranhão Vale Festejar

Dias 05 a 28 de Julho 2013

(Somente nas Sextas, Sábados e Domingos)

Onde: Arraial da Lagoa da Jansen

Sobre o Vale Festejar:

Arraial fora de Época voltado para os turistas patrocinado pela VALE

05 DE JULHO (SEXTA)	
18:00	Tambor de Crioula de Anivô
18:30	Dança Portuguesa Arte e Beleza de Portugal
19:00	Lelê de São Simão
19:30	Cia. Encantar
20:00	Boi Mocidade de Pinheiro
20:30	Boi de Santa Fé
21:00	Bozinho Barrica
22:00	Boi de Axixá
23:00	Boi da Fé em Deus
00:00	Boi da Maioba
06 DE JULHO (SÁBADO)	
18:00	Dança Portuguesa Império de Lisboa do Maiobão
18:30	Quadrilha Flor do Amor da Estiva
19:00	Boi Magia e Encanto da Ilha
19:30	Boi Mocidade de Rosário
20:00	Boi Unidos Venceremos
20:30	Boi de Pindaré
21:00	Boi de São Simão
22:00	Boi da Floresta
23:00	Boi de Maracanã
00:00	Boi de Nina Rodrigues
07 DE JULHO (DOMINGO)	
18:00	Banda do Bom Menino
18:30	Banda do Bom Menino
19:00	Amos da Ilha
19:30	Amos da Ilha
20:00	Boi Meu Tamarineiro
20:30	Boi União da Baixada
21:00	Cacuriá de Dona Teté
22:00	Boi de Leonardo
23:00	Boi da Pindoba
00:00	Boi de Morros
12 DE JULHO (SEXTA)	
18:00	Tambor de Crioula da Fé em Deus
18:30	Boi do Centro Histórico
19:00	Grupo Piaçaba
19:30	Boi Encanto do Olho D'água
20:00	Boi São Cristovão de Viana
20:30	Boi de Leonardo
21:00	Bozinho Barrica
21:30	-----

22:00	Boi da Madre Deus
23:00	Boi de Santa Fé
00:00	Boi de Maracanã
13 DE JULHO (SÁBADO)	
18:00	Dança Portuguesa Tradição de Portugal
18:30	Quadrilha Formosinha do Sertão
19:00	Barriquinha
19:30	Boi Mocidade Axixaense
20:00	Boi de Guimarães
20:30	Boi Engenho de Pindaré
21:00	Boi Meu Tamarineiro
21:30	Boi de Seu Teodoro
22:00	Boi de São José de Ribamar
23:00	Boi da Axixá
00:00	Boi da Maioba
14 DE JULHO (DOMINGO)	
18:00	Banda do Bom Menino
18:30	Banda do Bom Menino
19:00	Amos do Pindaré
19:30	Amos do Pindaré
20:00	Boi da Fé em Deus
20:30	Boi da Floresta
21:00	Boi Brilho da Ilha
21:30	-----
22:00	Boi do Maiobão
23:00	Boi de Presidente Juscelino
00:00	Boi de Morros
19 DE JULHO (SEXTA)	
18:00	Tambor de Crioula de Apolônio
18:30	Coco Pirinã
19:00	Boi Magia e Encanto da Ilha
19:30	Boi de Cururupu de Rama Santa
20:00	Boi de Sonhos
20:30	Boi de Cofo de São Bento
21:00	Bozinho Barrica
22:00	Boi da Madre Deus
23:00	Boi de Morros
00:00	Boi de São José de Ribamar
20 DE JULHO (SÁBADO)	
18:00	Dança Portuguesa Majestade de Coimbra
18:30	Quadrilha Flor do Sertão do Monte Castelo
19:00	Grupo Sotaque
19:30	Boi de Corocatá
20:00	Boi de São Simão
20:30	Boi da Fé em Deus
21:00	Boi Brilho da Terra
22:00	Boi Novilho Branco
23:00	Boi de Iguaíba
00:00	Boi de Nina Rodrigues
21 DE JULHO (DOMINGO)	
18:00	Banda do Bom Menino
18:30	Banda do Bom Menino

19:00	Amos de Zabumba
19:30	Amos de Zabumba
20:00	Boi Encanto da Ilha
20:30	Boi Oriente
21:00	Cacuriá de Dona Teté
22:00	Boi Presidente Juscelino
23:00	Boi da Pindoba
00:00	Boi de Axixá
26 DE JULHO (SEXTA)	
18:00	Tambor de Crioula de Leonardo
18:30	Boi da Lua
19:00	Grupo Piaçaba
19:30	Boi de Arari
20:00	Boi Meu Tamarineiro
20:30	Boi da Floresta
21:00	Bozinho Barrica
22:00	Boi do João Paulo
23:00	Boi Brilho da Ilha
00:00	Boi de Maracanã
27 DE JULHO (SÁBADO)	
18:00	Folia Junina
18:30	Quadrilha Rosa Amarela
19:00	Baile de Caixa
19:30	Boi União da Baixada
20:00	20:00 Bozinho Encantado
20:30	Boi Brilho da Amizade
21:00	Boi do Upaon-Açú
22:00	Boi do Bairro de Fátima
23:00	Boi de Morros
00:00	Boi da Maioba
28 DE JULHO (DOMINGO)	
18:00	Banda do Bom Menino
18:30	Banda do Bom Menino
19:00	Amos da Ilha
19:30	Amos da Ilha
20:00	Boi de Santa Fé
20:30	Cia Barrica - Maranhão de Festejos
21:00	Boi de Leonardo
22:00	Boi de Axixá
23:00	Boi da Pindoba
00:00	Boi de Nina Rodrigues

Preço de Ingressos:

ENTRADA FRANCA

Realização:

Vale do Rio Doce

Fonte:

<http://kamaleao.com/saoluis/6263/maranhao-vale-festejar#ixzz2r3W9aSJY>

ANEXO Y1 - Programação completa 2012 do Maranhão Vale Festejar

De 12 a 29 de Julho 2012

No Arraial da Lagoa da Jansen

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

Quinta, 12 de Julho

- 19:00 Tambor da Fé em Deus
- 19:30 Coco Pirinã
- 20:00 Boi da Fé em Deus
- 20:45 Boi Mocidade de Rosário
- 21:30 Grupo Piaçaba
- 22:30 Boi de Upaon-Açú
- 23:30 Boi da Maioba
- 00:30 Boi de Nina Rodrigues

Sexta, 13 de Julho

- 19:00 Dança Portuguesa Mensageiro do Bom Jesus
- 19:30 Boi Brilho da Amizade
- 20:00 Dança do Ielê
- 20:45 Boi da Floresta
- 21:30 **Boi de Leonardo**
- 22:30 Boizinho Barrica
- 23:30 Boi da Madre Deus
- 00:30 Boi de Maracanã

Sábado, 14 de Julho

- 19:00 Barriquinha
- 19:30 Boi Meu Tamarineiro
- 20:00 Boi de Cofo de São Bento
- 20:45 Boi Magia e Encanto
- 21:30 Boi União da Baixada
- 22:30 Boi de Guimarães
- 23:30 Boi Brilho da Ilha
- 00:30 Boi de São José de Ribamar

Domingo, 15 de Julho

- 19:00 Banda do Bom Menino
- 19:30 Amos da Ilha
- 20:00 Amos da Baixada
- 20:45 Boi de São Simão
- 21:30 Boi de Santa Fé
- 22:30 Boi de Axixá
- 23:30 Boi da Pindoba
- 00:30 Boi de Morros

Quinta, 19 de Julho

- 19:00 Tambor Catarina Mina
- 19:30 Boizinho Incantado
- 20:00 Boi União da Baixada
- 20:45 Boi de Dona Zeca
- 21:30 Boi São Cristovão de Viana
- 22:30 Boi de Coroatá
- 23:30 Boi da Floresta
- 00:30 Boi de Morros

Sexta, 20 de Julho

- 19:00 Dança Port. Arte e Beleza de Portugal
- 19:30 Boi de Arari
- 20:00 Boi de Pindaré
- 20:45 Boi da Fé em Deus
- 21:30 Boi de Axixá
- 22:30 Boi do Maiobão
- **23:30 Boi de Leonardo**
- 00:30 Boi da Pindoba

Sábado, 21 de Julho

- 19:00 Quadrilha Princesinha do Sertão
- 19:30 Baile de Caixa
- 20:00 Boi do Centro Histórico
- 20:45 Boi Brilho da Terra
- 21:30 Boi Unidos Venceremos
- 22:30 Boi do João Paulo
- 23:30 Boi Presidente Jucelino
- 00:30 Boi da Maioba

Domingo, 22 de Julho

- 19:00 Banda do Bom Menino
- **19:30 Amos de Zabumba**
- **20:00 Amos de Zabumba**
- 20:45 Cacuriá de Dona Teté
- 21:30 Boizinho Barrica
- 22:30 Boi de Santa Fé
- 23:30 Boi de Iguaíba
- 00:30 Boi de Nina Rodrigues

Terça, 24 de julho

- 19:00 Tambor de Anivô
- 19:30 Dança Portuguesa Aliança Portuguesa do Bairro de Fátima
- 20:00 Grupo Sotaque
- 20:45 Boi Encanto do Olho D Água
- 21:30 Boi Rama Santa
- 22:30 Boizinho Barrica
- 23:30 Boi da Maioba
- 00:30 Boi de Morros

Quarta, 25 de Julho

- **19:00 Tambor de Leonardo**
- 19:30 Quadrilha Flor do Amor
- 20:00 Boi Encanto da Ilha
- 20:45 Boi do Bairro de Fátima
- 21:30 Boi Novilho Branco
- 22:30 Boi de Santa Fé
- 23:30 Boi de Maracanã
- 00:30 Boi de Axixá

Quinta, 26 de Julho

- 19:00 Tambor de Apolônio
- 19:30 Boi Capricho de Bom Jesus
- 20:00 Boi Lírio de São João
- 20:45 Cacuriá de Dona Teté
- 21:30 Boi de Presidente Juscelino
- 22:30 Boi da Mocidade Axixaense
- 23:30 Boi de Ribamar
- 00:30 Boi Brilho da Ilha

Sexta, 27 de Julho

- 19:00 Dança Port. Império de Portugal /Maiobão
- 19:30 Tambor de Crioula do Pai

- 20:00 Boi Engenho de Pindaré
- 20:45 Boi Meu Tamarineiro
- 21:30 Boi de São Simão
- 22:30 Boi de Nina Rodrigues
- 23:30 Boi da Madre Deus
- 00:30 Boizinho Barrica

Sábado, 28 de Julho

- 19:00 Quadrilha Formosinha do Sertão
- 19:30 Boi Oriente
- 20:00 Grupo Piaçaba
- 20:45 Boi da Fé em Deus
- 21:30 Boi Mocidade de Pinheiro
- 22:30 Boi da Lua
- 23:30 Boi do Maracanã
- 00:30 Boi de Morros

Domingo, 29 de Julho

- 19:00 Banda do Bom Menino
- 19:30 Amos da Ilha
- 20:00 Amos da Baixada
- 20:45 Boi de Leonardo
- 21:30 Boi de Axixa
- 22:30 Boi da Floresta
- 23:30 Boi da Pindoba
- 00:30 Cia Barrica "Maranhão de Festejos"

Fonte:

<http://www.maranhaovalefestejar.com.br/2012/?p=13>

